

# ARTE EM FERRO:

um registro dos ornamentos na arquitetura residencial  
do Centro Histórico da cidade de João Pessoa

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE TECNOLOGIA  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

**MAÍSA ALANA ALVES DE SOUSA GOMES**

**ARTE EM FERRO: UM REGISTRO DOS ORNAMENTOS  
NA ARQUITETURA RESIDENCIAL DO CENTRO  
HISTÓRICO DA CIDADE DE JOÃO PESSOA**

JOÃO PESSOA  
2025

**MAÍSA ALANA ALVES DE SOUSA GOMES**

**ARTE EM FERRO: UM REGISTRO DOS ORNAMENTOS  
NA ARQUITETURA RESIDENCIAL DO CENTRO  
HISTÓRICO DA CIDADE DE JOÃO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho**  
Orientador

**Profa. Dra. Adriana Leal de Almeida Freire**  
Examinadora interna

**Profa. Dra. Maria Helena Andrade de Azevedo**  
Examinadora externa

JOÃO PESSOA  
2025

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

G633a Gomes, Maísa Alana Alves de Sousa.

Arte em ferro: um registro dos ornamentos na arquitetura residencial do Centro Histórico da cidade de João Pessoa / Maísa Alana Alves de Sousa Gomes. - João Pessoa, 2025.

192 f. : il.

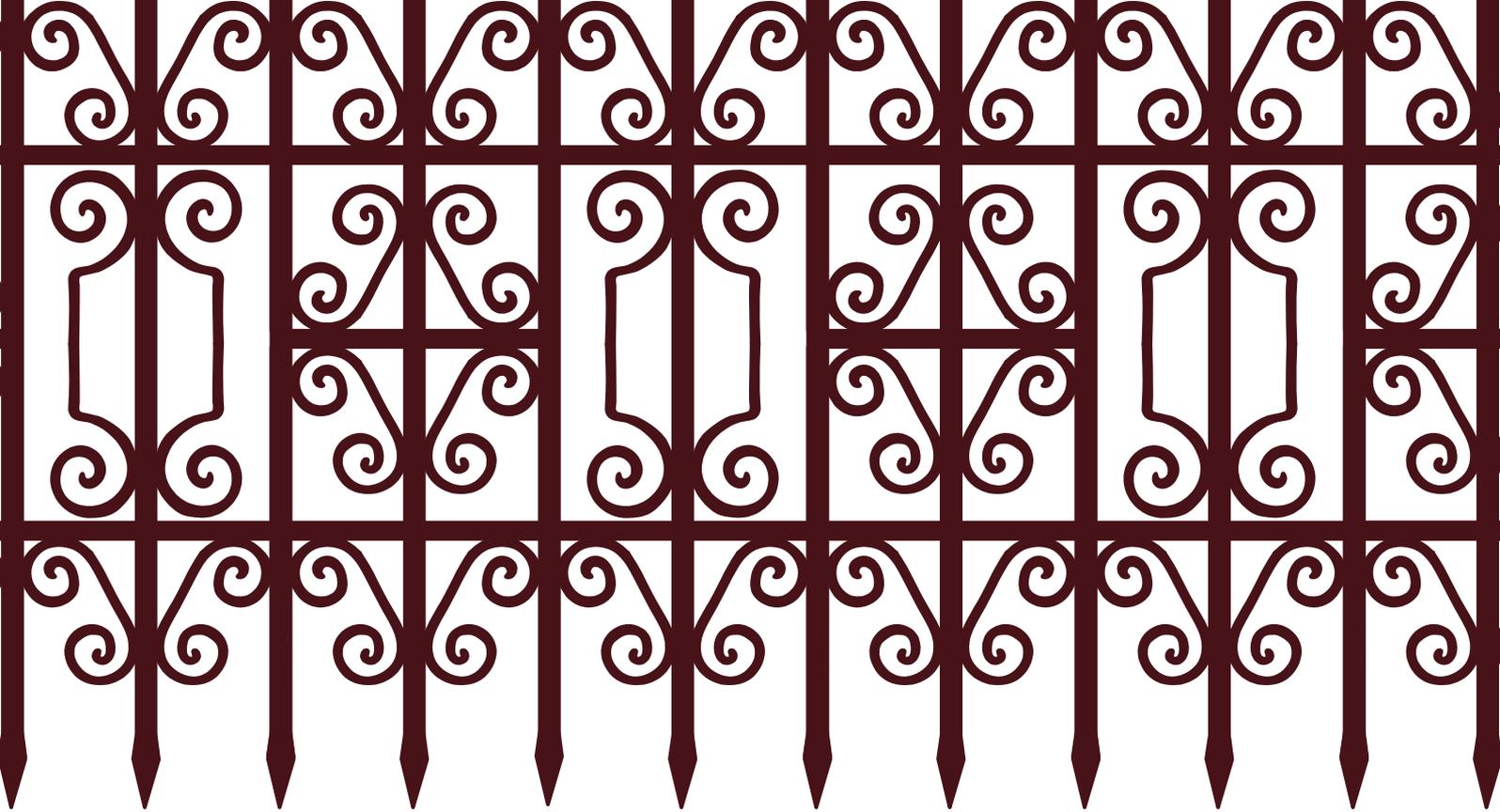
Orientação: Ivan Cavalcanti Filho.

TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Ornamento. 2. Ferro. 3. Arquitetura residencial. 4. Centro Histórico. 5. João Pessoa. I. Cavalcanti Filho, Ivan. II. Título.

UFPB/BSCT

CDU 72(043.2)



*A todos aqueles que acreditam em mim,  
às vezes até mais do que eu mesma.*

## AGRADECIMENTOS



Embora este trabalho, que demarca o fim da minha trajetória no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), seja fruto de um esforço individual, é necessário prestar os devidos agradecimentos àqueles que tornaram possível chegar até aqui.

Primeiramente, ao Grande Arquiteto do Universo, que tudo rege e ordena desde o princípio, por seu infinito amor e sabedoria.

Aos meus guias espirituais, por não desistirem de interceder e iluminar meus passos, mesmo diante da minha constante teimosia e ceticismo.

Aos meus pais, por todo o investimento, apoio e confiança em mim depositados para que eu pudesse concluir esta jornada.

Aos meus irmãos, por toda a parceria e cumplicidade ao longo de uma vida, especialmente ao meu irmão mais novo, que me acompanhou em algumas etapas desta pesquisa.

Aos meus amigos, por nunca duvidarem da minha capacidade de realizar qualquer feito.

Ao meu amado, por curar feridas, preencher espaços, abrir caminhos e nutrir sonhos dentro de mim como só um amor bonito e generoso poderia fazer.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho, pelo seu tempo, paciência, zelo e dedicação ofertados a mim e à pesquisa que culminou neste trabalho.

Às professoras Adriana Leal e Maria Helena Azevedo, pelas contribuições feitas ao trabalho durante a qualificação e por gentilmente aceitarem compor a banca examinadora.

Aos demais professores, especialmente à Profa. Marcele Trigueiro, à Profa. Juliana Costa, à Profa. Wynna Vidal, à Profa. Berthilde Moura, ao Prof. Marcos Santana e à Profa. Marília Dieb, por todos os ensinamentos valiosos e por sempre manterem-se sensíveis e atentos aos seus alunos.

Ao Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória 2 (LPPM 2), pela acolhida durante os anos em que estive presente.

Aos colegas que fizeram parte da minha formação, pelo companheirismo e amizade partilhados nos momentos alegres e tristes.

Por fim, mas não menos importante, aos técnicos administrativos da coordenação do curso, Quézia Camboim e Diego Amorim, e aos demais servidores desta instituição, por todo o suporte dado ao corpo discente.



*“Arquitetura é invenção, mas é também tradição. É preciso conhecer a história da arquitetura para poder inovar.”*

**— Oscar Niemeyer**

## RESUMO



O ferro, apesar de conhecido desde a Antiguidade, difundiu-se enquanto material construtivo a partir do século XV, com a invenção do alto-forno na Grã-Bretanha. Após a Primeira Revolução Industrial, destacou-se no contexto europeu pela sua capacidade de conferir resistência e traduzir progresso e modernidade. Mesmo sendo utilizado de forma inexpressiva desde o período colonial, foi apenas no século XIX que ganhou destaque no Brasil e teve seu emprego ligado a importantes transformações urbanas nos grandes centros do país. Em João Pessoa, apareceu, principalmente, como elemento integrado à arquitetura residencial da cidade com o propósito de valorizá-la e embelezá-la, manifestando-se através de ornamentos em diversas linguagens arquitetônicas, tais como neoclassicismo, ecletismo, *Art Nouveau*, neocolonial e *Art Déco*. Considerando o exposto, este trabalho tem como objetivo registrar e analisar, sob o ponto de vista histórico e formal, os ornamentos em ferro presentes na arquitetura residencial situada em alguns logradouros do atual Centro Histórico que fizeram parte do processo de expansão e transformação urbana de João Pessoa, antiga cidade da Parahyba, entre o final do século XIX e o início do século XX. Utilizando-se da metodologia quali-quantitativa, a pesquisa foi realizada segundo as etapas que seguem: i) levantamento de campo realizado nos bairros de Tambiá, Centro, Trincheiras e Jaguaribe para identificação e mapeamento das edificações com potencial para o estudo; ii) registro fotográfico das edificações escolhidas e dos ornamentos em ferro nelas contidos; iii) redesenho digital através de *softwares* de representação gráfica dos ornamentos em ferro situados nas fachadas e/ou nos limites do lote; e, iv) processamento dos dados obtidos, no qual houve a sistematização e análise das edificações eleitas e seus ornamentos em ferro. Levando em consideração a carência de estudos sobre o tema, o trabalho justifica-se por sua contribuição à pesquisa e preservação do patrimônio histórico da capital paraibana, gerando registros fotográficos das edificações estudadas e de seus ornamentos em ferro, além de sua memória gráfica com vistas ao seu armazenamento e divulgação à comunidade acadêmica e à sociedade. A importância da pesquisa é ainda maior na medida em que tal patrimônio tem sido reiteradamente descaracterizado, depredado, arruinado, estando suscetível a um completo desaparecimento em pouco tempo. Os resultados da pesquisa atestam a expressiva presença do ornamento em ferro nas fachadas e/ou limites do lote de edificações residenciais situadas no Centro Histórico de João Pessoa, no perímetro de proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). Foram registrados os ornamentos em ferro de cinquenta imóveis, os quais apresentam uma grande diversidade de formas e padrões variando entre motivos geométricos, orgânicos e mistos, sendo muitos deles recorrentes.

**Palavras-chave:** ornamento; ferro; arquitetura residencial; Centro Histórico; João Pessoa.

## ABSTRACT



Although iron has been known since antiquity, it became widespread as a building material in the 15th century, with the invention of the blast furnace in Great Britain. After the First Industrial Revolution, it stood out in the European context for its ability to provide resistance and translate progress and modernity. Although it had been used inexpressively since the colonial period, it was only in the 19th century that it gained prominence in Brazil and its use was linked to important urban transformations in the country's major centers. In Joao Pessoa, it appeared mainly as an element integrated into the city's residential architecture with the aim of enhancing and embellishing it, manifesting itself through ornaments in various architectural languages, such as neoclassicism, eclecticism, Art Nouveau, neocolonial and Art Deco. Considering the above, the aim of this work is to record and analyze, from a historical and formal point of view, the iron ornaments present in the residential architecture located in some areas of the current Historic Centre that were part of the process of urban expansion and transformation of Joao Pessoa, the former city of Parahyba, between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. Using a qualitative and quantitative methodology, the research was carried out according to the following stages: i) a field survey carried out in the districts of Tambia, Centro, Trincheiras and Jaguaribe to identify and map the buildings with potential for study; ii) photographic recording of the chosen buildings and the iron ornaments they contain; iii) digital redesign using software to graphically represent the iron ornaments located on the façades and/or plot boundaries; and iv) processing of the data obtained, in which the chosen buildings and their iron ornaments were systematized and analyzed. Taking into account the lack of studies on the subject, the work is justified by its contribution to research and preservation of the historical heritage of the capital of Paraíba, generating photographic records of the buildings studied and their iron ornaments, as well as their graphic memory with a view to its storage and dissemination to the academic community and society. The importance of the research is even greater as this heritage has been repeatedly mischaracterized, plundered and ruined, and is susceptible to complete disappearance in a short time. The results of the research attest to the significant presence of iron ornaments on the façades and/or plot boundaries of residential buildings located in the Historic Center of Joao Pessoa, within the protection perimeter of the Paraíba State Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAEP). The iron ornaments of fifty properties were recorded. They have a wide variety of shapes and patterns, ranging from geometric to organic and mixed motifs, many of which are recurring.

**Keywords:** ornament; iron; residential architecture; Historic Centre; Joao Pessoa.

## LISTA DE FIGURAS



|   |           |
|---|-----------|
| <b>Figura 01</b> - Baixo-relevo em argamassa na antiga Boaventura da Silva & Ferreira e atual lanchonete Parque Royal, fachada de 1905, no Largo de São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, Brasil ..... | <b>27</b> |
| <b>Figura 02</b> - Painel de azulejos no Clube dos Democráticos, projeto de 1930, localizado na Rua do Riachuelo, no Rio de Janeiro, Brasil .....   | <b>28</b> |
| <b>Figura 03</b> - Página de ilustrações de ornamentos egípcios retirada do livro <i>The Grammar of Ornament</i> (1856), de Owen Jones .....  | <b>29</b> |
| <b>Figura 04</b> - Exterior da Villa Müller, em Praga, República Tcheca, projetada e construída em 1930 por Adolf Loos, arquiteto e autor da obra <i>Ornament and Crime</i> (1913) .....                    | <b>30</b> |
| <b>Figura 05</b> - Colunas esculpidas do Templo de Ramsés III em Medinet Habu, em Luxor, Egito .....  | <b>31</b> |
| <b>Figura 06</b> - Detalhe do frontão leste do Parthenon, em Atenas, Grécia .....   | <b>32</b> |
| <b>Figura 07</b> - Interior da Basílica de Saint-Denis, em Paris, França .....  | <b>32</b> |
| <b>Figura 08</b> - Basílica de São Pedro, no Vaticano .....   | <b>33</b> |
| <b>Figura 09</b> - Interior do Amalienburg, famoso castelo no estilo rococó, em Munique, Alemanha .....   | <b>34</b> |
| <b>Figura 10</b> - Exterior da Universidade de Virginia, nos Estados Unidos .....   | <b>35</b> |
| <b>Figura 11</b> - Ilustração do Palácio de Cristal (1851), em Londres, Inglaterra .....  | <b>37</b> |
| <b>Figura 12</b> - Torre Eiffel (1889), em Paris, França .....  | <b>38</b> |
| <b>Figura 13</b> - Capa de um catálogo de ornamentos em ferro da MacFarlane & Co. (1885), Glasgow, Escócia .....  | <b>40</b> |
| <b>Figura 14</b> - Página de um catálogo da MacFarlane & Co. com gradis em ferro .....  | <b>42</b> |
| <b>Figura 15</b> - Ilustração de um show room de ornamentos em ferro contida num catálogo da MacFarlane & Co. ....  | <b>43</b> |
| <b>Figura 16</b> - Portal de Brandemburgo, em Berlim, Alemanha .....  | <b>45</b> |
| <b>Figura 17</b> - Antigo Palácio Imperial em Petrópolis, Brasil .....  | <b>46</b> |
| <b>Figura 18</b> - Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, Brasil .....  | <b>46</b> |
| <b>Figura 19</b> - Ópera de Paris, França .....   | <b>47</b> |
| <b>Figura 20</b> - Estação da Luz em São Paulo, Brasil .....  | <b>48</b> |
| <b>Figura 21</b> - Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Brasil .....  | <b>49</b> |
| <b>Figura 22</b> - Interior da Casa Tassel, projetada por Victor Horta, em Bruxelas, Bélgica .....  | <b>50</b> |
| <b>Figura 23</b> - Fachada da Vila Penteado em São Paulo, Brasil .....  | <b>51</b> |
| <b>Figura 24</b> - Detalhe do guarda-corpo em ferro da Vila Penteado, em São Paulo, Brasil .....  | <b>51</b> |
| <b>Figura 25</b> - Fachada de um edifício neocolonial em Los Angeles, Estados Unidos .....  | <b>53</b> |
| <b>Figura 26</b> - Prédio da Escola Normal, no Rio de Janeiro, Brasil .....   | <b>54</b> |
| <b>Figura 27</b> - Chrysler Building, em Nova Iorque, Estados Unidos .....  | <b>56</b> |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Figura 28</b> - Edifício Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, Brasil .....   | <b>56</b> |
| <b>Figura 29</b> - Residência em ferro erguida no final do século XIX para a família de Francisco do Rêgo Barros de Lacerda, em Recife, um exemplar pouco comum no Brasil ..... | <b>58</b> |
| <b>Figura 30</b> - Coreto em ferro no catálogo da MacFarlane & Co. ....   | <b>59</b> |
| <b>Figura 31</b> - Exemplos de gradis em ferro contidos em catálogo da MacFarlane & Co. ....  | <b>60</b> |
| <b>Figura 32</b> - Ilustração de residência com recuo lateral no final do século XIX .....  | <b>61</b> |
| <b>Figura 33</b> - A cidade da Parahyba vista a partir do Rio Sanhauá no começo do século XX .....  | <b>65</b> |
| <b>Figura 34</b> - Planta da cidade de João Pessoa em 1930 .....  | <b>67</b> |
| <b>Figura 35</b> - Vista do Parque Sólon de Lucena e da Avenida Getúlio Vargas entre os anos 1940-1950 .....  | <b>68</b> |
| <b>Figura 36</b> - Vista da Rua das Trincheiras com sua icônica balaustrada, ao lado esquerdo, nos anos 1920 .....  | <b>69</b> |
| <b>Figura 37</b> - Fachada principal do imóvel localizado na Rua Duque de Caxias, 47, Centro ...  | <b>71</b> |
| <b>Figura 38</b> - Fachada principal do imóvel localizado na Praça Dom Adauto, 58, Centro .....   | <b>72</b> |
| <b>Figura 39</b> - Fachada principal do imóvel localizado na Rua das Trincheiras, 482, Trincheiras .....  | <b>73</b> |
| <b>Figura 40</b> - Fachada principal do imóvel localizado na Rua Deputado Odon Bezerra, 334, Centro .....   | <b>74</b> |
| <b>Figura 41</b> - Fachada principal do imóvel localizado na Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 181, Tambiá .....   | <b>74</b> |
| <b>Figura 42</b> - Novo perímetro do Centro Histórico de João Pessoa (2004) .....   | <b>76</b> |
| <b>Figura 43</b> - Gradil frontal e portão do imóvel localizado na Rua das Trincheiras, 104, Trincheiras .....  | <b>79</b> |
| <b>Figura 44</b> - Gradil frontal do imóvel localizado na Avenida Dom Pedro I, 92, Centro .....   | <b>80</b> |
| <b>Figura 45</b> - Guarda-corpo do imóvel localizado na Avenida General Osório, 164, Centro ...   | <b>81</b> |
| <b>Figura 46</b> - Caixilho de porta do imóvel localizado na Rua Deputado Odon Bezerra, 111, Tambiá .....   | <b>82</b> |
| <b>Figura 47</b> - Bandeira de porta do imóvel localizado na Praça Dom Adauto, 44, Centro .....   | <b>83</b> |
| <b>Figura 48</b> - Seteira do imóvel localizado na Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 141, Tambiá .....   | <b>84</b> |
| <b>Figura 49</b> - Gradil do porão alto do imóvel localizado na Rua das Trincheiras, 482, Trincheiras .....   | <b>85</b> |
| <b>Figura 50</b> - Luminária da entrada do imóvel localizado na Rua das Trincheiras, 736, Trincheiras .....   | <b>86</b> |
| <b>Figura 51</b> - Coberta com pilarete do imóvel localizado na Rua Deputado Odon Bezerra, 184, Tambiá .....  | <b>87</b> |
| <b>Figura 52</b> - Detalhe do pilarete do imóvel localizado na Rua Deputado Odon Bezerra, 184, Tambiá .....   | <b>87</b> |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Figura 53</b> - Anúncio no jornal "A União", 24 de dezembro de 1932 .....   | <b>90</b>  |
| <b>Figura 54</b> - Anúncio no jornal "A União", 04 de outubro de 1950 .....  | <b>90</b>  |
| <b>Figura 55</b> - Anúncio no jornal "A União", 09 de agosto de 1934 .....   | <b>90</b>  |
| <b>Figura 56</b> - Exemplo de casa térrea geminada .....   | <b>96</b>  |
| <b>Figura 57</b> - Exemplo de casa térrea geminada com um dos recuos laterais .....  | <b>96</b>  |
| <b>Figura 58</b> - Exemplo de casa térrea com os dois recuos laterais .....  | <b>96</b>  |
| <b>Figura 59</b> - Exemplo de casa térrea solta dos limites do lote .....  | <b>96</b>  |
| <b>Figura 60</b> - Exemplo de sobrado com os dois recuos laterais .....  | <b>96</b>  |
| <b>Figura 61</b> - Exemplo de sobrado solto dos limites do lote .....  | <b>96</b>  |
| <b>Figura 62</b> - Palacete eclético à Rua Deputado Odon Bezerra, 334, Centro .....  | <b>99</b>  |
| <b>Figura 63</b> - Casa neocolonial à Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 607, Tambiá .....                                   | <b>100</b> |
| <b>Figura 64</b> - Exemplo de imóvel com fachada com índice bom .....  | <b>103</b> |
| <b>Figura 65</b> - Exemplo de imóvel com fachada com índice bom .....  | <b>103</b> |
| <b>Figura 66</b> - Exemplo de imóvel com fachada com índice regular .....  | <b>103</b> |
| <b>Figura 67</b> - Exemplo de imóvel com fachada com índice regular .....  | <b>103</b> |
| <b>Figura 68</b> - Exemplo de imóvel com fachada com índice ruim .....   | <b>104</b> |
| <b>Figura 69</b> - Exemplo de imóvel com fachada com índice ruim .....   | <b>104</b> |
| <b>Figura 70</b> - Exemplo de imóvel com fachada ainda original à Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 715, Centro .....       | <b>105</b> |
| <b>Figura 71</b> - Exemplo de imóvel com fachada modificada à Rua das Trincheiras, 821, Jaguaribe .....                    | <b>105</b> |
| <b>Figura 72</b> - Exemplo de portão de entrada em imóvel à Praça Dom Adauto, 58, Centro ...                               | <b>106</b> |
| <b>Figura 73</b> - Portão de entrada redesenhado em imóvel à Praça Dom Adauto, 58, Centro                                  | <b>106</b> |
| <b>Figura 74</b> - Exemplo de gradil frontal em imóvel à Avenida Capitão José Pessoa, 128, Jaguaribe .....                 | <b>107</b> |
| <b>Figura 75</b> - Gradil frontal redesenhado em imóvel à Avenida Capitão José Pessoa, 128, Jaguaribe .....                | <b>107</b> |
| <b>Figura 76</b> - Imóvel à Rua das Trincheiras, 498, Trincheiras .....  | <b>108</b> |
| <b>Figura 77</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 498, Trincheiras .....              | <b>108</b> |
| <b>Figura 78</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 498, Trincheiras ..... | <b>108</b> |
| <b>Figura 79</b> - Imóvel à Avenida Presidente Getúlio Vargas, 277, Centro .....   | <b>109</b> |
| <b>Figura 80</b> - Gradil frontal em imóvel à Avenida Presidente Getúlio Vargas, 277, Centro ....                          | <b>109</b> |
| <b>Figura 81</b> - Gradil frontal redesenhado em imóvel à Avenida Presidente Getúlio Vargas, 277, Centro .....             | <b>109</b> |
| <b>Figura 82</b> - Imóvel à Avenida João da Mata, 185, Jaguaribe .....   | <b>109</b> |
| <b>Figura 83</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João da Mata, 185, Jaguaribe .....               | <b>109</b> |

|   |            |
|---|------------|
| <b>Figura 84</b> - Gradil frontal redesenhado em imóvel à Avenida João da Mata, 185, Jaguaribe .....                        | <b>110</b> |
| <b>Figura 85</b> - Portão de entrada em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 237, Tambiá .....                               | <b>114</b> |
| <b>Figura 86</b> - Portão de entrada redesenhado em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 237, Tambiá .....                   | <b>114</b> |
| <b>Figura 87</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 334, Centro .....              | <b>114</b> |
| <b>Figura 88</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 334, Centro ..... | <b>114</b> |
| <b>Figura 89</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 100, Centro .....              | <b>114</b> |
| <b>Figura 90</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 100, Centro ..... | <b>114</b> |
| <b>Figura 91</b> - Portão de entrada em imóvel à Praça Dom Adauto, 58, Centro .....   | <b>115</b> |
| <b>Figura 92</b> - Portão de entrada redesenhado em imóvel à Praça Dom Adauto, 58, Centro .....                             | <b>115</b> |
| <b>Figura 93</b> - Portão de entrada em imóvel à Rua Duque de Caxias, 198, Centro .....                                     | <b>115</b> |
| <b>Figura 94</b> - Portão de entrada redesenhado em imóvel à Rua Duque de Caxias, 198, Centro .....                         | <b>115</b> |
| <b>Figura 95</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua Duque de Caxias, 198, Centro .....                    | <b>115</b> |
| <b>Figura 96</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua Duque de Caxias, 198, Centro .....       | <b>115</b> |
| <b>Figura 97</b> - Guarda-corpo em imóvel à Praça Dom Ulrico, 63, Centro .....  | <b>116</b> |
| <b>Figura 98</b> - Guarda-corpo redesenhado em imóvel à Praça Dom Ulrico, 63, Centro .....                                  | <b>116</b> |
| <b>Figura 99</b> - Guarda-corpo em imóvel à Praça Dom Adauto, 13, Centro .....  | <b>116</b> |
| <b>Figura 100</b> - Guarda-corpo redesenhado em imóvel à Praça Dom Adauto, 13, Centro .....                                 | <b>116</b> |
| <b>Figura 101</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João Machado, 394, Jaguaribe .....               | <b>116</b> |
| <b>Figura 102</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida João Machado, 394, Jaguaribe .....  | <b>116</b> |
| <b>Figura 103</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João da Mata, 133, Jaguaribe .....               | <b>117</b> |
| <b>Figura 104</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida João da Mata, 133, Jaguaribe .....  | <b>117</b> |
| <b>Figura 105</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João da Mata, 185, Jaguaribe .....               | <b>117</b> |
| <b>Figura 106</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida João da Mata, 185, Jaguaribe .....  | <b>117</b> |
| <b>Figura 107</b> - Portão de entrada em imóvel à Rua Rodrigues de Aquino, 73, Centro .....                                 | <b>117</b> |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Figura 108</b> - Portão de entrada redesenhado em imóvel à Rua Rodrigues de Aquino, 73, Centro .....                            | <b>117</b> |
| <b>Figura 109</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 104, Trincheiras .....                     | <b>118</b> |
| <b>Figura 110</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 104, Trincheiras .....        | <b>118</b> |
| <b>Figura 111</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 527, Jaguaribe .....                       | <b>118</b> |
| <b>Figura 112</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 527, Jaguaribe .....          | <b>118</b> |
| <b>Figura 113</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João Machado, 282, Jaguaribe .....                      | <b>118</b> |
| <b>Figura 114</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida João Machado, 282, Jaguaribe .....         | <b>118</b> |
| <b>Figura 115</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João Machado, 348, Jaguaribe .....                      | <b>119</b> |
| <b>Figura 116</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida João Machado, 348, Jaguaribe .....         | <b>119</b> |
| <b>Figura 117</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 498, Trincheiras .....                     | <b>119</b> |
| <b>Figura 118</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 498, Trincheiras .....        | <b>119</b> |
| <b>Figura 119</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 736, Trincheiras .....                     | <b>119</b> |
| <b>Figura 120</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 736, Trincheiras .....                     | <b>119</b> |
| <b>Figura 121</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 632, Centro .....              | <b>120</b> |
| <b>Figura 122</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 632, Centro ..... | <b>120</b> |
| <b>Figura 123</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 619, Jaguaribe .....                       | <b>120</b> |
| <b>Figura 124</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 619, Jaguaribe .....          | <b>120</b> |
| <b>Figura 125</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 275, Centro .....                          | <b>120</b> |
| <b>Figura 126</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 275, Centro .....             | <b>120</b> |
| <b>Figura 127</b> - Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 482, Trincheiras .....                     | <b>120</b> |

|   |            |
|---|------------|
| Trincheiras .....   | <b>121</b> |
| <b>Figura 128</b> - Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 482, Trincheiras ..... | <b>121</b> |
| <b>Figura 129</b> - Portão de entrada em imóvel à Avenida Capitão José Pessoa, 85, Jaguaribe .....                          | <b>121</b> |
| <b>Figura 130</b> - Portão de entrada redesenhado em imóvel à Avenida Capitão José Pessoa, 85, Jaguaribe .....              | <b>121</b> |
| <b>Figura 131</b> - Imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 586, Centro .....   | <b>122</b> |
| <b>Figura 132</b> - Imóvel à Rua Irineu Joffily, 256, Jaguaribe .....   | <b>123</b> |

## LISTA DE MAPAS



|   |            |
|---|------------|
| <b>Mapa 01</b> - Mapa geral das edificações estudadas .....                               | <b>91</b>  |
| <b>Mapa 02</b> - Mapa geral dos tipos de edificação .....                                 | <b>98</b>  |
| <b>Mapa 03</b> - Mapa geral das linguagens arquitetônicas das edificações .....           | <b>101</b> |
| <b>Mapa 04</b> - Mapa geral dos motivos dos ornamentos em ferro .....                     | <b>111</b> |
| <b>Mapa 05</b> - Mapa geral das edificações com ornamentos em ferro recorrentes/similares | <b>113</b> |

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS



|   |            |
|---|------------|
| <b>Gráfico 01</b> - Distribuição das edificações estudadas por bairro .....                                   | <b>94</b>  |
| <b>Gráfico 02</b> - Distribuição das edificações estudadas por logradouro .....                               | <b>95</b>  |
| <b>Gráfico 03</b> - Distribuição das edificações estudadas por tipo .....                                     | <b>97</b>  |
| <b>Gráfico 04</b> - Distribuição das edificações estudadas por linguagem arquitetônica .....                  | <b>99</b>  |
| <b>Gráfico 05</b> - Distribuição dos ornamentos em ferro encontrados nas edificações estudadas por tipo ..... | <b>102</b> |
| <b>Gráfico 06</b> - Distribuição do grau de conservação exterior das edificações estudadas ...                | <b>103</b> |
| <b>Gráfico 07</b> - Distribuição da originalidade das fachadas das edificações estudadas .....                | <b>104</b> |
| <b>Gráfico 08</b> - Distribuição das peças ornamentais por tipo .....   | <b>106</b> |
| <b>Gráfico 09</b> - Distribuição das peças ornamentais por motivo .....                                       | <b>110</b> |
| <b>Gráfico 10</b> - Distribuição das peças ornamentais que apresentam recorrência/similaridade .....          | <b>112</b> |
| <b>Tabela 01</b> - Distribuição das recorrências/similaridades entre as peças ornamentais redesenhadas .....  | <b>112</b> |
| <b>Gráfico 11</b> - Distribuição do grau de conservação das peças ornamentais .....                           | <b>122</b> |

## LISTA DE APÊNDICES



|  |            |
|--|------------|
| <b>APÊNDICE A – Mapas</b> .....  | <b>134</b> |
| <b>Mapa 06</b> - Mapa geral expandido das edificações estudadas .....                      | <b>135</b> |
| <b>Mapa 07</b> - Mapa expandido das edificações do bairro de Tambiá .....                  | <b>136</b> |
| <b>Mapa 08</b> - Mapa expandido das edificações do bairro do Centro .....                  | <b>137</b> |
| <b>Mapa 09</b> - Mapa expandido das edificações do bairro das Trincheiras .....            | <b>138</b> |
| <b>Mapa 10</b> - Mapa expandido das edificações do bairro de Jaguaribe .....               | <b>139</b> |
| <br>   |            |
| <b>APÊNDICE B – Fichas</b> .....   | <b>141</b> |
| <b>Ficha 01</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 01 ..... | <b>142</b> |
| <b>Ficha 02</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 02 ..... | <b>143</b> |
| <b>Ficha 03</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 03 ..... | <b>144</b> |
| <b>Ficha 04</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 04 ..... | <b>145</b> |
| <b>Ficha 05</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 05 ..... | <b>146</b> |
| <b>Ficha 06</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 06 ..... | <b>147</b> |
| <b>Ficha 07</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 07 ..... | <b>148</b> |
| <b>Ficha 08</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 08 ..... | <b>149</b> |
| <b>Ficha 09</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 09 ..... | <b>150</b> |
| <b>Ficha 10</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 10 ..... | <b>151</b> |
| <b>Ficha 11</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 11 ..... | <b>151</b> |
| <b>Ficha 12</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 12 ..... | <b>152</b> |
| <b>Ficha 13</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 13 ..... | <b>153</b> |
| <b>Ficha 14</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 14 ..... | <b>154</b> |
| <b>Ficha 15</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 15 ..... | <b>155</b> |
| <b>Ficha 16</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 16 ..... | <b>156</b> |
| <b>Ficha 17</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 17 ..... | <b>157</b> |
| <b>Ficha 18</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 18 ..... | <b>158</b> |
| <b>Ficha 19</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 19 ..... | <b>159</b> |
| <b>Ficha 20</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 20 ..... | <b>160</b> |
| <b>Ficha 21</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 21 ..... | <b>162</b> |
| <b>Ficha 22</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 22 ..... | <b>163</b> |
| <b>Ficha 23</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 23 ..... | <b>164</b> |
| <b>Ficha 24</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 24 ..... | <b>165</b> |
| <b>Ficha 25</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 25 ..... | <b>166</b> |
| <b>Ficha 26</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 26 ..... | <b>167</b> |
| <b>Ficha 27</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 27 ..... | <b>168</b> |
| <b>Ficha 28</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 28 ..... | <b>169</b> |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Ficha 29</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 29 ..... | <b>170</b> |
| <b>Ficha 30</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 30 ..... | <b>171</b> |
| <b>Ficha 31</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 31 ..... | <b>172</b> |
| <b>Ficha 32</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 32 ..... | <b>173</b> |
| <b>Ficha 33</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 33 ..... | <b>174</b> |
| <b>Ficha 34</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 34 ..... | <b>175</b> |
| <b>Ficha 35</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 35 ..... | <b>176</b> |
| <b>Ficha 36</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 36 ..... | <b>177</b> |
| <b>Ficha 37</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 37 ..... | <b>178</b> |
| <b>Ficha 38</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 38 ..... | <b>179</b> |
| <b>Ficha 39</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 39 ..... | <b>180</b> |
| <b>Ficha 40</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 40 ..... | <b>181</b> |
| <b>Ficha 41</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 41 ..... | <b>182</b> |
| <b>Ficha 42</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 42 ..... | <b>183</b> |
| <b>Ficha 43</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 43 ..... | <b>184</b> |
| <b>Ficha 44</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 44 ..... | <b>185</b> |
| <b>Ficha 45</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 45 ..... | <b>186</b> |
| <b>Ficha 46</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 46 ..... | <b>187</b> |
| <b>Ficha 47</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 47 ..... | <b>188</b> |
| <b>Ficha 48</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 48 ..... | <b>189</b> |
| <b>Ficha 49</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 49 ..... | <b>190</b> |
| <b>Ficha 50</b> - Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos 50 ..... | <b>191</b> |

# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO 21**

## **1 O ORNAMENTO EM FERRO 27**

- 1.1 Breve panorama sobre o ornamento arquitetônico a partir da Antiguidade até a Revolução Industrial **31**
- 1.2 Do fogo à forma: um percurso histórico sobre o uso do ferro na arquitetura **35**
- 1.3 As linguagens arquitetônicas que marcaram o final do século XIX e o início do século XX **44**
- 1.4 O ornamento em ferro na arquitetura brasileira **57**

## **2 O ORNAMENTO EM FERRO NA ARQUITETURA RESIDENCIAL DA CIDADE DE JOÃO PESSOA 64**

- 2.1 As transformações urbanas na capital paraibana entre os séculos XIX e XX **64**
- 2.2 O habitar em transição: uma síntese da arquitetura residencial **69**
- 2.3 Os tipos de ornamento em ferro mais comuns **75**
- 2.4 Em busca dos possíveis fabricantes **88**

## **3 AS PEÇAS ORNAMENTAIS E AS ANÁLISES APLICADAS 93**

- 3.1 Identificação das edificações **93**
- 3.2 Caracterização das edificações **94**
- 3.3 As peças ornamentais **104**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS 125**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 127**

**APÊNDICE A 134**

**APÊNDICE B 141**



# INTRODUÇÃO

O ornamento pode ser definido de várias maneiras, abrangendo uma gama de elementos decorativos que embelezam e enriquecem um objeto ou espaço. Há uma infinidade de materiais, técnicas e aplicações que foram tratados como ornamento ao longo da história, sendo o ferro um deles. Apesar de sua diversificada utilização na fabricação de diferentes artefatos, a ascensão do ferro de forma definitiva enquanto material construtivo e ornamental é recente se comparada à sua cronologia, cuja origem remonta à Antiguidade.

Para Silva (1986, p. 16), o contexto de novas necessidades vivenciado pela sociedade europeia após a Primeira Revolução Industrial fez com que fossem descobertas e testadas novas potencialidades do ferro, cujo objetivo era lográ-lo como um produto capaz de gerar rentabilidade no sistema capitalista industrial que emergia. A partir de então, obteve status por conferir não apenas resistência e beleza, mas também por traduzir o paradigma socioeconômico vigente à época enquanto vetor de vanguarda e modernidade.

No Brasil, o ferro foi usado nas edificações de maneira inexpressiva durante o período colonial, sendo empregado com mais vigor à época de uma produção arquitetônica que buscava uma identidade nacional e ensejava ascender como uma nação moderna e progressista a partir de meados do século XIX. Segundo Moraes e Pereira (2017, p. 02), devido às propriedades inerentes ao ferro, sua utilização revelou-se apropriada para países tropicais como o Brasil, resistindo à umidade do clima e até à maresia. No entanto, Silva (1986, p. 91) destaca que a ocorrência da arquitetura e dos elementos em ferro se deu, essencialmente, em regiões beneficiadas pelo rápido crescimento econômico, sempre subordinado à exportação de produtos agrícolas, tais como açúcar, algodão, café, borracha, entre outros.

Em João Pessoa, o ornamento em ferro se popularizou no contexto da arquitetura residencial produzida a partir do final do século XIX, período quando houve um expressivo crescimento econômico local em virtude dos avanços da agricultura algodoeira no sertão do estado (Guedes, 2006). Com grande aceitação no mercado da construção, o ornamento em ferro foi incorporado à estética das residências de diferentes padrões socioeconômicos, sobretudo nas classes mais

altas, em sua maioria localizadas no atual centro da cidade e bairros adjacentes. As linguagens arquitetônicas produzidas na capital paraibana durante o aludido recorte temporal apropriaram-se desse potencial do ferro, que aliava função e beleza.

O repertório ornamental em ferro de João Pessoa, antiga cidade da Parahyba até 1930, compreende uma grande variedade de peças decorativas integradas, principalmente, nas fachadas, áreas externas e/ou nos limites do lote das edificações. Peças como gradis frontais posicionados nos limites dos lotes – com ou sem mureta, portões de entrada, detalhes nos caixilhos de esquadrias de madeira, guarda-corpos, seteiras, pilaretes e luminárias fazem parte do dito repertório.

O aludido patrimônio pode ser encontrado, com maior frequência, em residências situadas em logradouros do atual Centro Histórico que fizeram parte do processo de expansão e transformação urbana da cidade entre o final do século XIX e o início do século XX, tais como: Rua Deputado Odon Bezerra, Avenida Monsenhor Walfredo Leal, Avenida Dom Pedro I, Avenida Presidente Getúlio Vargas, Parque Sólon de Lucena, Praça Dom Ulrico, Praça Dom Adauto, Rua Duque de Caxias, Avenida General Osório, Avenida João Machado, Rua Rodrigues de Aquino, Rua das Trincheiras, Rua Irineu Joffily, Avenida Capitão José Pessoa e Avenida João da Mata.

Levando em consideração a carência de estudos sobre o tema, este trabalho justifica-se por sua contribuição à pesquisa e preservação do patrimônio histórico da capital paraibana, gerando registros fotográficos das edificações estudadas e de suas peças ornamentais, além de memória gráfica com vistas ao seu armazenamento e divulgação à comunidade acadêmica e à sociedade, sobretudo num contexto onde tal patrimônio tem sofrido descaracterização, depredação e abandono com o passar do tempo, podendo levá-lo ao completo desaparecimento em poucos anos.

Diante deste cenário, o objetivo deste trabalho é registrar e analisar, sob o ponto de vista histórico e formal, os ornamentos em ferro presentes na arquitetura residencial situada em alguns logradouros do atual Centro Histórico que fizeram parte do processo de expansão e transformação urbana de João Pessoa, antiga cidade da Parahyba, entre o final do século XIX e o início do século XX.

Para atingi-lo, a pesquisa mapeia uma amostra de edificações guarnecidas com tais elementos ornamentais situadas dentro do recorte exposto acima; registra através de fotografias essas edificações e os ornamentos existentes em suas

fachadas e/ou áreas externas e limites do lote; documenta graficamente por meio de redesenho digital através de *softwares* de representação gráfica os ornamentos em ferro selecionados; e, por fim, analisa o patrimônio registrado, identificando de que forma tais elementos redesenhados estão dispostos nas fachadas e/ou áreas externas e limites do lote, seus motivos – geométrico, orgânico ou misto – e suas possíveis recorrências/similaridades entre si.

A pesquisa foi realizada segundo a abordagem metodológica quali-quantitativa, isto é, a combinação de métodos qualitativos e quantitativos. A adoção por uma abordagem mesclada se fez necessária em virtude das peculiaridades do objeto de estudo e do resultado pretendido, que envolveu tanto aspectos qualitativos – levantamento de campo, registro fotográfico, redesenho digital e descrição das características das edificações e peças ornamentais estudadas – quanto quantitativos – sistematização e análise dos dados obtidos nos procedimentos anteriormente citados através de gráficos e tabelas.

A primeira etapa de trabalho da pesquisa consistiu em minucioso levantamento de campo realizado nos bairros de Tambiá, Centro, Trincheiras e Jaguaribe para identificação e mapeamento das edificações com potencial para o estudo. Foram escolhidas cinquenta edificações localizadas nos logradouros citados anteriormente, no atual Centro Histórico da cidade de João Pessoa. A escolha dessas edificações para efeito de estudo ocorreu a partir de alguns critérios estabelecidos previamente: i) uso originalmente residencial; ii) mínimo estado de conservação dos ornamentos em ferro que permitisse o seu redesenho digital através de fotografias; e iii) inserção dentro da poligonal de proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP).

É necessário frisar que o número de edificações aqui tratado consiste uma amostra, pois a intenção não foi abarcar a totalidade de edificações guarnecidas por ornamentos em ferro nos referidos bairros. Tal amostra foi pensada de forma a produzir um estudo consistente à altura de um Trabalho de Conclusão de Curso, mas que também fosse exequível diante do tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa.

A segunda etapa compreendeu o registro fotográfico das cinquenta edificações escolhidas e dos ornamentos em ferro nelas existentes. As fotografias foram feitas de forma a apresentar de maneira clara todos os imóveis, suas fachadas e ornamentos em ferro neles existentes. Esses registros aparecem ao longo do trabalho e mais detalhadamente no Apêndice B, onde constam todas as fichas de levantamento e análise de cada edificação.

A terceira etapa deu prosseguimento ao redesenho digital através de *softwares* de representação gráfica a partir das fotografias feitas *in loco* dos ornamentos em ferro situados na fachada, áreas externas e/ou nos limites do lote de cada imóvel, cujo acesso e visibilidade eram possíveis. O redesenho digital dessas peças teve como objetivo complementar o registro fotográfico a fim de facilitar as análises sobre seus elementos constitutivos e gerar uma documentação mais precisa do patrimônio estudado, visto que tal feito auxilia na preservação desses ornamentos face às intempéries à medida em que salvaguarda a sua memória gráfica. Os softwares utilizados nesse procedimento foram AutoCAD e Adobe Illustrator.

Por fim, a quarta etapa consistiu na sistematização e processamento de todos os dados levantados em campo, os registros fotográficos e o redesenho das peças previamente selecionadas, resultando em um rico registro histórico e formal compilado desses ornamentos em ferro que compreende imagens, desenhos, tabelas e gráficos.

Uma etapa de trabalho que caminhou paralelamente a todas as citadas anteriormente foi a pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos, teses, dissertações e periódicos acerca do ornamento em ferro, com vistas a compreender a sua evolução histórica enquanto elemento constitutivo da arquitetura; a forma como se deu sua utilização em solo brasileiro face ao desenvolvimento econômico vivenciado pelos grandes centros urbanos; e, posteriormente, o seu contexto de aplicação na arquitetura residencial produzida no atual Centro Histórico da cidade de João Pessoa. Além disso, também houve uma pesquisa acerca de possíveis fabricantes dos ornamentos encontrados por meio de pesquisa documental nos arquivos de jornais da época no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP).

De forma a buscar uma melhor compreensão da temática do objeto de estudo, o presente trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo traz um breve panorama acerca do ornamento para a arquitetura; além de uma síntese do percurso do ferro até as primeiras décadas do século XX, abordando sua origem, propriedades e detalhes do contexto econômico e social que o tornaram um material versátil e promissor. Também constam nesse capítulo as linguagens arquitetônicas que exerciam influência à época, e como o ornamento em ferro foi utilizado no Brasil, onde suas particularidades refletem tanto influências europeias quanto adaptações locais.

O segundo capítulo se concentra nas transformações urbanas ocorridas na capital paraibana entre os séculos XIX e XX, com enfoque na produção arquitetônica residencial da cidade nesse período, que foi marcada por reformas e

expansão urbana. Também são destacados nesse capítulo os tipos de ornamento em ferro mais recorrentes nas construções residenciais do recorte temporal, bem como o registro da tentativa de localização de possíveis fabricantes dessas peças nos arquivos de jornais da época.

No terceiro capítulo foi realizada a identificação e caracterização dos ornamentos em ferro redesenhados, com ênfase aos gradis frontais, portões de entrada e guarda-corpos que adornam as fachadas, áreas externas e/ou os limites dos lotes. A relação desses ornamentos com a edificação também foi considerada, explorando como transcendem o papel meramente decorativo, e se tornam parte integrante da arquitetura local. Por fim, a análise das recorrências/similaridades permitiu identificar padrões que se repetem e enriquecem a arquitetura residencial da urbe até os dias atuais.

Para concluir, as considerações finais trazem à tona reflexões sobre o ornamento em ferro enquanto partícipe do patrimônio arquitetônico da cidade e a necessidade de sua preservação, ressaltando seu valor histórico e arquitetônico para a memória urbana. Ao longo deste trabalho, buscou-se não apenas documentar a importância do ornamento em ferro, mas também destacar sua relevância na construção da identidade arquitetônica da capital paraibana. Assim, este estudo espera contribuir para uma apreciação mais abrangente da arquitetura local e suas especificidades, na tentativa de compor um registro fidedigno e respeitoso de seu repertório, que carece de reconhecimento e valorização.

1



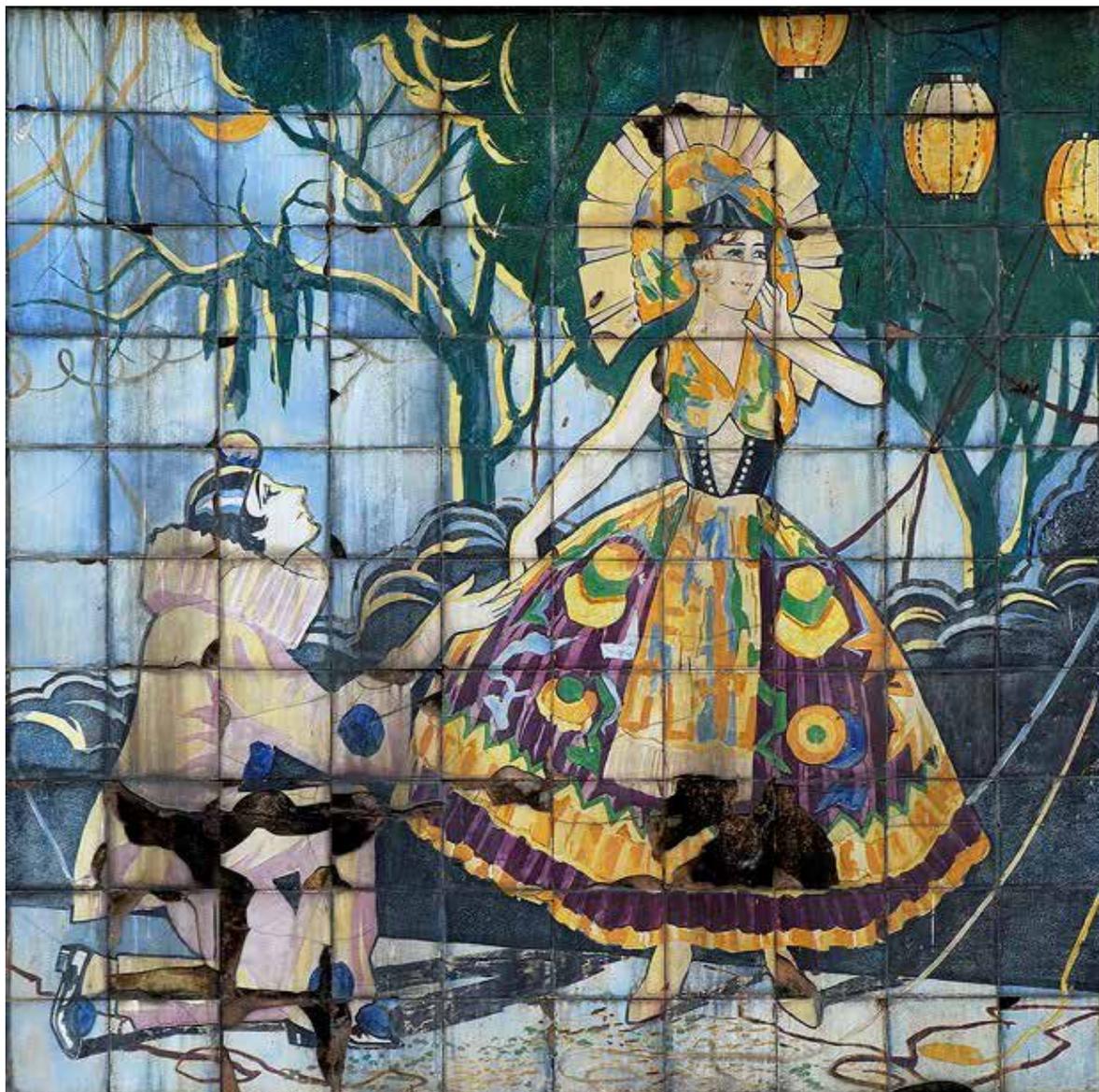
# O ORNAMENTO EM FERRO

Ornamento, de acordo com o dicionário Michaelis, significa tudo o que serve para ornar ou abrilhantar. No entanto, a partir de pesquisas mais aprofundadas, é perceptível que essa acepção é, por vezes, genérica e superficial diante da abrangência de sentidos e aplicações que o envolvem. Ao debruçar-se em estudo sobre o tema, Paim (2000, p. 10) afirma ser importante não perder de vista a seguinte questão: o que está em jogo quando a palavra ornamento é mencionada? Segundo Antonioli (2010, p. 77), o termo está presente na história da arquitetura sempre ligado a um valor estético, tanto na construção quanto na decoração. Evidentemente, há uma gama de objetos e elementos simples a exuberantes que podem estar contidos nesse conceito (Figuras 01, 02 e 03).



**Figura 01.** Baixo-relevo em argamassa na antiga Boaventura da Silva & Ferreira e atual lanchonete Parque Royal, fachada de 1905, no Largo de São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, Brasil. Fonte: Casa Vogue <<https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/Fotografia/noticia/2014/01/detalhes-de-um-rio-que-pouco-se-ve.html>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Ao longo dos séculos, o ornamento fez parte de diversas expressões culturais produzidas pelo homem como um testemunho das mudanças na arte, na técnica e, por que não afirmar, na própria sociedade de cada período histórico. Nesse sentido, a sua evolução revela um diálogo contínuo entre tradição e inovação que reflete as dinâmicas sociais e estéticas de diferentes épocas. Para Paim (2000, p. 22), sua temática incorpora questões econômicas, éticas e políticas, sendo discutida também sua relação com a produção, o consumo, a educação, a arte e o progresso.



**Figura 02.** Painel de azulejos no Clube dos Democráticos, projeto de 1930, localizado na Rua do Riachuelo, no Rio de Janeiro, Brasil. Fonte: Casa Vogue <<https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/Fotografia/noticia/2014/01/detalhes-de-um-rio-que-pouco-se-ve.html>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.



**Figura 03.** Página de ilustrações de ornamentos egípcios retirada do livro *The Grammar of Ornament* (1856), de Owen Jones. Fonte: Flickr <[https://www.flickr.com/photos/vintage\\_illustration/35687535143/in/album-72157684992995830](https://www.flickr.com/photos/vintage_illustration/35687535143/in/album-72157684992995830)>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Entre 1850 e 1950, período de extrema fertilidade para a arte e de muita turbulência para a humanidade, o ornamento esteve no centro de um debate mais que acalorado no campo arquitetônico. Sabendo-se que foi inserido e aprimorado nas mais diversas linguagens e estilos, alguns autores e teóricos defenderam a ideia de que a arquitetura poderia e deveria ser complexa, rica em significados e capaz de abraçar o ornamento ao invés de negá-lo ou excluí-lo, como sugeriram outros em contrapartida (Figura 04). Venturi (1995, p. 13), por exemplo, propôs que a forma também poderia ser um meio de comunicação, não apenas um reflexo da função. Na sua visão,

[...] a arquitetura é forma e substância – abstrata e concreta –, e seu significado deriva de suas características interiores e de seu contexto particular. Um elemento arquitetônico é percebido como forma e estrutura, textura e material. Essas relações oscilantes, complexas e contraditórias, são a fonte da ambiguidade e da tensão característica do meio de expressão arquitetônica (Venturi, 1995, p. 13, grifos do autor).



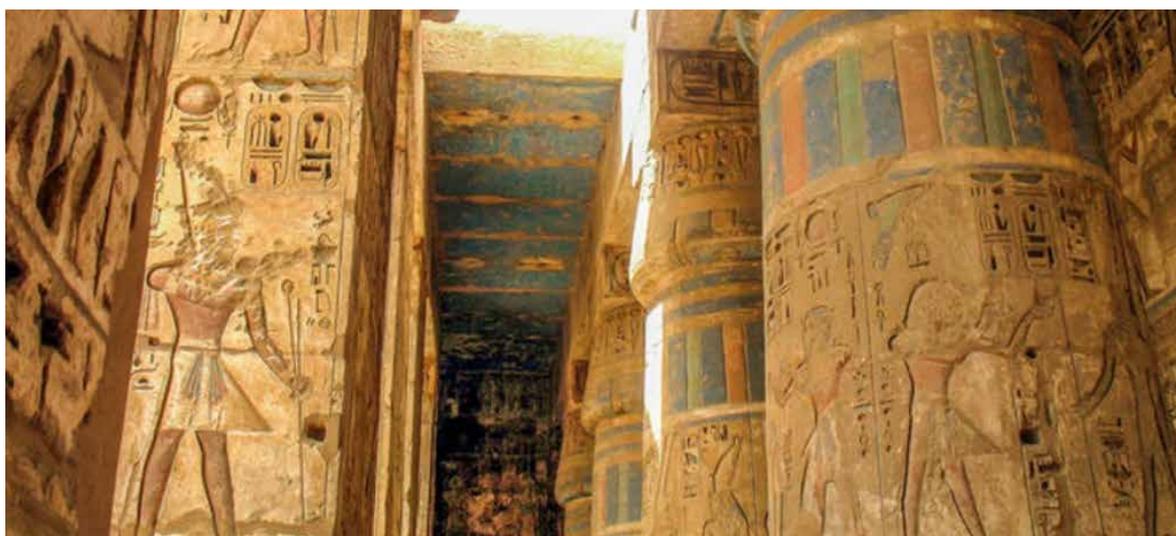
**Figura 04.** Exterior da Villa Müller, em Praga, República Tcheca, projetada e construída em 1930 por Adolf Loos, arquiteto e autor da obra *Ornament and Crime* (1913). Fonte: ArchDaily <<https://www.archdaily.com.br/br/972755/adolf-loos-e-a-genese-do-movimento-moderno>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Assim, é possível dizer que “as ondas sucessivas de exaltação e condenação do ornamento ultrapassaram em muito as considerações estritamente estéticas”

(Paim, 2000, p. 10), tendo em vista que a permanência e a constante transformação desse elemento demonstram que sua importância vai além de tais limites, servindo não apenas para embelezar, mas também para propulsar e defender discursos, bem como refletir os anseios e a identidade de uma época (Paim, 2000, p. 17). Ao tornar-se um dos elementos constitutivos da arquitetura, o ornamento contribuiu para a materialização de uma grande diversidade de ideários e espaços, o que dá indícios do porquê, mesmo depois de tantos séculos, ainda perdurar tamanho interesse no tema.

## 1.1 Breve panorama sobre o ornamento arquitetônico a partir da Antiguidade até a Revolução Industrial

O uso do ornamento remonta às primeiras civilizações, onde os edifícios eram adornados com elementos decorativos que refletiam as crenças culturais e religiosas dos povos antigos. Dos templos egípcios, com suas colunas esculpidas (Figura 05), até as construções gregas (Figura 06), que introduziram elementos clássicos como frontões e frisos, a ornamentação sempre teve um papel fundamental na arquitetura. Esses adornos não apenas embelezavam as estruturas, mas também transmitiam significados simbólicos, celebrando a divindade, o poder e a prosperidade. Com o tempo, diferentes linguagens arquitetônicas surgiram, cada uma trazendo suas próprias características ornamentais, influenciadas por fatores sociais, políticos e econômicos.

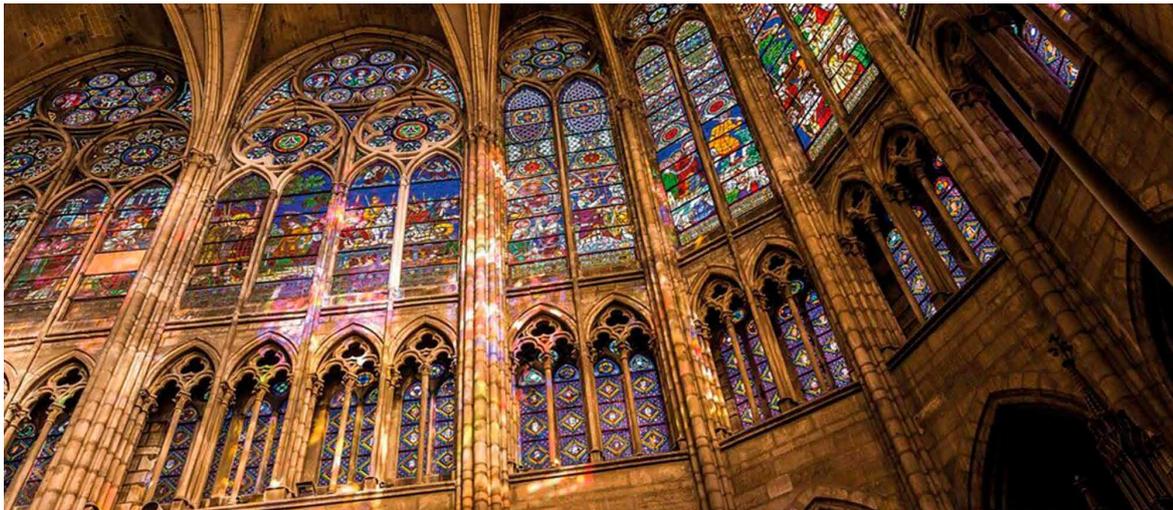


**Figura 05.** Colunas esculpidas do Templo de Ramsés III em Medinet Habu, em Luxor, Egito. Fonte: Vida no Egito <<https://vidanoegito.com/2020/09/30/12-templos-egipcios-antigos-impressionantes-que-ainda-existem/>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.



**Figura 06.** Detalhe do frontão leste do Parthenon, em Atenas, Grécia. Fonte: ArchDaily <<https://www.archdaily.com.br/br/872983/15-detalhes-do-parthenon-raramente-vistos>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Durante a Idade Média, o gótico trouxe um novo patamar de complexidade, com catedrais adornadas com arcos ogivais, vitrais elaborados e esculturas com influências bíblicas (Figura 07). A ornamentação nessa época era profundamente espiritual, projetada para elevar o espectador e criar uma conexão com o divino. Com o Renascimento, houve um retorno aos clássicos greco-romanos, que inspiraram a reinterpretação de elementos ornamentais, resultando em uma estética mais equilibrada e harmoniosa, com uso de simetria e proporção (Figura 08).



**Figura 07.** Interior da Basílica de Saint-Denis, em Paris, França. Fonte: National Geographic Portugal <[https://www.nationalgeographic.pt/historia/catedrais-goticas-da-europa-o-resultado-um-esforco-colectivo\\_3537](https://www.nationalgeographic.pt/historia/catedrais-goticas-da-europa-o-resultado-um-esforco-colectivo_3537)>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.



**Figura 08.** Basílica de São Pedro, no Vaticano. Fonte: ArchDaily <<https://www.archdaily.com.br/br/979584/como-o-renascimento-influenciou-a-arquitetura>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

No século XVIII, a ornamentação na arquitetura foi influenciada pelo barroco e o rococó, que trouxeram uma abordagem mais exuberante e decorativa. Os edifícios foram adornados com detalhes curvilíneos e elementos naturais (Figura 09). Por outro lado, também houve a popularização da linguagem neoclássica, que buscava inspiração na simplicidade e grandeza dos clássicos, mas ainda incorporava ornamentos, como colunas e pedimentos, que evocavam a Antiguidade (Figura 10).

A Revolução Industrial, por sua vez, trouxe mudanças significativas na produção e no consumo dentro e fora da Europa. Seu advento impulsionou a criação de novas técnicas construtivas e o uso mais aprimorado de alguns materiais já conhecidos, como o ferro e o vidro. Surgia, portanto, o que a literatura especializada denominou de arquitetura metalúrgica (Costa, 2001) ou, simplesmente, arquitetura do ferro (Silva, 1986). Teatros, mercados, estações ferroviárias, porta-cartazes, quiosques de jornal, bebedouros, fontes, relógios, postes de iluminação, gradis, equipamentos sanitários, calhas, canos e vários outros artigos de construção civil, funcionais e estéticos, foram algumas das tipologias e peças materializadas a partir do ferro.

Esse contexto de intensas transformações produtivas atreladas a tal material propiciou, assim, a criação de ornamentos mais elaborados e acessíveis, haja vista

o aumento e, conseqüentemente, o barateamento da escala produtiva alcançado através das máquinas. As peças em ferro eram reproduzidas nos catálogos comerciais e iluminadas nas vitrines das lojas de departamento, cuja finalidade era seduzir o olhar, excitar as vendas, gerar lucros e impulsionar novos investimentos (Paim, 2000, p. 13).

Os métodos industriais de produção transformaram radicalmente a presença dos ornamentos nas grandes cidades da Europa e das Américas a partir da segunda metade do século XIX. Fabricados anteriormente em pequenas oficinas, por artesãos que utilizavam materiais e procedimentos técnicos aperfeiçoados lentamente durante séculos, os ornamentos passaram a ser feitos em galpões industriais, segundo as exigências da produção em série. Novos métodos de organização do trabalho, técnicas e materiais foram desenvolvidos para multiplicar a produção; o artesão que trabalhava com uma pequena equipe de colaboradores e aprendizes foi substituído pelo operário responsável por um fragmento incessantemente repetido da cadeia produtiva. Os ornamentos deixaram de ser concebidos e fabricados exclusiva ou prioritariamente em função de projetos específicos de residências ou prédios públicos, envolvendo a participação de arquitetos, artistas e artesãos, para se transformarem em mercadorias produzidas em larga escala e direcionadas ao consumo de diferentes camadas da população urbana. Submetidos às estratégias de ampliação e diferenciação dos mercados, os ornamentos se tornaram importantes catalisadores da expansão do capitalismo industrial (Paim, 2000, p. 13).



**Figura 09.** Interior do Amalienburg, famoso castelo no estilo rococó, em Munique, Alemanha. Fonte: ArchDaily <<https://www.archdaily.com.br/br/1009594/ornamento-e-beleza-entendendo-o-estilo-rococo>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.



**Figura 10.** Exterior da Universidade de Virginia, nos Estados Unidos. Fonte: ArchDaily <[https://www.archdaily.com.br/br/892180/classicos-da-arquitetura-universidade-da-virginia-thomas-jefferson?ad\\_campaign=normal-tag](https://www.archdaily.com.br/br/892180/classicos-da-arquitetura-universidade-da-virginia-thomas-jefferson?ad_campaign=normal-tag)>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Desse modo, o uso do ferro na arquitetura a partir da Revolução Industrial, como é possível notar, significou um ponto de inflexão que demarcou um claro rompimento com a lógica de produção artesanal e inaugurou a produção industrial, algo nunca antes vivenciado pela humanidade. Por esse motivo, é necessário esmiuçar de que forma o ferro chegou a tão alto patamar, tornando-se um paradigma do progresso das ideias e das tecnologias que viriam posteriormente.

## **1.2 Do fogo à forma: um percurso histórico sobre o uso do ferro na arquitetura**

Em primeiro lugar, é importante mencionar que a escassez de bibliografia específica no Brasil sobre a arquitetura do ferro impõe desafios consideráveis a qualquer pesquisador que se proponha a compreender, em profundidade, os processos históricos, tecnológicos e estéticos que envolveram a introdução, o desenvolvimento e a consolidação do uso do ferro em território nacional. Diante dessa lacuna, adotou-se como referência central para esta seção a obra "Arquitetura do ferro no Brasil", de autoria de Geraldo Gomes da Silva, cuja contribuição é de notável importância e representa uma das fontes mais completas e sistematicamente organizadas sobre o tema no contexto brasileiro.

De acordo com Silva (1986, p. 13), o ferro já era conhecido desde a Antiguidade, cerca de vinte séculos a.C. no Oriente Médio. O seu processo de fundição espalhou-

se lentamente até o fim da Idade Média. Inicialmente, seu manejo era fruto de um processo artesanal, cuja utilização limitava-se à fabricação de armas, ferramentas e armaduras em razão do seu alto custo. Somente com o progresso técnico da produção do ferro alcançado através da invenção do alto-forno no século XV é que ocorreria sua popularização.

No âmbito da arquitetura, o ferro foi empregado primeiramente nas grades ornamentais pelas civilizações clássicas e medievais, vocação essa que perdura até os dias atuais. No entanto,

[...] somente mais tarde, em fins do século XVIII, por ocasião do que se convencionou a chamar de Primeira Revolução Industrial, é que o ferro, entre outros produtos industriais, surgiria como um material em condições de competir com os materiais de construção conhecidos e sacralizados até então no que se refere a preço e outras qualidades (Silva, 1986, p. 13).

Em virtude do privilégio geográfico, a Grã-Bretanha foi a grande protagonista da Primeira Revolução Industrial. É inegável seu pioneirismo na siderurgia e alguns fatores elencados por Silva (1986, p. 13) contribuíram para isso, dentre eles: a utilização da máquina a vapor, que era empregada tanto na fabricação quanto no transporte dos produtos; a utilização do carvão de pedra para a redução do minério de ferro, beneficiada pela localização dos complexos siderúrgicos em territórios próximos às jazidas de minério de ferro e carvão de pedra; e uma estrutura comercial voltada para o exterior que a favorecia.

Apesar de não ter sido a única na produção de ferro, a Grã-Bretanha ganhou destaque inicial ao tornar-se a primeira a fabricá-lo em grande escala, beneficiando-se assim do monopólio produtivo estabelecido entre fins do século XVIII e início do século XIX. Após esse período, no último quartel do século XIX, outros países industrializados, como França, Alemanha e Bélgica, despontaram economicamente e passaram a disputar os mercados internacionais com a Grã-Bretanha. Tudo isso fez com que esta última intensificasse o comércio de exportação e a relação com os consumidores localizados nos países subdesenvolvidos, sendo um deles o Brasil (Silva, 1986, p. 14-15).

O avanço da urbanização e o surgimento de novas demandas urbanas, para as quais seriam criados novos serviços e novos edifícios, caminharam conjuntamente com o processo de industrialização. Novos usos para o ferro surgiram, passando a ser utilizado na construção de ferrovias, locomotivas, edifícios, navios, maquinaria, sistemas de instalações sanitárias e de gás, entre outros. Assim, Silva (1986, p. 15) afirma que “[...] existia, por parte dos produtores, uma incontida ansiedade por provar a viabilidade do novo material” a qualquer custo.

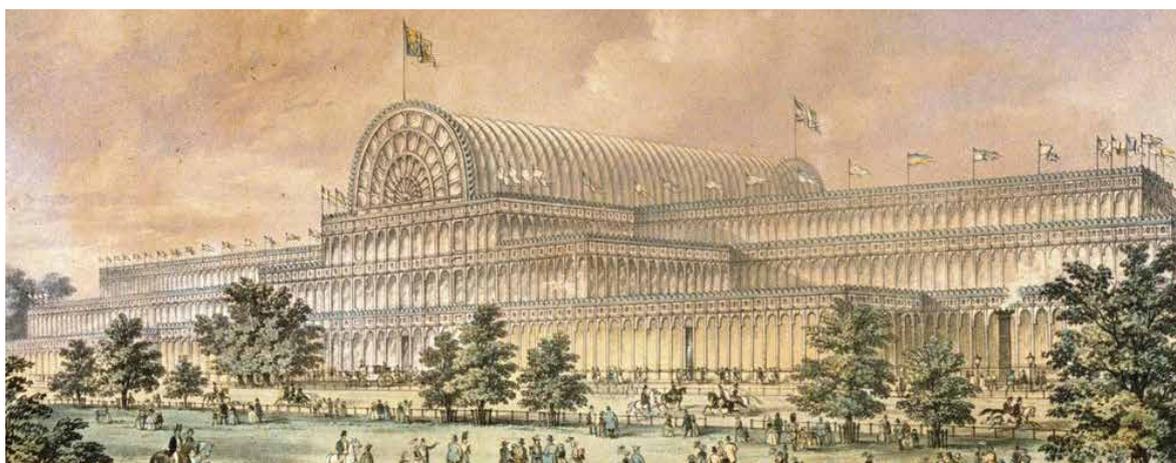
As ferrovias, especificamente, foram grandes catalisadoras dessa segunda

fase da Revolução Industrial e podem ser consideradas o carro-chefe das exportações da segunda metade do século XIX até o início da 1ª Guerra Mundial. A indústria siderúrgica britânica pôde ganhar novo fôlego a partir da construção das redes ferroviárias europeias e, posteriormente, das redes ferroviárias dos países subdesenvolvidos aos quais exportava o ferro.

O último quartel do século XIX foi, portanto, caracterizado pela agressão institucionalizada, agora sob forma do imperialismo, fórmula encontrada para garantir os mercados e prolongar o domínio econômico. Os britânicos formaram consórcios nacionais e internacionais, se apresentaram, mais uma vez, como benfeitores das sociedades subdesenvolvidas, incutindo-lhes as ideias de progresso econômico, o que significava dizer produtos industrializados (Silva, 1986, p. 17).

Ao longo dessa revolução, o ferro esteve presente, a princípio timidamente, e, posteriormente com mais intensidade, como material de construção de uso considerável, a ponto de se falar em uma arquitetura do ferro. A arquitetura do ferro não deve ser compreendida como um estilo arquitetônico, visto que, na época, não havia a denominação “arquitetura do ferro”. Segundo Silva (1986, p. 26), os produtores dessa arquitetura não se davam conta de que essas técnicas tomariam tal proporção e da transformação que aconteceria, mesmo sem participar do que o autor chama de “batalha de estilos”.

O Palácio de Cristal (Figura 11), no Hyde Park, em Londres, montado especialmente para a 1ª Exposição Universal da capital inglesa, realizada em 1851, foi um prenúncio dessa nova era protagonizada pelo ferro. Estruturas icônicas, como a Torre Eiffel (Figura 12), projetada em 1889, comprovaram a capacidade do ferro de ser utilizado em projetos audaciosos, combinando funcionalidade com estética, e tornando-se símbolo do progresso industrial.



**Figura 11.** Ilustração do Palácio de Cristal (1851), em Londres, Inglaterra. Fonte: Reddit <[https://www.reddit.com/r/Lost\\_Architecture/comments/iumbrc/the\\_crystal\\_palace\\_was\\_a\\_huge\\_glass\\_and\\_iron/?tl=pt-br](https://www.reddit.com/r/Lost_Architecture/comments/iumbrc/the_crystal_palace_was_a_huge_glass_and_iron/?tl=pt-br)>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.



**Figura 12.** Torre Eiffel (1889), em Paris, França. Fonte: ArchDaily <<https://www.archdaily.com.br/br/802180/classicos-da-arquitetura-torre-eiffel-gustave-eiffel>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Não resta dúvida que, desde quando o ferro começou a surgir como novo material de construção, ele foi saudado como uma conquista tecnológica notável, e jamais alguém ousou duvidar da sua eficácia em certos programas arquitetônicos. Principalmente quando esses programas supunham uma certa grandiosidade e permitiam a exibição de mais uma proeza técnica, para envaidecer os cidadãos recém-admitidos na era da máquina (Silva, 1986, p. 78).

Havia inovações que colocavam o ferro como um material plástico e estrutural promissor. Cada uma dessas novas características diferenciava a arquitetura do ferro, na essência, de tudo quanto se fizera anteriormente. Silva (1986, p. 27-30) elenca algumas das características que justificam esse destaque: i) facilidade em reproduzir diferentes estilos; ii) mobilidade do material; iii) provisoriedade das peças, que podiam facilmente ser desmontadas e transportadas a qualquer lugar; iv) transparência e leveza, ao ser associado ao vidro em perfis delgados e de grande resistência; e, por fim, v) a comodidade trazida pelos componentes, que eram comercializados através dos catálogos de produtos (Figura 13).

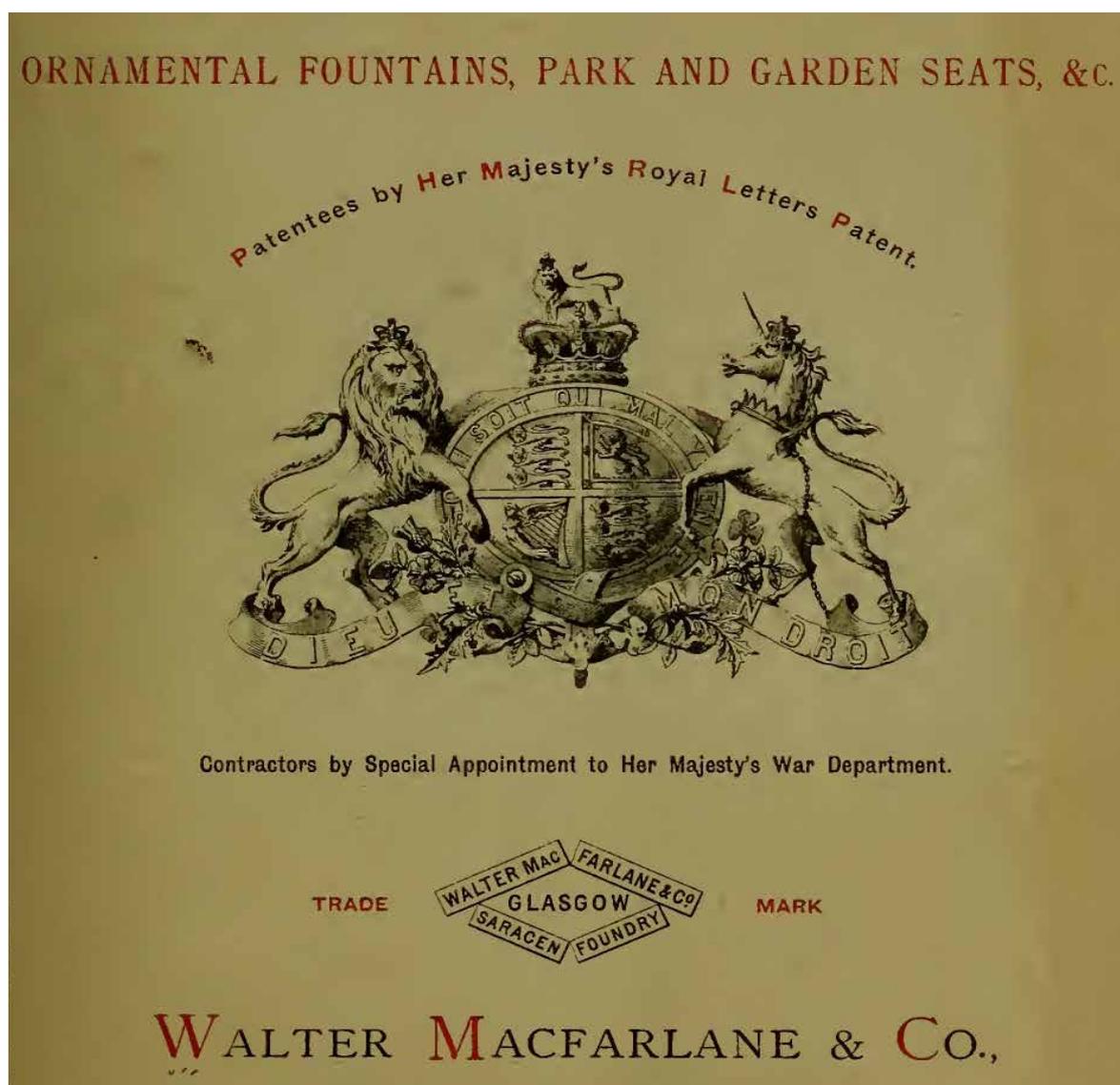
Considerando todas as características apresentadas, o ferro se manifestou tanto em programas já existentes, quanto em novos programas advindos de uma sociedade industrial com novas necessidades, tornando-se um material altamente valorizado na arquitetura. Segundo Silva (1986, p. 31-43), fábricas, galerias, coretos, estufas, pavilhões de exposição, estações ferroviárias, mercados públicos e fachadas de antigos prédios e residências foram o foco dessa arquitetura progressista mundo afora.

A resistência e a durabilidade do ferro garantiam longevidade às construções, enquanto sua maleabilidade permitia a criação de formas complexas e ornamentações detalhadas. Tanto o ferro forjado quanto o ferro fundido eram muito utilizados, no entanto, cada um possui suas particularidades e usos. A indústria de fundição Fupresa S/A (2019) afirma que o forjamento é um processo de fabricação que envolve a formação de metais usando forças de compressão localizadas. No caso dos forjados, a primeira forma é um lingote obtido na aciaria, sendo posteriormente transformado em placa e formatado no perfil desejado através do uso de ferramentas como martelos e prensas. Ou seja, o metal passa pelo forjamento já em estado sólido. Por outro lado, no processo de fundição, o metal parte do estado líquido preenchendo diretamente toda a cavidade de um molde pré-estabelecido e solidifica-se na forma desejada. A peça solidificada é conhecida como peça fundida.

A introdução de novas técnicas, como a galvanização, no século XIX, ampliou ainda mais as possibilidades de uso do ferro, tornando-o não apenas funcional, mas também visualmente atraente. O ferro poderia estar presente desde

a estrutura do edifício até seus menores adornos. Sua produção em larga escala propiciou a aplicação para os mais variados fins, como em grades de janelas, de portas e de muretas de jardins, já que se apresentava como um material que substituía com vantagem outros usados até então, tanto por sua resistência como pelos seus recursos decorativos. Logo, a industrialização do edifício surgiu a partir da construção em ferro. No entanto,

[...] não se deve atribuir somente às potencialidades plásticas do ferro fundido, nem às possibilidades estruturais do aço, o teor revolucionário do novo material. O que o ferro tinha de mais novo era a sua escala de produção, que era industrial, e que se contrapunha a todo um processo de execução das construções até então (Silva, 1986, p. 25).



**Figura 13.** Capa de um catálogo de ornamentos em ferro da MacFarlane & Co. (1885), Glasgow, Escócia. Fonte: Smithsonian Libraries <<https://library.si.edu/digital-library/book/macfarlanescasti00walt>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

A reprodução através de moldes facilitou a propagação da técnica. Quando o material empregado era o ferro fundido, era possível reproduzir, infinitamente, um mesmo modelo, com igual perfeição ao primeiro exemplar fabricado, sendo possível utilizar qualquer vocabulário formal com as proporções que se quisesse. Assim, segundo Silva (1986, p. 27), além da possibilidade de reproduzir qualquer estilo, era possível fazê-lo com elegância e leveza, prestando-se perfeitamente bem aos propósitos ornamentais almejados.

No caso de grades, portões, entre outros elementos internos ou externos, decorativos ou funcionais que podiam compor uma edificação, o ferro já se apresentava como um material que substituía com vantagem os outros usados anteriormente, tanto pela sua resistência como pelo seu potencial ornamental. A utilização desses elementos em ferro decorria de uma busca por estilos desvinculados da cultura historicista que até então dominava o mercado artístico e arquitetônico desde a segunda metade do século XVIII.

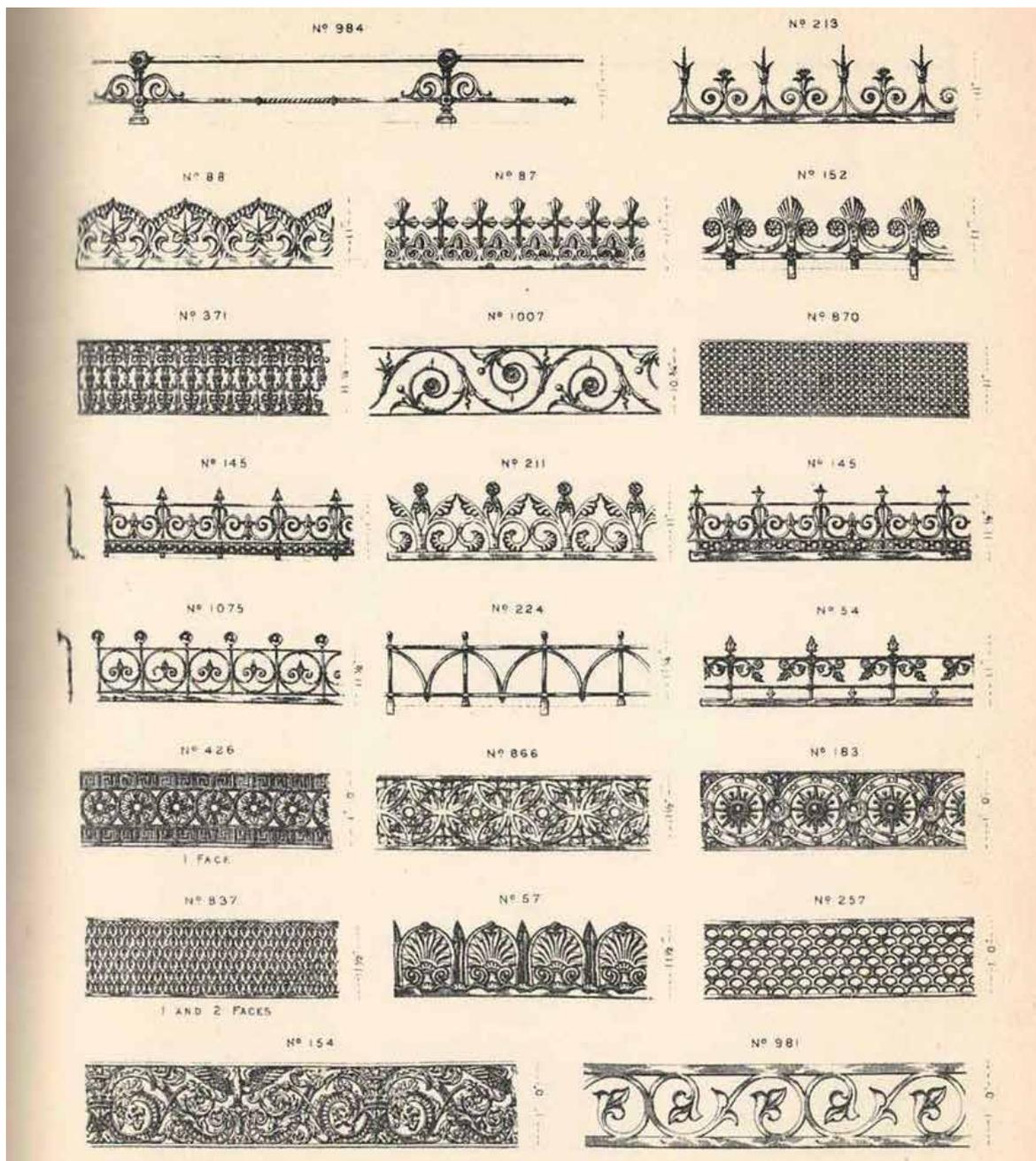
Foi somente através da emergência de novas linguagens arquitetônicas na Europa, que procuravam não mais copiar fielmente princípios estilísticos de outrora, que o ferro foi usado com mais afinco, de forma estrutural e ornamental. O material passou então a figurar como símbolo de progresso, modernidade e vanguarda, não mais encontrando barreiras à sua difusão na arquitetura dentro e fora da Europa.

Aqui cabe estabelecer uma importante diferenciação entre o que Silva (1986) entende como sendo arquitetura do ferro e o ornamento em ferro em si, que é o objeto de estudo deste trabalho. Apesar de serem conceitos intimamente relacionados, eles pertencem a escalas e funções distintas. O termo "arquitetura do ferro" engloba, de maneira geral, tudo aquilo que foi produzido através do ferro com fins estruturais, construtivos e de abrigo, enquanto o ornamento em ferro é uma das categorias inseridas no âmbito decorativo da arquitetura do ferro, fazendo parte do que o referido autor denominou de "componentes arquiteturais".

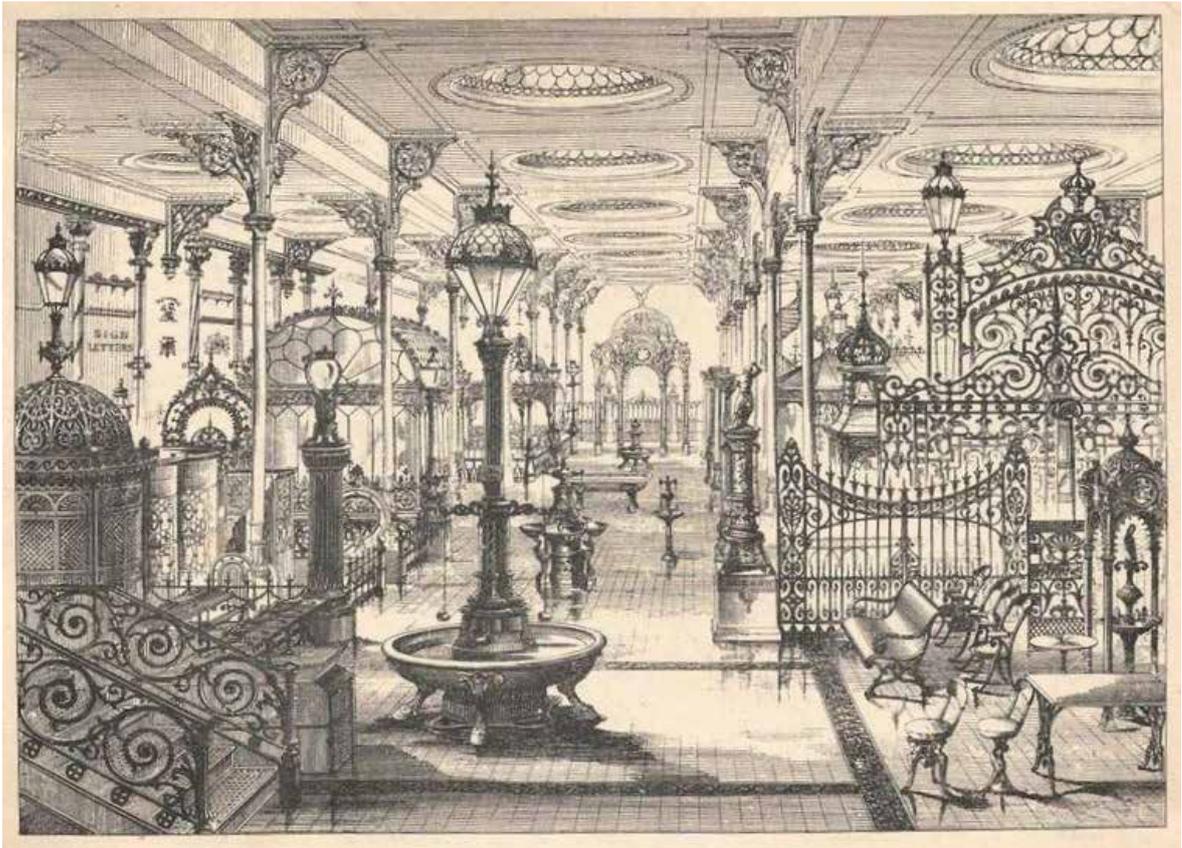
Os componentes arquiteturais (Figuras 14 e 15) foram aqueles que mais contribuíram para a difusão do ferro enquanto peça ornamental de valor, justamente por seu potencial em expressar o contexto social e econômico da época e a facilidade de introduzi-los nas edificações, significando uma clara adesão à tecnologia e à novidade. Podem ser definidos como elementos de ferro fundido ou forjado, integrados à edificação com intenção tanto estética quanto funcional, utilizados principalmente na estrutura, proteção e decoração de fachadas e interiores.

Nesse contexto, cabe ressaltar a importância dos catálogos na propagação

dos ornamentos em ferro pelo mundo, atribuindo-se a eles a popularização do material no Brasil e em outros países. Além disso, também serviram como um artifício mercadológico importante para o convencimento do cliente, pois quanto mais vasto fosse, mais alternativas o fabricante fornecia, colocando-se à sua disposição para satisfazer-lhe os gostos. Dessa forma, o que ocorreu, segundo Silva (1986, p. 29), foi um vale-tudo estético, onde era possível mesclar estilos e reproduzir diferentes aspectos ornamentais.



**Figura 14.** Página de um catálogo da MacFarlane & Co. com gradis em ferro. Fonte: UK Architectural Heritage <<https://uk-heritage.co.uk/shop/pair-of-antique-marble-top-console-tables/>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.



**Figura 15.** Ilustração de um show room de ornamentos em ferro contida num catálogo da MacFarlane & Co. Fonte: UK Architectural Heritage <<https://uk-heritage.co.uk/shop/pair-of-antique-marble-top-console-tables/>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Os catálogos, assegurando a difusão da produção das fundições de arte, as exposições universais, mistura dos povos e das inovações que marcariam o século XIX, iriam assegurar sua difusão internacional” (Fundação Parques e Jardins, 1997, p. 12).

Para Silva (1986, p. 51) e Costa (2001, p. 43), várias fundições se destacaram nesse contexto e exportaram diversos dos seus produtos mundo afora através dos seus catálogos, sendo uma delas e a mais famosa no Brasil, a escocesa MacFarlane & Co., situada em Glasgow.

Os catálogos de produtos dessas firmas constituem uma rica ilustração do gosto arquitetural dominante no século XIX. São também fortes indicativos do avançado estágio de organização comercial que essas firmas alcançaram [...] (Silva, 1986, p. 51).

Assim se configurou o panorama do ferro na arquitetura pelo mundo, desde a sua tímida utilização na Idade Média até seu apogeu comercial no período pós-Revolução Industrial. Na sequência, é preciso entender melhor as linguagens arquitetônicas em voga que absorveram os ornamentos em ferro no final do século XIX e início do século XX.

### **1.3 As linguagens arquitetônicas que marcaram o final do século XIX e o início do século XX**

O final do século XIX e o início do século XX representa um dos períodos mais ricos e complexos da história da arquitetura. Trata-se de uma época marcada por profundas transformações sociais, tecnológicas e culturais. A evolução dos processos produtivos, o desenvolvimento da grande indústria, a expansão do comércio mundial e o surgimento da burguesia industrial propiciaram mudanças significativas no modo de viver da população.

Ao experimentar esse contexto alvissareiro, a classe burguesa da segunda metade do século XIX, já ciente da sua influência e do seu papel social, demandava por espaços e edifícios que pudessem transmitir ao mundo o seu progresso. Assim, é possível compreender a importância das múltiplas expressões artísticas e arquitetônicas que coexistiram ao longo desse período, do historicismo e ecletismo às primeiras vanguardas modernas. O passado clássico e medieval foi revisitado com intensidade, ao mesmo tempo em que surgiram movimentos que buscaram romper com ele, propondo novas estéticas e novos significados para o espaço construído.

Por outro lado, os avanços tecnológicos nos meios de comunicação da época, como jornais, livros, revistas, entre outros, fez com que as distâncias diminuíssem e os acessos se ampliassem. Os arquitetos, imbuídos das facilidades que o desenvolvimento industrial promovia através da produção em série e larga escala, buscaram novos paradigmas que atendessem às expectativas da sociedade. Tal esforço, adaptado aos novos materiais introduzidos pelo desenvolvimento tecnológico, pode ser observado através das linguagens arquitetônicas a seguir.

A arquitetura torna-se, então, palco de tensões entre tradição e inovação, estética e funcionalidade, o feito à mão e o produzido em série. Mais do que estilos, essas linguagens representam visões de mundo distintas, dialogando com anseios, contradições e esperanças de uma sociedade em transformação.

#### **Neoclassicismo**

O neoclassicismo surgiu no final do século XVIII. Buscando inspiração nas formas e princípios estéticos da Antiguidade Clássica, especialmente da Grécia e de Roma, esse movimento não apenas se manifestou nas artes plásticas, mas também

teve um impacto significativo na arquitetura. Caracterizado por suas linhas puras, simetria, monumentalidade, proporções equilibradas e uso criterioso de colunas, frontões, frisos e outros elementos decorativos, o neoclassicismo refletia ideais de racionalidade, ordem e beleza atemporal. Com a Revolução Francesa e a ascensão do Iluminismo, o neoclassicismo passou a simbolizar os valores de uma nova era, sendo associado à liberdade, à cidadania e ao pensamento crítico.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o neoclassicismo encontrou expressão em edifícios governamentais e universidades, como a Universidade de Virgínia, projetada por Thomas Jefferson. Na Europa, continuou a ser uma referência em projetos de instituições públicas e monumentos (Figura 16). Já no Brasil, o neoclassicismo começou a se consolidar apenas no início do século XIX, especialmente após a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808 e da Missão Artística Francesa em 1816.



**Figura 16.** Portal de Brandemburgo, em Berlim, Alemanha. Fonte: Go Easy Berlin <<https://goeasyberlin.de/blog/sightseeing/portao-de-brandemburgo/>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Durante esse período, o país buscava afirmar sua identidade nacional, e a arquitetura neoclássica tornou-se uma forma de traduzir essa busca por modernidade e sofisticação. A adaptação do neoclassicismo ao contexto brasileiro também se manifestou em elementos regionais, incorporando materiais locais e tradições construtivas, criando uma expressão única que dialogava com a herança cultural do país.

A arquitetura neoclássica brasileira não se limitou a edificações públicas; ela também influenciou residências e igrejas, muitas vezes empregando uma estética que buscava a grandiosidade e o simbolismo de instituições (Figuras 17 e 18). O uso de grandes escadarias, varandas e pátios internos eram características comuns

que conferiam um caráter monumental aos edifícios. Além disso, a presença de elementos decorativos, como afrescos e esculturas, enfatizava a ligação entre a arte e a arquitetura, refletindo o ideal de uma sociedade culta e educada.



**Figura 17.** Antigo Palácio Imperial em Petrópolis, Brasil. Fonte: Wikipedia <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu\\_Imperial](https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Imperial)>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.



**Figura 18.** Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, Brasil. Fonte: Wikipedia <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca\\_Nacional\\_do\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_Nacional_do_Brasil)>. Acesso em: 13 de maio de 2025.

## Ecletismo

A arquitetura eclética ficou caracterizada pela combinação de elementos de diferentes linguagens arquitetônicas, criando composições variadas e inovadoras (Figura 19). Segundo Reis Filho (1995, p. 182), “o ecletismo propunha a todos os sistemas um tratado de paz. Ele deveria conciliá-los, guardando deles aquilo que possuísem de precioso [...]”.



**Figura 19.** Ópera de Paris, França. Fonte: Acervo Peter Rivera <[https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pera\\_Nacional\\_de\\_Paris](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pera_Nacional_de_Paris)>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Dessa forma, enquanto alguns artistas pertencentes a outros movimentos estilísticos buscavam “reviver” com detalhes as linguagens do passado, o ecletismo diferia, já que a sua principal força motriz era a criação de uma nova composição a partir de elementos já conhecidos, e não a simples nostalgia, havendo o desejo de que os desenhos fossem originais e adaptados à realidade material da modernidade, sendo o ferro incorporado dentro desse arcabouço (Benevolo, 1976, p. 114).

O ecletismo – propondo uma conciliação entre os estilos – foi um veículo estético eficiente para a assimilação de inovações tecnológicas de importância. Com os novos recursos, era possível aos arquitetos a adoção de soluções plásticas e construtivas mais complexas. As moradias já podiam incluir recursos de conforto semelhantes aos das habitações europeias de sua época (Reis Filho, 1995, p. 169).

Surgido no século XIX, o ecletismo foi influenciado pela Revolução Industrial e pelas mudanças sociais, levando arquitetos a explorar e adaptar estilos de épocas anteriores, como o renascentista, o gótico, o barroco, entre outros. Essa mistura de linguagens não só proporcionou uma nova estética, mas também permitiu a criação de edifícios que atendiam a novas funções urbanas e sociais (Figura 20).

O ecletismo era uma cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida), amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto (Fabris, 1987, p. 13).



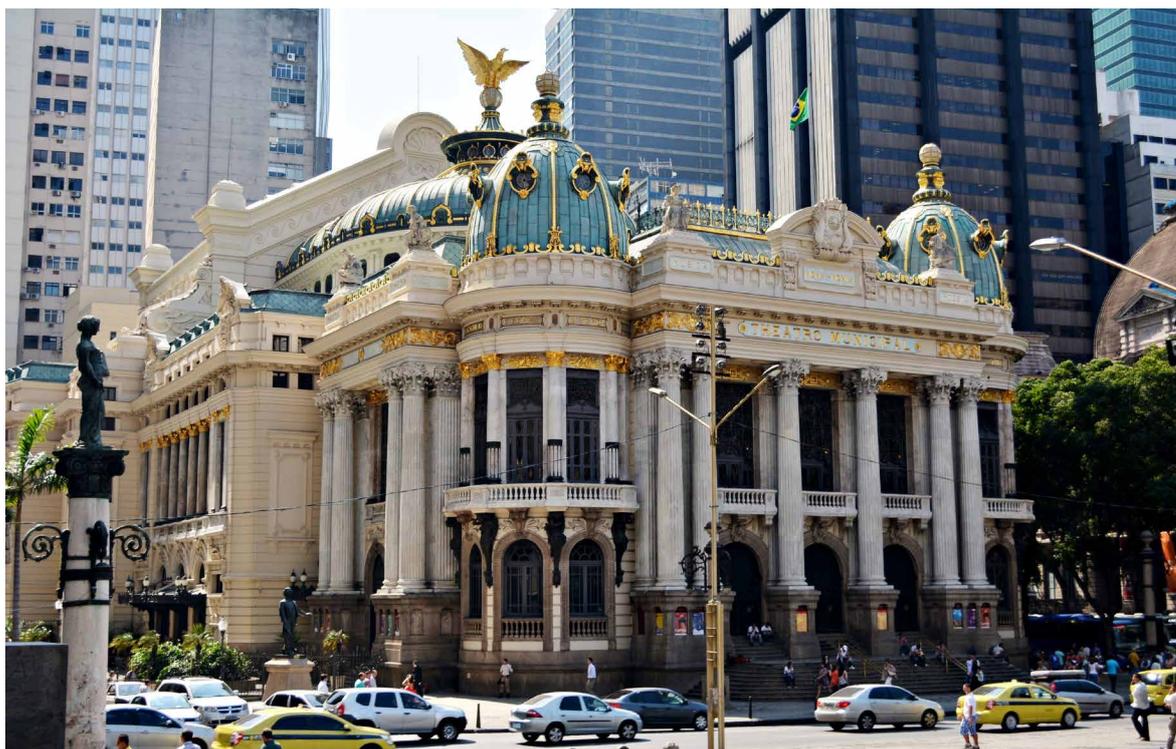
**Figura 20.** Estação da Luz em São Paulo, Brasil. Fonte: ArchDaily <[https://www.archdaily.com.br/br/1001254/o-que-e-arquitetura-ecletica/6466eb488e31b8017c040d53-o-que-e-arquitetura-ecletica-imagem?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/1001254/o-que-e-arquitetura-ecletica/6466eb488e31b8017c040d53-o-que-e-arquitetura-ecletica-imagem?next_project=no)>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Sobre o ecletismo, um dos fatores que contribuíram para o seu surgimento foi, além da indústria, o desenvolvimento de pesquisas e investigações acerca do passado, fazendo com que novos arquitetos a partir de meados de 1830 produzissem edifícios com elementos formais dos séculos anteriores.

[...] Graças à divisão do trabalho, que a arquitetura, como todas as outras artes, letras e ciências, aceitou da indústria, o arquiteto podia desenhar a partir de um repertório imenso de detalhes históricos. Não há nada de surpreendente no fato de que o século XIX não tenha perseguido a busca de um estilo original (Pevsner, 1970, apud Fabris, 1993, p. 132).

De acordo com Fabris (1993, p. 135-136), esse tipo de arquitetura remetia a um passado distinto do nosso, tendo em vista que o Brasil estava em processo lento

de desprendimento do estilo colonial. Mas a realidade era que não só os imigrantes foram responsáveis pela inserção eclética no perfil urbano, inicialmente em São Paulo, Recife, Salvador e Rio de Janeiro, mas também o sentimento de se igualar ao mundo moderno, e se desvincular das fachadas coloniais. O uso de materiais como o ferro e o vidro, aliado a detalhes ornamentais típicos, possibilitou a criação de fachadas exuberantes e interiores elaborados, como evidenciado no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, por exemplo (Figura 21).

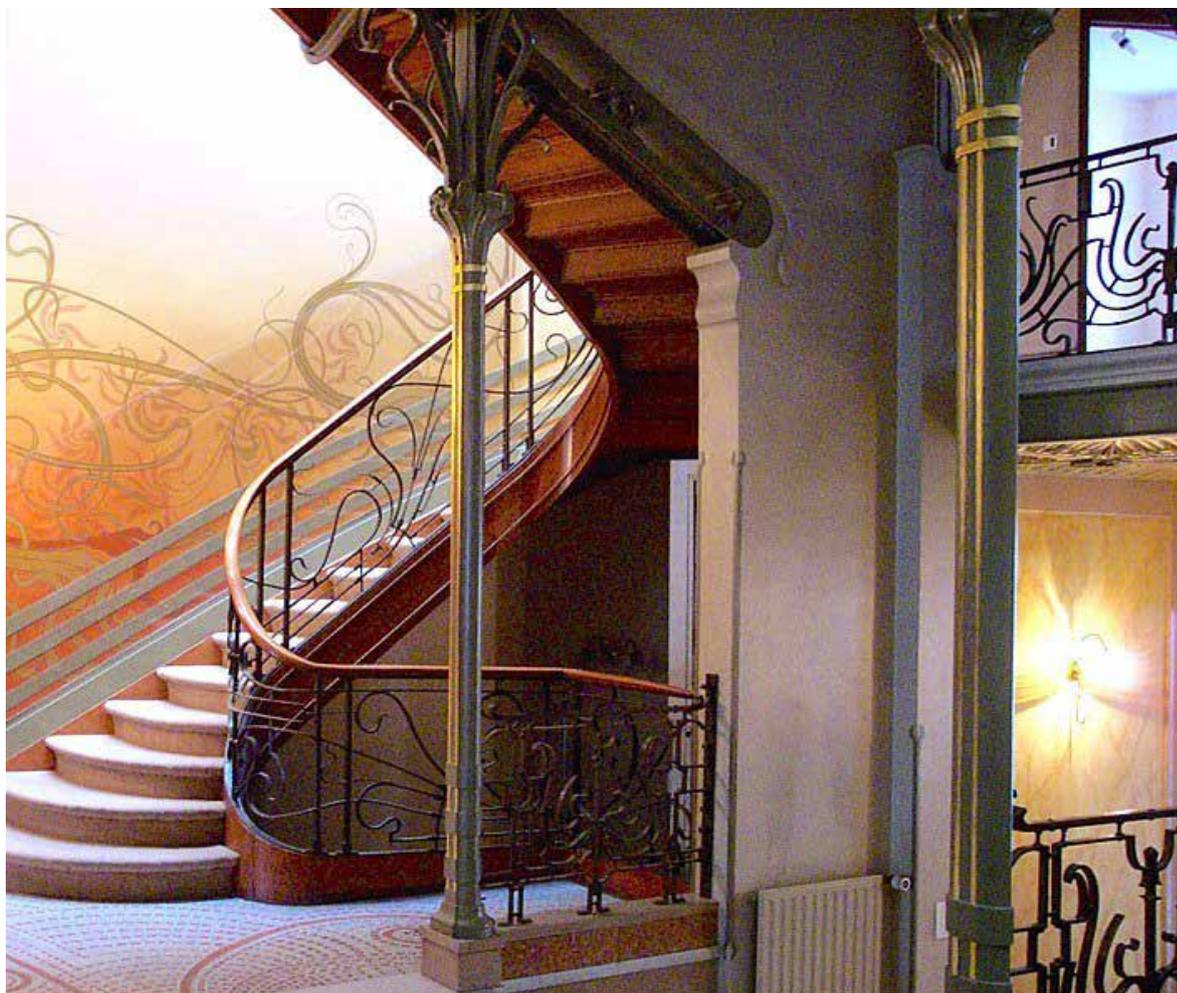


**Figura 21.** Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Brasil. Fonte: Acervo Elvis Boaventura <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Teatro\\_Municipal\\_-\\_panoramio\\_\(4\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Teatro_Municipal_-_panoramio_(4).jpg)>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

## **Art Nouveau**

O *Art Nouveau* foi um movimento artístico e arquitetônico que se destacou entre o final do século XIX e o início do século XX e ficou conhecido por sua busca pela beleza orgânica e a integração entre arte e natureza. Esta linguagem é caracterizada por linhas sinuosas, formas inspiradas na natureza e um forte uso de ornamentação. Originado na Europa, especialmente em países como França e Bélgica, o *Art Nouveau* encontrou seu apogeu nas obras de arquitetos como Victor Horta e Hector Guimard (Figura 22). Embora o movimento tenha sido

relativamente breve em comparação a outros, sua importância se estende além de suas características estéticas, representando uma mudança de paradigmas nas artes visuais e na arquitetura.



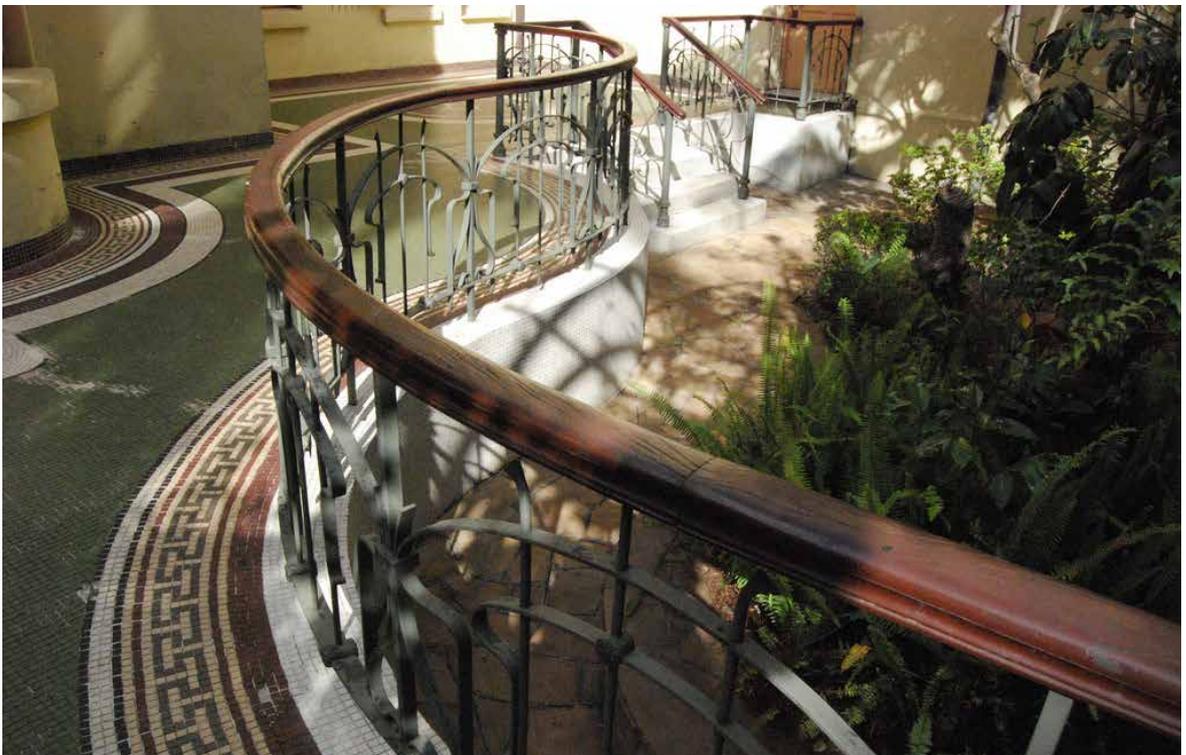
**Figura 22.** Interior da Casa Tassel, projetada por Victor Horta, em Bruxelas, Bélgica. Fonte: ArchDaily <<https://www.archdaily.com.br/br/897478/a-obra-de-victor-horta-arquiteto-do-art-nouveau>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

No Brasil, o *Art Nouveau* começou a ganhar força na virada do século XX, especialmente nas cidades com expressivo desenvolvimento econômico, como é o caso do Rio de Janeiro e de São Paulo (Figuras 23 e 24). A ornamentação, frequentemente inspirada na flora e fauna brasileiras, trouxe um toque singular ao estilo, ressaltando a busca por uma identidade nacional que se refletia nas artes.

No *Art Nouveau*, a temática vegetal através de folhas e composições florais, as formas sinuosas e abstratas encontraram no ferro um forte aliado para a prossecução de seu ideário de “arte nova”. Afinal, o material era propício para moldagens de formas curvas, estendidas, comprimidas ou tracionadas, próprias da dinâmica da natureza.



**Figura 23.** Fachada da Vila Penteados em São Paulo, Brasil. Fonte: Projeto Brasil França <<https://projetoBrasilFranca.wordpress.com/2010/06/14/vila-penteados-a-maior-mansao-art-nouveau-do-brasil-sao-paulo/>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.



**Figura 24.** Detalhe do guarda-corpo em ferro da Vila Penteados, em São Paulo, Brasil. Fonte: Projeto Brasil França <<https://projetoBrasilFranca.wordpress.com/2010/06/14/vila-penteados-a-maior-mansao-art-nouveau-do-brasil-sao-paulo/>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

[...] a reprodução tão livre de qualquer estilo permitiu abrir caminho para uma exploração exaustiva dos vocabulários formais estilísticos, o que, naturalmente, induziu a uma transformação qualitativa, a partir dessa pesquisa formal. Não seria absurdo afirmar que a “Art Nouveau” belga e seus correspondentes em outros países europeus floresceram nesse terreno fertilíssimo (Silva, 1986, p. 27).

Conforme afirma Bassalo (2008, p. 22), a flora poderia ser representada por folhas de ginkgo biloba, castanheiro, carvalho e eucalipto, e flores como a flor-de-lis, a tulipa, a dália, o crisântemo, a orquídea, o lírio e a papoula. Além disso, a fauna também se fazia presente com pássaros, cisnes, pavões, peixes, cobras, sapos, rãs, libélulas, joaninhas e borboletas.

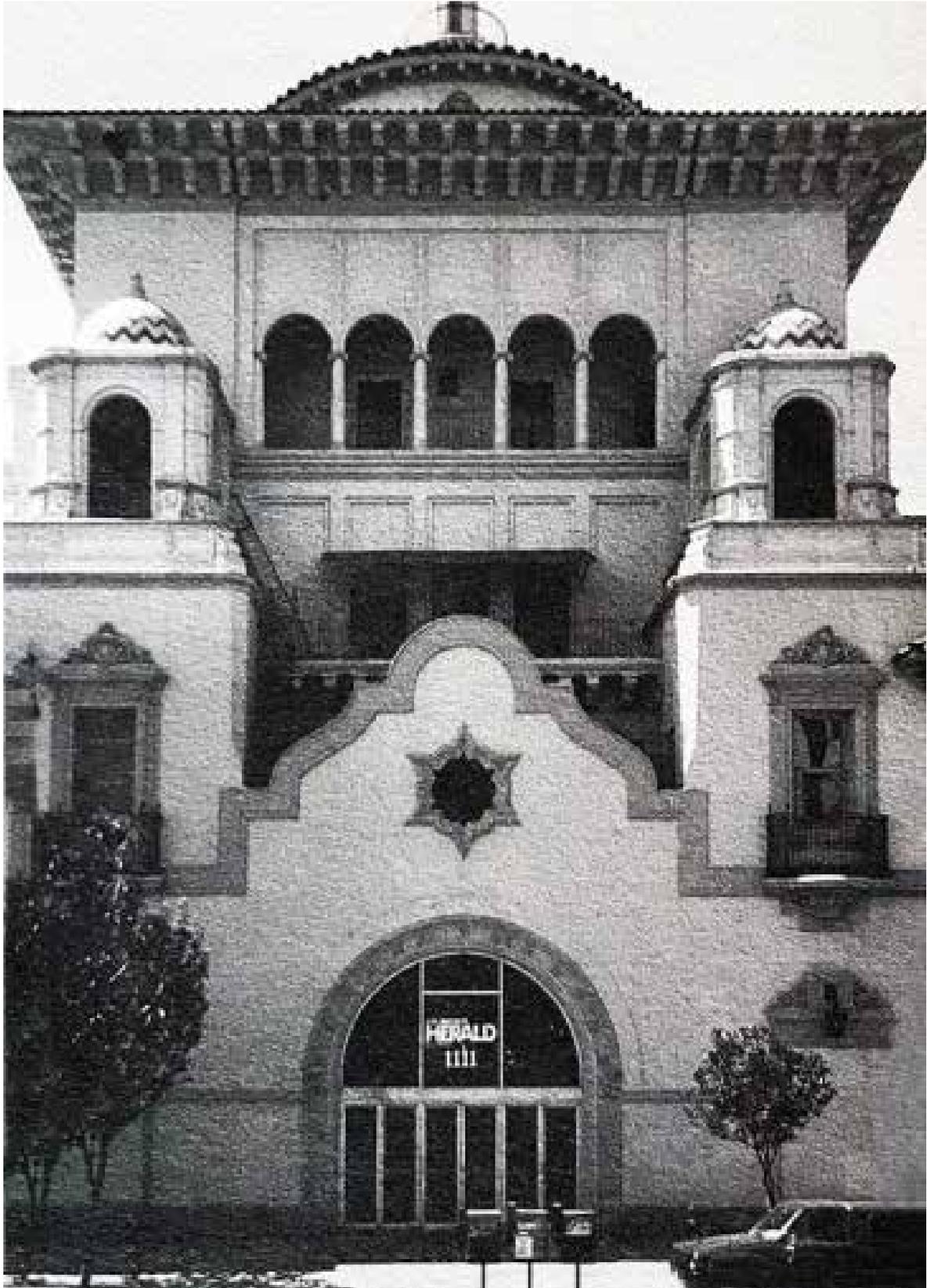
Ainda segundo a autora, as formas orgânicas foram recorrentes no *Nouveau*. Linhas curvas, onduladas, regulares e assimétricas associadas a arabescos, espirais, laços e chicotes foram bastante utilizadas. A ideia era focar o caráter sinuoso e espontâneo do movimento. A imagem da mulher foi também explorada, muitas vezes de forma erótica, juntamente com o japonismo, através do uso de elementos da cultura oriental (Bassalo, 2008, p. 23).

## Neocolonial

A arquitetura neocolonial que emergiu no início do século XX é caracterizada pelo uso de elementos arquitetônicos do período colonial, adaptando-os ao contexto urbano da época. Essa linguagem se destacou em virtude da sua busca por uma identidade cultural que mesclava influências históricas e locais, fazendo parte dos estilos revivalistas e alimentando uma espécie de nostalgia pela arquitetura colonial em um período de transformações políticas e sociais. Portanto, não era apenas uma repetição do passado, mas uma tentativa de reinterpretá-lo.

No mundo, o neocolonialismo se manifestou em diversos países, como por exemplo os Estados Unidos (Figura 25). Por lá, o uso de elementos neocoloniais em edifícios públicos e residenciais buscou evocar um sentido de identidade estadunidense em um país em formação. Segundo Kessel (2008, p. 75), no Brasil, esse movimento teve início nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, contando como precursores o professor da Escola Nacional de Belas Artes, Araújo Vianna, e o arquiteto-engenheiro português, Ricardo Severo.

As edificações neocoloniais, com suas fachadas ornamentadas, janelas em arco abatido e telhados com beirais, evocam um ideal de tradição e pertencimento, ao mesmo tempo que incorporam as inovações da época. Os arquitetos brasileiros,



**Figura 25.** Fachada de um edifício neocolonial em Los Angeles, Estados Unidos. Fonte: Acervo Aracy Amaral <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/24.094/8810?page=3>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

influenciados pela arquitetura portuguesa colonial, incorporaram elementos como azulejos, varandas de madeira, telhados de duas águas, entre outros, criando assim uma linguagem que ressoava com a história nacional (Figura 26). Para Lemos (1989, p. 65), foi um “modismo estilístico onde estavam estilizados os elementos de composição próprios do barroco português”.



**Figura 26.** Prédio da Escola Normal, no Rio de Janeiro, Brasil. Fonte: Arquivo Nacional/Wikicommons <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.279/8870>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

A linguagem neocolonial incorporou em seu bojo algumas variações estilísticas a partir de particularidades locais, como é o caso do estilo missões, que emergiu durante os anos de 1910 e 1920, próximo às comemorações do centenário da Independência do Brasil. Foi um período em que houve a proeminência de um caráter nacionalista, no qual arquitetos, artistas e intelectuais criticavam a ausência de uma identidade brasileira na arquitetura então produzida no país.

Este estilo é marcado pela fusão de elementos da arquitetura europeia, especialmente do barroco, com influências indígenas e locais. As missões foram fundadas com o objetivo de catequizar as populações nativas e, ao mesmo tempo, desenvolver comunidades agrícolas. Os edifícios construídos nesse estilo tinham uma estética caracterizada por estruturas robustas, ornamentos em relevo e uso harmônico de materiais locais.

A relação entre o neocolonial e o estilo missões é íntima, pois refletem a busca por uma identidade cultural e a influência de tradições coloniais no Brasil. Havia em ambos a busca comum por identidade e valorização do passado colonial, embora se expressem de maneiras um pouco distintas. Ainda assim, é possível perceber que contribuem para a rica tapeçaria arquitetônica do Brasil e celebram a complexa herança cultural do país.

## **Art Déco**

O *Art Déco*, um movimento artístico e arquitetônico que emergiu nas primeiras décadas do século XX, caracteriza-se pela sua estética sofisticada, que combina formas geométricas, linhas retas e uso inovador de materiais. Originado na Europa, o movimento refletiu as mudanças sociais e tecnológicas da época, incorporando elementos de uma estética industrial e moderna. Sua popularidade cresceu rapidamente, especialmente nos Estados Unidos, onde se tornou sinônimo de modernidade e elegância, traduzindo-se em arranha-céus, cinemas e edifícios públicos.

Segundo Correia (2008, p. 49), o *Art Déco* se ancorou em “impulsos do cubismo, do futurismo, do expressionismo e de outros movimentos das artes plásticas, ao mesmo tempo em que absorveu influências diversas de arquiteturas anteriores e contemporâneas”. No entanto, tal vanguarda arquitetônica somente recebeu essa nomenclatura na década de 1960, momento em que haviam grandes discussões sobre as linguagens que historicamente precederam o movimento modernista (Correia, 2008, p. 48).

Essa linguagem ficou marcada pelo uso de motivos figurativos estilizados e formas curvas aerodinâmicas, estando amplamente ligada a maquinários e grandes navios. A monumentalidade era alcançada através de composições volumétricas com elementos cilíndricos, arredondados e planos verticais ou horizontais, utilizando em muitos casos a técnica do escalonamento nas fachadas (Figura 27).

As máquinas, especialmente os grandes navios, foram uma fonte importante de inspiração desta arquitetura: nela os vãos circulares – muitas vezes dispostos enfileirados – distanciam-se dos óculos e remetem às escotilhas de navios (ou a janelas de aviões); os gradis de ferro adotam, com frequência, formas despojadas, inspiradas em guarda-corpos de passadiços; enquanto os volumes arredondados sugerem torres de comando ou convés de popa. Engrenagens de máquinas e motores também inspiraram a forma de ornamentos (Correia, 2008, p. 51).



**Figura 27.** Chrysler Building, em Nova Iorque, Estados Unidos. Fonte: ArchDaily <<https://www.archdaily.com.br/br/971344/o-que-e-arquitetura-art-deco>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

No Brasil, o *Art Déco* se estabeleceu com maior força a partir da década de 1930 como uma das linguagens mais influentes na arquitetura urbana. A tendência *Déco* com sua simplificação geometrizar e seus elementos decorativos ganhou destaque no Brasil principalmente nas tipologias relacionadas às indústrias e edifícios administrativos públicos (Figura 28). Outro aspecto marcante é sua conexão com o modernismo brasileiro. Além disso, encontrou espaço em diversas formas de arte, como *design* de interiores e mobiliário, consolidando sua influência em várias esferas da cultura brasileira.



**Figura 28.** Edifício Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, Brasil. Fonte: UOL Educação <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/art-deco-estilo-marcou-a-vida-cotidiana.htm>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

## 1.4 O ornamento em ferro na arquitetura brasileira

O uso do ferro na arquitetura brasileira deu-se de forma expressiva com a chegada da corte portuguesa em 1808 (Ferraz; Lima; Ramos, 2015, p. 03), já que até então não havia fácil acesso ao material. A partir de então vários produtos passaram a ser introduzidos no país em virtude da abertura dos portos, sendo sua comercialização intensificada a partir de 1850 (Costa, 2001, p. 35).

A corte transferida de Lisboa para o Rio trouxe consigo não só novos hábitos fidalgos, mas também as novidades decorrentes da Revolução Industrial, que logo se manifestaram na arquitetura através de novas técnicas e novos materiais de construção. O que poucos anos antes era caríssimo e proibitivo, como o vidro transparente para as janelas, por exemplo, tornou-se vulgar (Lemos, 1989, p. 44).

Antes disso, sua utilização limitava-se a ferramentas e outros itens triviais. A depressão que se abateu sobre a economia britânica no século XIX, que possuía grande influência sobre os demais países na exportação do produto, resultou em uma maior agressividade comercial e no imperialismo como forma de sobrevivência do capitalismo industrial. Segundo Silva (1986, p. 21), data desse mesmo período a ocorrência da importação dos primeiros edifícios em ferro no Brasil. Estações ferroviárias, pavilhões, mercados públicos abertos e fechados, mobiliários urbanos e componentes arquiteturais, como gradis, portões, guarda-corpos e luminárias, foram alguns das tipologias que fizeram parte do repertório arquitetônico brasileiro do referido período (Silva, 1986, p. 88) (Figuras 29 e 30).

Se na Europa o ferro era uma solução prática e econômica, aqui foi empregado com o intuito de igualar-se a ela (Costa, 2001, p. 14). Tal material enquanto participe da arquitetura no século XIX e início do século XX esteve atrelado aos processos de modernização e urbanização nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Fortaleza e Belém. Logo, é possível notar que a profusão do uso do ferro se deu em maior escala nas regiões beneficiadas pelo rápido crescimento econômico, quase sempre subordinado à exportação de produtos agrícolas, tais como açúcar, algodão, café, borracha, entre outros (Silva, 1986, p. 91).

O Rio foi o centro irradiador dessas alterações higienizantes da arquitetura domiciliar pelo Brasil afora. Evidentemente o dinheiro foi a condição necessária a esses empreendimentos renovatórios, o que impediu uma rápida e uniforme obediência às determinações reais, que desejavam estender a todo o país a nova estética urbana (Lemos, 1989, p. 46).

Apesar de algumas dessas cidades terem recebido exemplares emblemáticos da arquitetura do ferro, é necessário ressaltar que foram os componentes

arquiteturais que mais fizeram sucesso em solo brasileiro. Seja em virtude do valor mais acessível, da facilidade de transporte ou da possibilidade de reprodução sem grandes esforços, esses elementos estiveram presentes não só nos grandes centros urbanos citados anteriormente, mas também em outras cidades de menor porte, como é o caso de João Pessoa. De certo modo, todos queriam fazer parte, à sua maneira, do ideário modernizante e progressista em voga.

Deve-se reconhecer que, em muitos casos, os componentes arquiteturais assumiram um papel determinante na caracterização do espaço. Principalmente nos fins do século XIX e início do nosso século [XX], quando o ferro fundido reassumiu sua vocação plástica (Silva, 1986, p. 98).



**Figura 29.** Residência em ferro erguida no final do século XIX para a família de Francisco do Rêgo Barros de Lacerda, em Recife, um exemplar pouco comum no Brasil. Fonte: Jornal do Commercio <<https://digital.jc.uol.com.br/edicao?ed=2212&materia=85431>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

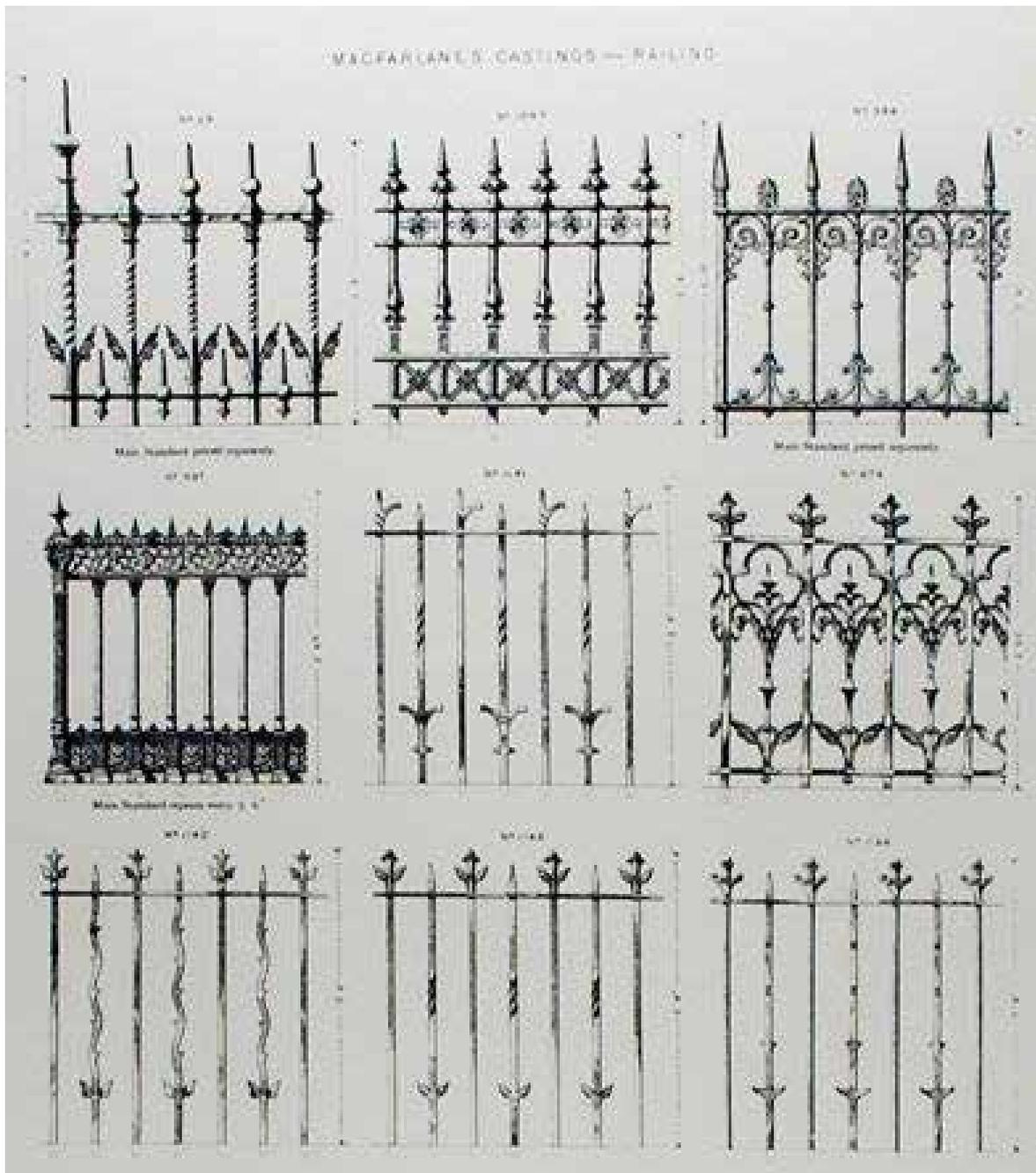


**Figura 30.** Coreto em ferro no catálogo da MacFarlane & Co. Fonte: Lost Art Historic Landscape Furnishing <[https://demo.32bytes.com/lostart/beta/catalogue\\_macfarlane.html](https://demo.32bytes.com/lostart/beta/catalogue_macfarlane.html)>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Assim como aconteceu na Europa, no Brasil o ornamento em ferro esteve, majoritariamente, presente nas edificações residenciais ligadas às classes mais abastadas da sociedade, haja vista seu poder econômico para absorver a moda vinda diretamente da Europa. Ele era usado não apenas para ampliar o valor estético da edificação, mas também para mostrar o *status* social de seus proprietários, unindo funcionalidade e beleza em um contexto de crescente urbanização e modernização. Entre os principais tipos de ornamento em ferro empregados estavam: i) grades e corrimãos, que poderiam ser utilizados de diversas formas em muros, sacadas, janelas, varandas, balcões, balaustradas e escadas (Figura 31); ii) portões de entrada e portas em geral; iii) luminárias, que poderiam ser externas ou internas; iv) elementos estruturais como pequenas cobertas e pilaretes, bastante comuns em alpendres e demais espaços abertos.

Quase tão importantes como os alpendres, eram os portões e as grades, junto à rua. Era aí que se mostrava, de longe, a posição social do proprietário. Havia portões monumentais, como os do Catete ou do Parque Guinle, no Rio de Janeiro, e também os mais simples, comprados até pelo catálogo. As peças traziam, em relevo, indicação do fabricante e, algumas, da casa

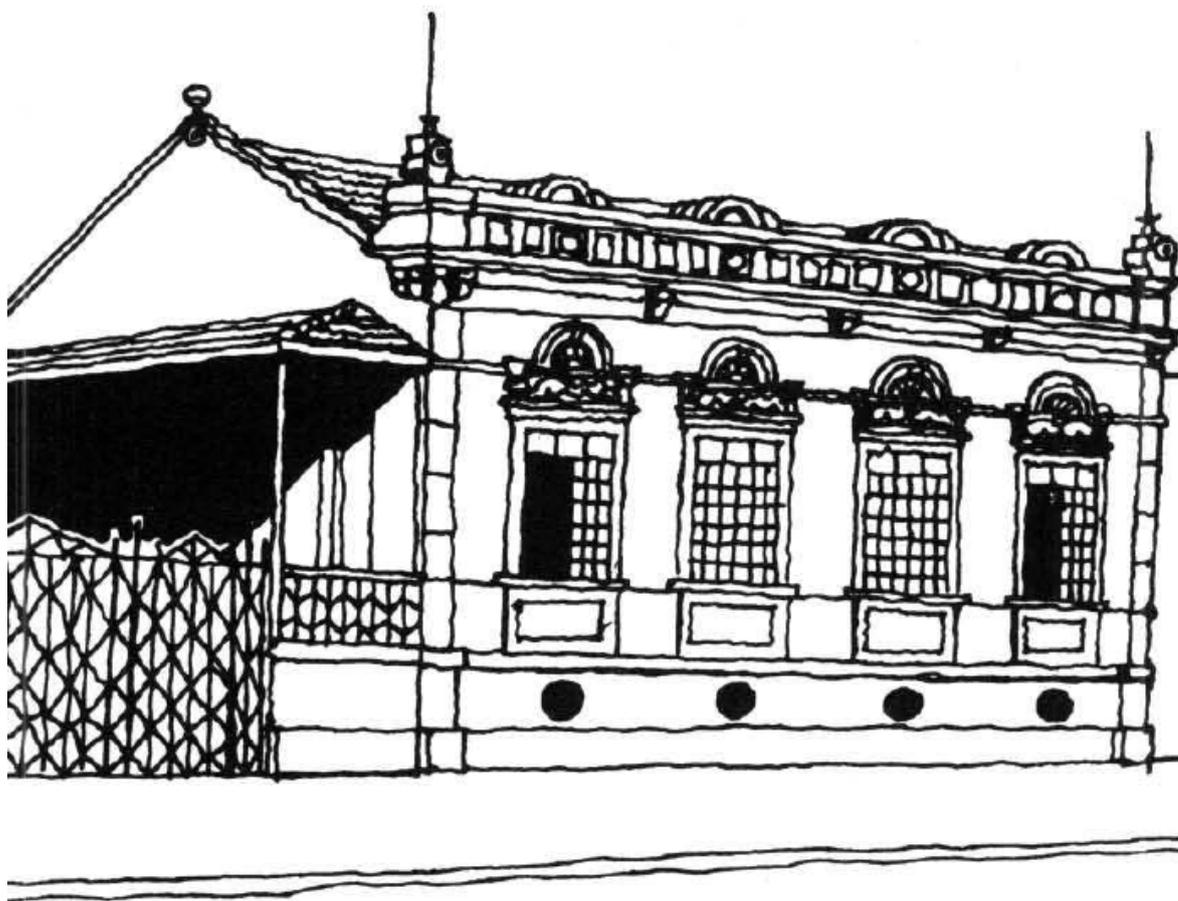
importadora. Na categoria mais comum eram encontrados os balaústres, os portões, os peitoris - inteiriços e de meia altura - as grades de gateira e os gradis. O comprador ia à loja de ferragens e escolhia modelo e dimensões, de acordo com suas posses e finalidades. As peças mais simples eram sempre quase iguais, mas, para as residências mais caras, era possível escolher modelos especiais (Reis Filho, 1995, p. 166-167).



**Figura 31.** Exemplos de gradis em ferro contidos em catálogo da MacFarlane & Co. Fonte: UK Architectural Heritage <<https://uk-heritage.co.uk/shop/pair-of-antique-marble-top-console-tables/>>. Acesso em: 03 de jan. de 2025.

Na segunda metade do século XIX as residências brasileiras começam a abandonar o modelo colonial. No exterior já era possível observar algumas modificações, como por exemplo, a sua adequação aos moldes europeus e às regras de higiene urbana e o surgimento dos recuos, fossem eles laterais ou frontais, prática que proporcionou evolução considerável às tipologias residenciais.

Com o artifício do recuo foi possível realizar modificações nos acessos da residência, entre eles, a criação de alpendres, jardins, *halls* de entrada e escadarias. Todos esses novos espaços poderiam ser adornados com componentes arquiteturais em ferro, ao gosto e ao bolso do cliente (Silva, 1986, p. 51). Além disso, os recuos laterais também romperam como a continuidade monótona das fachadas, que ficavam todas alinhadas no lote, com as cumeeiras sempre paralelas aos arruamentos (Lemos, 1989, p. 54). A partir de então passa a existir nas residências daqueles mais favorecidos um espaço intermediário entre o público e o privado, entre a rua e o lar, uma espécie de zona de transição que acabou se tornando uma grande aliada na difusão dos ornamentos em ferro (Figura 32).



**Figura 32.** Ilustração de residência com recuo lateral no final do século XIX. Fonte: Reis Filho, 1995, p. 171.

Foi a clientela burguesa que exigiu (e obteve) os grandes progressos nas instalações técnicas, nos serviços sanitários da casa, na sua distribuição interna, que solicitou uma evolução rápida das tipologias nos grandes hotéis, nos balneários, nas grandes lojas, nos escritórios, nas bolsas nos teatros e nos bancos [...] (Fabris, 1987, p. 13-14).

Assim, segundo Reis Filho (1995, p. 173-174), as moradias das famílias mais abastadas no Brasil incluíam todas essas modificações e recebiam tratamento formal rebuscado a fim de atender ao rigor dos padrões arquitetônicos europeus. Eram composições mais complexas, onde se mesclavam vários motivos que correspondiam às linguagens arquitetônicas populares à época, principalmente o ecletismo. O autor ainda afirma que “o rigor no cumprimento dos cânones de ordenação formal correspondia, de algum modo, a uma evidência da importância da família proprietária” (Reis Filho, 1995, p. 174).

Em suma, o ornamento em ferro fundiu-se à tipologia das casas e sobrados urbanos, muitas vezes compondo fachadas que buscavam representar distinção social e sofisticação formal. Esses elementos não eram meramente decorativos, mas veículos de significação cultural e de identidade burguesa. A presença do ornamento em ferro na arquitetura residencial brasileira dos séculos XIX e XX revela não apenas uma valorização estética, mas sobretudo a assimilação de repertórios técnicos e simbólicos que acompanham o processo de modernização urbana.

2



# O ORNAMENTO EM FERRO NA ARQUITETURA RESIDENCIAL DA CIDADE DE JOÃO PESSOA

No final do século XIX e início do século XX, a cidade de João Pessoa, então denominada Parahyba, passava por um processo de reconfiguração urbana, marcado pelo fortalecimento de uma elite política e comercial que buscava expressar seu prestígio por meio da arquitetura. Assim como ocorreu em outros centros urbanos no mesmo período, observa-se a adoção de elementos decorativos inspirados nos modelos europeus que representavam o ideal de progresso e que refletiam o desejo de inserção no imaginário da modernidade.

O ornamento em ferro fundido e/ou forjado foi traduzido em gradis, portões, caixilhos de portas e janelas, balcões, guarda-corpos, varandas, pilaretes e luminárias, consolidando-se como um recurso estético recorrente, associado à sofisticação e à distinção social. A valorização desses elementos não se restringia à funcionalidade, mas operava como signo de *status* e modernidade, inserindo-se nas discussões sobre evolução urbana. Assim, o ferro ornado, nesse período, constituiu um relevante indicador das dinâmicas sociais e culturais que perpassavam a formação da cidade.

As edificações residenciais erguidas em João Pessoa no período analisado destacam-se pelo emprego das linguagens arquitetônicas em voga, resultando em fachadas ornamentadas ao gosto e ao poder aquisitivo de seus proprietários. Tal observação revela um diálogo, diante das possibilidades econômicas e comerciais que existiam localmente, com as tendências arquitetônicas internacionais.

## 2.1 As transformações urbanas na capital paraibana entre os séculos XIX e XX

Conforme já foi dito, a partir do século XIX importantes transformações urbanas, influenciadas pelo que acontecia na Europa, começam a “ditar a toada” dos novos tempos no Brasil, a qual pode ser traduzida em dois conceitos:

modernidade e higienismo. Os grandes centros brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife e Belém, estiveram à frente desse processo. No entanto, apesar da pouca expressividade no cenário urbano nacional, outras cidades menores também acompanharam à sua maneira tais ditames. Assim, João Pessoa, ou cidade da Parahyba à época (Figura 33), não escapou de sofrer modificações urbanas significativas nesse período (Maia, 2016, p. 92).



**Figura 33.** A cidade da Parahyba vista a partir do Rio Sanhauá no começo do século XX. Fonte: Acervo Humberto Nóbrega <<https://revistapgmjp.com.br/index.php/ojs/issue/view/1>>. Acesso em: 15 de fev. de 2025.

Esta nova concepção de cidade passa a ser a grande inspiração dos governantes e da elite brasileira, sendo adotada como parâmetro e tendência geral, apesar das diversas escalas e graus variados de intensidade em adequar as cidades aos padrões da modernidade, da salubridade e da higiene. Neste sentido, na então cidade da Parahyba não seria diferente. Os documentos oficiais e as matérias jornalísticas expressam as determinações, as normatizações e ainda uma pretensão em concretizar profundas mudanças em sua estrutura e morfologia, para transformá-la, também, em uma cidade moderna, higiênica e salubre (Maia, 2016, p. 96).

É importante ressaltar ainda que, segundo Guedes (2006, p. 69), a incorporação desses signos do progresso e da modernidade na urbe só foi possível por conta do momento próspero que vivia o estado da Paraíba em virtude das condições financeiras favoráveis advindas da economia algodoeira na transição

para o século XX. Esse aumento de riqueza e de receitas viabilizou as primeiras reformas urbanas desse período (Mariz, 1978, p. 35). Diante desse contexto, a elite paraibana, inspirada pelas revistas e pelo que acontecia nos grandes centros europeus e brasileiros, pôde aspirar por uma nova realidade urbana condizente com seu atual poderio econômico.

As revistas nacionais e internacionais, que circulavam na época, ilustravam cidades e cenários onde se podia observar o glamour da modernidade, com pessoas elegantemente vestidas, circulando por ruas limpas, alinhadas, largas, calçadas, iluminadas, ladeadas de arquitetura refinada, com automóveis transitando em seu percurso ou estacionados nessas belas avenidas, ao lado dos jardins e espaços públicos embelezados segundo os critérios burgueses europeus. Essa realidade passou a ser cobiçada e perseguida pela elite parahybana, que cobrava aos seus administradores, providências para adequar a cidade da Parahyba aos novos moldes urbanos progressistas, difundidos como ícones da modernidade (Guedes, 2006, p. 68-69).

As transformações urbanas e demais iniciativas que se sucederam não diziam respeito somente aos logradouros, edificações, equipamentos e espaços públicos, mas também a uma nova forma de ser e viver em coletividade na cidade, incluindo medidas de saúde pública, como incentivo à vacinação da população e a construção de hospitais, cemitérios e mercados públicos (Maia, 2016, p. 95).

De acordo com Vidal (2004, p. 17-18), entre o final do século XIX e o início do século XX a capital paraibana ainda apresentava aspecto colonial, com poucas ruas calçadas, vias desalinhadas e um núcleo urbano pequeno. Maia (2016, p. 98) afirma que as modificações urbanas ocorreram paulatinamente durante esse período, partindo inicialmente da cidade alta até alcançar posteriormente a cidade baixa. Alinhar, regularizar, ordenar, limpar e embelezar foram ações bem adotadas que trouxeram importantes implicações para a evolução do traçado da cidade.

As reformas urbanas de maior porte tiveram início a partir dos anos de 1910, no mandato de João Machado como presidente do estado da Paraíba, que iniciou seu governo apenas reformando setores já existentes. A partir de 1916, no governo estadual de Camilo de Holanda (1916-1920), essas intervenções tiveram um cunho mais estético em detrimento de melhorias na infraestrutura, privilegiando praças e outros equipamentos do gênero (Vidal, 2004, p. 19).

Ao longo da década de 1920, principalmente no governo do prefeito Walfredo Guedes Pereira, quando o presidente do estado da Paraíba era Sólton de Lucena, foram feitas várias intervenções pontuais na cidade. Também foram instituídas muitas normas para regulação das construções com o objetivo de torná-las mais salubres. Visava-se, também, o embelezamento da cidade, com muitas demolições para a construção de praças e espaços abertos. Foram executadas correções de



avanço posterior da cidade no sentido leste, rumo à Praia de Tambaú. Assim, a Rua Monsenhor Walfredo Leal, ao final do século XIX, surge como uma continuação da antiga Rua do Tambiá (Maia, 2016, p. 107).

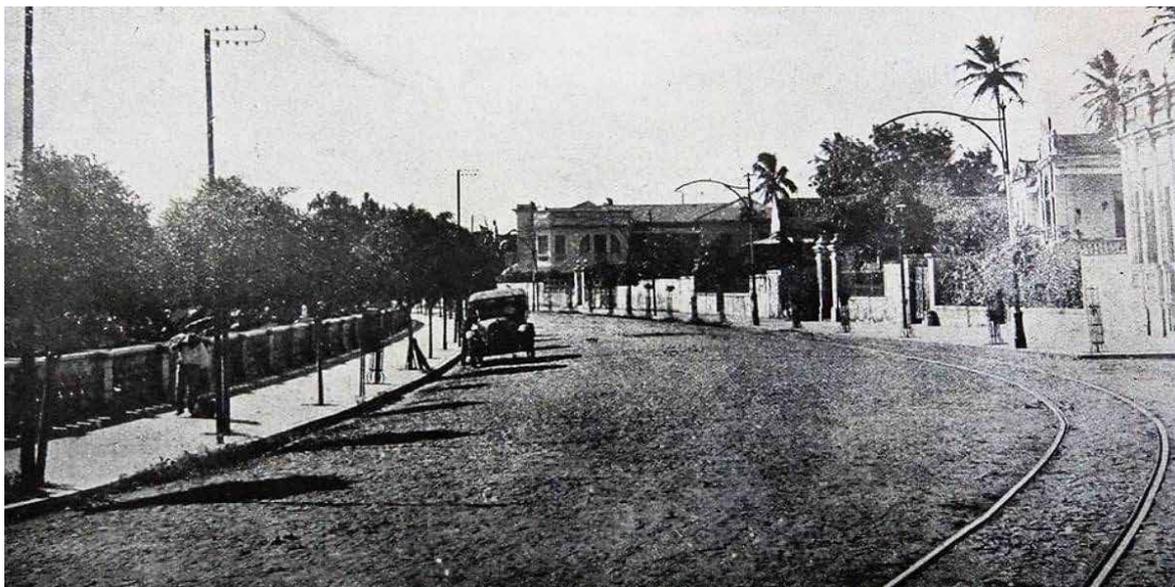


**Figura 35.** Vista do Parque Sólon de Lucena e da Avenida Getúlio Vargas entre os anos 1940-1950. Fonte: Acervo Gilberto Stuckert <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=725157294742287&set=a.398026884121998>>. Acesso em: 15 de fev. de 2025.

Ao sul havia a Rua das Trincheiras (Figura 36), importante eixo que ligava a cidade a Pernambuco, aparecendo nos registros iconográficos locais desde o século XVII. É a partir de sua ocupação que surgem o bairro popular de Jaguaribe, cujo loteamento remonta à instauração da Lei de Terras de 1850, e o primeiro *boulevard* da cidade, a Avenida João Machado (Maia, 2016, p. 108).

Esta [a Avenida João Machado] foi sendo ocupada por habitações luxuosas, notadamente edificadas por antigos senhores de engenho que neste momento se tornam usineiros e por conseguinte transferem seu local de residência para a cidade (Maia, 2016, p. 108).

A situação econômica alvissareira do estado na primeira metade do século XX possibilitou tais desdobramentos nas novas localidades supracitadas, como também em logradouros mais antigos da cidade, sendo este o caso da Avenida General Osório, antiga Rua Nova, e da Avenida Duque de Caxias, antiga Rua Direita, cuja ocupação inicial remonta ao período colonial. Na primeira, houve “a construção de passeio de pedestres, demolição do casarão que impedia o prolongamento da via, instalação de postes de iluminação ingleses e arborização” (Carvalho; Martins, 2006, p. 59). Já na segunda, “os largos dão lugar a praças, demolem-se igrejas e novos espaços urbanos abertos são criados” (Almeida; Galvão, 2006, p. 83).



**Figura 36.** Vista da Rua das Trincheiras com sua icônica balaustrada, ao lado esquerdo, nos anos 1920. Fonte: Jampa das Antigas <<https://www.carlosromero.com.br/2022/11/por-favor-salvem-balaustrada-das.html>>. Acesso em: 15 de fev. de 2025.

Segundo Carvalho e Martins (2006, p. 59), a Avenida General Osório foi reduto das residências da elite local até o século XIX, o que só veio a ser modificado nas primeiras décadas do século XX quando “as novas casas das famílias ricas se deslocam para eixos de expansão”. Apesar disso, continuou sendo uma área valorizada da cidade, mas agora ocupada por famílias de classe média. Por outro lado, Almeida e Galvão (2006, p. 83) afirmam que, no mesmo período, a Avenida Duque de Caxias vive transformações na sua vocação urbana e sua ocupação então passa a abrigar espaços de lazer e convívio social, como cinemas, bares e novas praças.

Assim, a cidade de João Pessoa constituiu terreno fértil para a introdução de inovações no campo da arquitetura. Nesse contexto, o ornamento em ferro emergiu como elemento integrado à arquitetura produzida localmente com o propósito de valorizá-la junto à linguagem expressa no edifício. O ferro tornou-se um material recorrente em edifícios produzidos na capital paraibana no final do período imperial e início do republicano, quando foi reconhecido como símbolo de modernização e progresso. Sabendo-se das transformações urbanas mencionadas, se faz necessário também abordar de forma sucinta o modo como a produção arquitetônica local conseguiu traduzir esse novo paradigma para as residências da cidade no final do século XIX e início do século XX.

## **2.2 O habitar em transição: uma síntese da arquitetura residencial**

O ecletismo ao final do século XIX e início do século XX vivia seu auge no Brasil. Assim sendo, em João Pessoa, “a produção da arquitetura residencial adota, então, essa linguagem e passa a ser comum a construção de casas ou mesmo reformas de fachadas para que ostentassem ornatos característicos do ecletismo” (Azevedo; Moura Filha; Gonçalves, 2016, p. 113). Apesar disso, as mudanças na arquitetura residencial não diziam respeito apenas ao invólucro das edificações. Paulatinamente, o programa de necessidades e as plantas baixas vão sofrendo atualizações de modo a seguir as normas do higienismo em vigência.

A linguagem eclética foi adotada majoritariamente pelas famílias mais abastadas, no entanto, também é possível constatar que se fez presente nas casas populares, sobretudo através dos ornamentos, que foram nessa época imprescindíveis à caracterização arquitetônica. Fabris (1993, p. 138) frisa que “mesmo as camadas menos abastadas, que não podem se pautar pela monumentalidade, optam, entretanto, pelo ornamento, qualificando as fachadas de suas habitações com detalhes decorativos”.

Desse modo, Azevedo, Moura Filha e Gonçalves (2016, p. 114) destacam que a produção eclética pode ser sistematizada no Centro Histórico de João Pessoa da seguinte forma: i) as casas ecléticas, totalmente novas ou que apresentam apenas renovação na fachada, situadas nas áreas mais antigas da cidade; ii) as de uso misto no Varadouro; e, por fim, iii) as que se localizam nas áreas de expansão da cidade, principalmente aquelas nos bairros de Tambiá e Trincheiras. Por se tratar do escopo deste trabalho, o enfoque será dado no primeiro e último grupo.

No caso das casas ecléticas nas áreas mais antigas da cidade, conforme dito, poderiam ser construções totalmente novas, sob as diretrizes urbanas em voga, ou apenas um novo tratamento dado às antigas fachadas através de algumas soluções, como

uso de platibandas, ora com balaústres ora ornamentos; maior decorativismo das cercaduras e sobrevergas dos vãos com marcação vertical predominante; esquadrias mais elaboradas; aplicação de repertório decorativo sobre paramentos de fachadas, entre outras (Azevedo; Moura Filha; Gonçalves, 2016, p. 115).

A implantação e a volumetria desse grupo ainda seguiam o modelo colonial a partir de lotes estreitos e fundos (Figura 37). No entanto, algumas pequenas evoluções foram sendo feitas em virtude do novo contexto urbano, como por exemplo, aquelas relacionadas ao direcionamento das águas dos beirais, que não mais poderiam lançar água de chuva sobre as ruas, e o surgimento dos porões altos (Azevedo; Moura Filha; Gonçalves, 2016, p. 115).

O uso dos recuos foi um divisor de águas na implantação e na volumetria

da arquitetura residencial desse período. Através desse recurso foi possível criar outras espacialidades, com corredores e alpendres, que ajudavam na iluminação e ventilação dos cômodos, além de embelezar a entrada. De início, eram alocados apenas em uma das laterais do lote (Figura 38). Essas edificações também foram marcadas por “platibanda recortada e ornamentada, janelas amplas e tripartidas, balcões com balaústres, frisos, pilastras e sobrevergas com elementos decorativos (Azevedo; Moura Filha; Gonçalves, 2016, p. 118).

Como nos séculos anteriores, os terrenos eram de pouca frente, forçando o alongamento das construções. As casas raramente comportavam mais do que duas salas, na largura. As residências maiores, porém, apresentavam normalmente uma área livre lateral, que ocupava o espaço de um outro lote e se organizava como jardim. Durante muito tempo esse aumento de espaço livre não conduziu a qualquer modificação na maneira de dispor a casa no terreno – da sua implantação, se quisermos usar a linguagem dos arquitetos – ou de suas proporções, que continuavam a obedecer esquemas mais antigos. Todavia, a entrada principal já não se colocava no eixo da fachada, abrindo sobre a rua, mas era deslocada para a lateral, passando pelos jardins, que recebiam, por isso, um tratamento formal, inspirado em modelos franceses e eram protegidos do exterior, muito solenemente, por **grades e portas de ferro**, em geral de proporções gigantescas (Reis Filho, 1995, p. 171, grifo nosso).



**Figura 37.** Fachada principal do imóvel localizado na Rua Duque de Caxias, 47, Centro. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 25. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 38.** Fachada principal do imóvel localizado na Praça Dom Adauto, 58, Centro. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 18. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2024.

Nas áreas de expansão da cidade, a exemplo dos novos bairros de Tambiá e Trincheiras, além da presença da edificação com recuo lateral e no limite frontal do lote, existem aquelas que já apresentam os dois recuos laterais, podendo estar sobre porão alto (Figura 39). Também surgem nessas áreas outros tipos de edificação, como os conjuntos compostos por duas até quatro casas geminadas. Azevedo, Moura Filha e Gonçalves (2016, p. 125), sobre esse tipo em específico, supõem que “destinavam-se a mais de um núcleo de uma mesma família ou eram construídas para alugar”.

À medida em que o tempo passa, os recuos laterais e frontais vão ficando mais generosos. Há a preocupação com a fachada principal, que é “valorizada e trabalhada esteticamente, além de se obter um jogo volumétrico” (Azevedo; Moura Filha; Gonçalves, 2016, p. 130).

Esse processo de liberação da casa em relação ao lote completou-se quando o recuo frontal correspondeu a toda a testada, e, nas duas laterais, os afastamentos se tornaram, claramente, identificáveis, ficando a edificação livre das antigas amarras das paredes geminadas (Azevedo; Moura Filha; Gonçalves, 2016, p. 131).



**Figura 39.** Fachada principal do imóvel localizado na Rua das Trincheiras, 482, Trincheiras. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 37. Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

Além dessas tipologias, havia ainda nesses bairros, que foram a morada da elite paraibana do início do século XX, os palacetes. Na arquitetura residencial do referido período eles representam uma fase marcada pela exibição de status social e pela forte influência de algumas linguagens, especialmente o ecletismo e o *Art Nouveau*, refletindo o desejo da classe alta de se aproximar do gosto europeu. Os palacetes eram construídos soltos nos lotes. Além dos recuos laterais e frontais, do uso de varandas, jardins e alpendres eram comuns. Uma novidade era o acesso para o automóvel, que “era tratado com a ênfase necessária para evidenciar que o proprietário detinha este precioso símbolo de riqueza” (Figura 40) (Moura Filha; Rodrigues, 2016, p. 141).

O início de sua difusão na capital paraibana é datado de forma imprecisa na década de 1920. De acordo com Moura Filha e Rodrigues (2016, p. 135), a partir dos anos 1930, começam a estar associados a outras linguagens também apropriadas pela elite: o neocolonial e o art déco. A Rua das Trincheiras, a Avenida João da Mata, a Rua Deputado Odon Bezerra e a Avenida Monsenhor Walfredo Leal foram importantes redutos desse tipo de edificação, não à toa esses logradouros estão associados às áreas de expansão e enobrecimento da cidade.

Por fim, os bangalôs (Figura 41) chegaram ao Brasil no século XX por meio

da influência do cinema hollywoodiano, de catálogos de construção e publicações similares, face à divulgação do estilo de vida americano. Eles constituem uma tipologia de edificação que se popularizou na década de 1930, nas áreas de expansão urbana na direção leste de João Pessoa, em torno da Lagoa, muitas vezes trazendo características do neocolonial hispano-americano na sua versão *mission style* (Cavalcanti Filho; Torres; Elias, 2016, p. 203-204). São caracterizados como residências providas de quatro recuos no lote, térreas, compactas e planta funcional (Cavalcanti Filho; Torres; Elias, 2016, p. 200).



**Figura 40.** Fachada principal do imóvel localizado na Rua Deputado Odon Bezerra, 334, Centro. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 13. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 41.** Fachada principal do imóvel localizado na Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 181, Tambiá. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 03. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

## 2.3 Os tipos de ornamento em ferro mais comuns

Na capital paraibana, o repertório ornamental em ferro do referido período compreendia uma grande variedade de peças decorativas e/ou funcionais integradas principalmente nas fachadas e/ou áreas externas das residências, como é o caso de muros, sacadas, janelas, varandas, alpendres, jardins, halls de entrada, escadarias, entre outros. Os espaços que surgiram entre os lotes a partir dos afastamentos em virtude das novas normativas e reformas urbanas entre os séculos XIX e XX serviram como uma espécie de vitrine social, onde as famílias visavam demonstrar à sociedade a sua adesão ao ideário modernizante – ainda que alusiva ao invólucro da edificação – e às linguagens arquitetônicas que representavam o *zeitgeist* do momento, além de ostentar seu prestígio econômico.

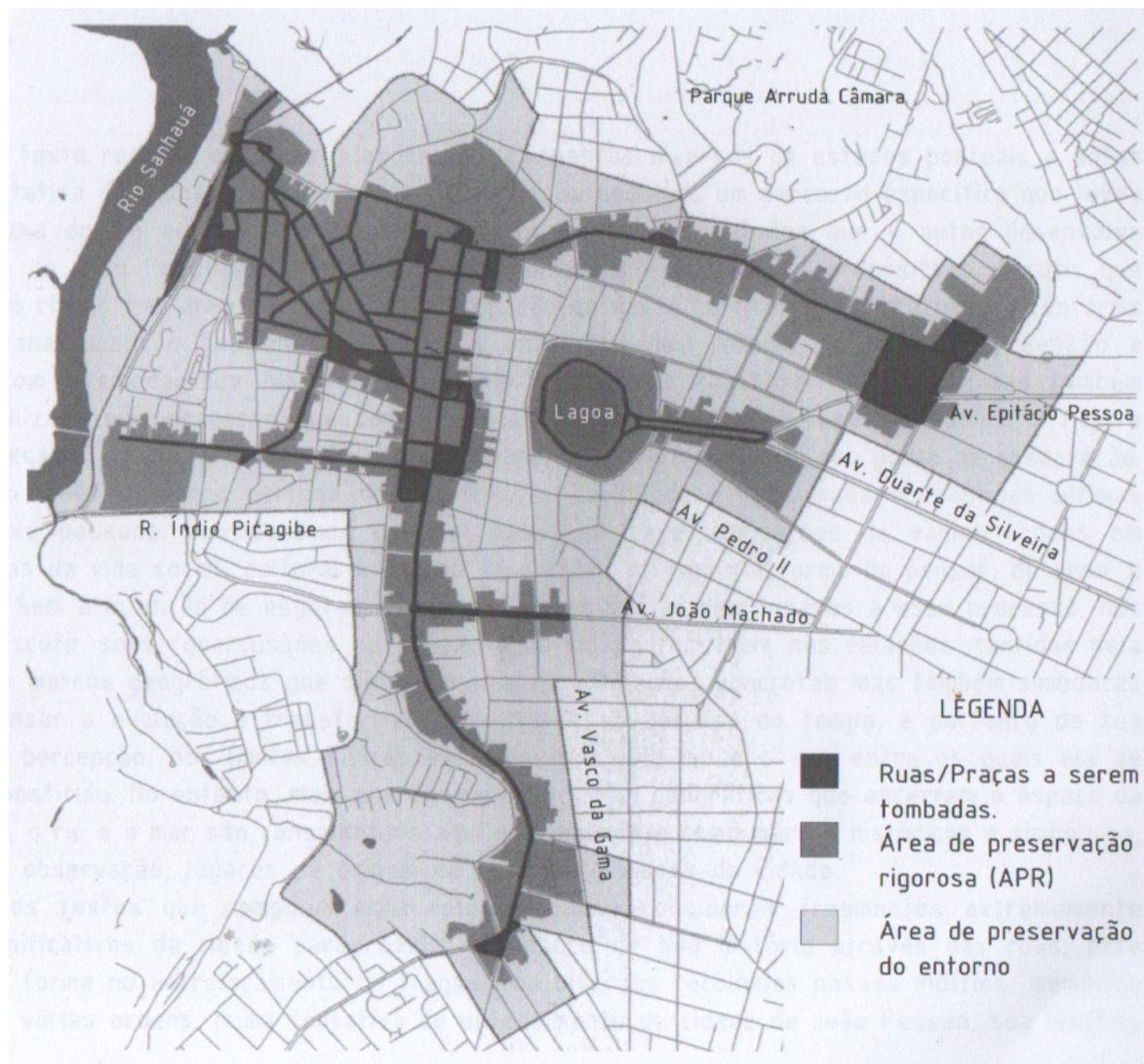
É importante ressaltar que o presente trabalho se deteve na análise do exterior das edificações estudadas em razão da dificuldade de acesso ao seu interior face ao seu caráter privativo, mas, sobretudo, visando fornecer registros mais acurados das peças ornamentais empregadas através do procedimento de redesenho. Contudo, isso não significa dizer que tais edificações não contenham ou possam conter ornamentos em ferro no seu interior, pois seria leviano fazer tal afirmação sem acessar esses espaços.

Outra observação que merece ser feita diz respeito ao padrão socioeconômico das residências nas quais os ornamentos em ferro estão presentes. Conforme foi explicitado anteriormente, a literatura consultada nesta pesquisa demonstrou que esses elementos eram usados com vigor pela classe mais alta da sociedade paraibana, principalmente por aquelas famílias relacionadas ao próspero momento econômico vivenciado pelo estado da Paraíba. No entanto, residências mais populares, ou seja, de menor porte e expressividade arquitetônica, também foram guarnecidas com ornamentos em ferro, porém de forma mais contida. Por isso, foram escolhidas edificações variadas na tentativa de fornecer uma amostra que abrangesse as diversas realidades socioeconômicas que coexistiam localmente entre os séculos XIX e XX.

Ao todo, cinquenta residências foram selecionadas para serem exploradas com mais afinco neste trabalho através de mapas (Apêndice A), gráficos e fichas de levantamento e análise (Apêndice B). Nessas edificações, os ornamentos em ferro se apresentam de diversas maneiras, sendo elas: i) gradis frontais e portões; ii) guarda-corpos; iii) caixilhos e bandeiras de portas e janelas; iv) gradis em seteiras e porões altos; v) luminárias; e vi) pilaretes. Esta última, por se tratar de uma categoria de difícil redesenho, consta apenas nos gráficos elaborados e nas fichas de levantamento e análise, sendo ilustrada no trabalho através de registros

fotográficos.

As cinquenta residências selecionadas estão localizadas de forma geral no Mapa 01 ao final deste capítulo e também de forma expandida nos mapas que constituem o Apêndice A. Elas estão inseridas nos atuais bairros de Tambiá, Centro, Trincheiras e Jaguaribe (Apêndice A) e inscritas dentro da poligonal de proteção em vigor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) (Figura 42).



**Figura 42.** Novo perímetro do Centro Histórico de João Pessoa (2004). Fonte: Tinem, 2006, p. 17.

De acordo com o Decreto nº 25.138, de 28 de junho de 2004, que definiu a delimitação e demais normativas acerca do tombamento do Centro Histórico de João Pessoa, a maioria das edificações selecionadas estão inseridas na Área de Preservação Rigorosa (APR), que compreende:

o conjunto dos logradouros públicos, dos lotes e edificações com qualquer limite voltado para eles, que possuam ao menos uma das características abaixo relacionadas, cujos elementos que o compõem, inclusive o próprio traçado urbano, devam ser preservados, valorizados, restaurados ou adaptados às características arquitetônicas e urbanísticas originais:

- concentra grande densidade de exemplares significativos da arquitetura religiosa, civil, institucional e militar;
- possua conjuntos de edificações que, pela continuidade, harmonia e uniformidade, mesmo tratando-se de construções de natureza popular, formam a ambiência de edifícios significativos;
- está relacionado a acontecimentos históricos ou a personalidades locais, estaduais e nacionais;
- constitua testemunho das práticas e tradições de uma época ou de um momento da sociedade;
- exemplifica a evolução estilística ou tecnológica da arquitetura;
- possua elementos naturais portadores de significação histórica, paisagística ou ambiental (IPHAEP, 2004, p. 03).

Cada edificação está representada por registro fotográfico de sua fachada e graficamente destacada no Apêndice A com as cores do trabalho: em azul, Tambiá (Apêndice A – Mapa 07); em verde, Centro (Apêndice A – Mapa 08); em vinho, Trincheiras (Apêndice A – Mapa 09); e em amarelo, Jaguaribe (Apêndice A – Mapa 10). As fichas de levantamento e análise (Apêndice B) também se correlacionam com essas cores de acordo com a localização das edificações. Os logradouros nos quais as edificações estão situadas são: Rua Deputado Odon Bezerra, Avenida Monsenhor Walfredo Leal, Avenida Dom Pedro I, Avenida Presidente Getúlio Vargas, Parque Sólon de Lucena, Praça Dom Ulrico, Praça Dom Adauto, Rua Duque de Caxias, Avenida General Osório, Avenida João Machado, Rua Rodrigues de Aquino, Rua das Trincheiras, Rua Irineu Joffily, Avenida Capitão José Pessoa e Avenida João da Mata (Apêndice A – Mapa 06).

Conforme a listagem abaixo contida no Decreto nº 25.138, é possível verificar que doze dos quinze logradouros citados constam especificamente na APR. As ruas Rodrigues de Aquino e Irineu Joffily e a Avenida Capitão José Pessoa estão inseridas apenas na Área de Preservação do Entorno (APE), que é caracterizada pelo documento como “área de transição e de manutenção da ambiência entre a APR e a área de expansão da cidade” (IPHAEP, 2004, p. 03).

1. Área de Preservação Rigorosa do Centro Histórico da Cidade de João Pessoa – APR, conforme tipificada no Anexo 01 da presente Deliberação, constitui área tombada e é formada pelas **Avenidas General Osório, Getúlio Vargas**, Guedes Pereira, **João Machado (entre as Ruas das Trincheiras e João Luís Ribeiro de Moraes)**, **João da Mata**, Miguel Couto

(entre as Ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas) e **Monsenhor Walfredo Leal**; pelas Ladeiras da Borborema, São Francisco e Feliciano Coelho; pelas Praças XV de Novembro, 1817, Álvaro Machado, Anthenor Navarro, Antônio Rabelo, Aristides Lobo, Caldas Brandão, Capitão Antônio Pessoa, Independência, Trabalho (da Pedra), Doutor Napoleão Laureano, **Dom Adauto, Dom Ulrico**, João Pessoa, Pedro Américo, Rio Branco, São Francisco, São Pedro Gonçalves, Simeão Leal, Venâncio Neiva e Vidal de Negreiros; pelas Ruas 05 de Agosto, Amaro Coutinho, Antônio Sá, Augusto Simões, Barão do Triunfo, Braz Florentino, Cardoso Vieira, Conselheiro Henriques, Areia, **Deputado Odon Bezerra, Duque de Caxias**, Gama e Melo, Genaro Sorrentino, Henrique Siqueira (entre a Praça Antônio Rabelo e a Rua da Areia), Jacinto Cruz, João Suassuna, Maciel Pinheiro (entre a Praça Antenor Navarro e a Rua Padre Azevedo), Padre Lindolfo, Padre Gabriel Malagrida, Peregrino de Carvalho, República, Rosário di Lorenzo, Sá Andrade, São Mamede, **Trincheiras**, Vigário Sarlem e Visconde de Inhaúma, e pela Travessa dos Milagres.

1.1. Integra ainda a APR o **Parque Sólon de Lucena (Lagoa)**, constituído pelos seus anéis viários, interno e externo, espelho d'água e áreas verdes (IPHAEP, 2004, p. 02, grifo nosso).

Este trabalho não esgota a quantidade de edificações residenciais guarnecidas com ornamentos em ferro do final do século XIX e início do século XX situadas no Centro Histórico da cidade de João Pessoa, mas registra uma amostra do rico patrimônio ornamental da cidade, que constitui parte imprescindível e indivisível da produção arquitetônica civil da época. Isto posto, cumpre descrever os tipos de ornamentos em ferro encontrados nas residências.

## Gradis frontais e portões

Os gradis frontais e os portões (Figura 43) desse período tinham como principal função não só a delimitação e a mediação entre o espaço público - a rua - e o espaço privado - a propriedade - mas também cumpriam um papel ornamental através dos seus componentes plásticos, os quais refletiam a estética das linguagens da época. Para Ferraz, Lima e Ramos (2015, p. 04-05), “o contato dos transeuntes comuns com as classes possuidoras seria no máximo visual; ao mesmo tempo, a transparência e a beleza podiam, de certo modo, também tornar mais agradável o trajeto dos passantes”. Apesar dos gradis e portões estarem atualmente relacionados à proteção das edificações, nesse período não havia a mesma preocupação com a segurança urbana e o caráter de vigilância era quase que inexistente.

Durante o governo do médico João Machado (1908-1912) muitos espaços da cidade da Parahyba foram transformados e adaptados aos códigos

estéticos modernos, deixando para trás várias de suas feições coloniais. [...] As edificações públicas e particulares também agregaram novos elementos e conceitos para a criação de um cenário moderno. Ataviados com elementos como platibandas, balaústres, cornijas, pilastras e **gradis rebuscados**, os edifícios limitavam as ruas, avenidas e praças, contribuindo na composição das perspectivas do cenário urbano (Guedes, 2006, p. 100, grifo nosso).



**Figura 43.** Gradil frontal e portão do imóvel localizado na Rua das Trincheiras, 104, Trincheiras. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 29. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

Frequentemente esses elementos se apresentam integrados ao longo do limite que divide o lote com a rua, podendo ser usados para cercar quintais, jardins ou fachadas, indo desde os mais simples aos mais elaborados, em formas geométricas, orgânicas e mistas. Os gradis frontais desse período eram muito ornamentados, com linhas retas, lanças, detalhes de arabescos, volutas, formas sinuosas, e até mesmo figuras simbólicas, como flores e folhas. Podiam ser empregados a partir do piso até determinada altura ou simplesmente arrematando muros ou muretas existentes na divisa do lote (Figura 44).

Já os portões eram elementos de destaque arquitetônico que complementavam o conjunto dos gradis, especialmente nas entradas das residências de alto padrão. Eram desenhados para serem imponentes, mas também refinados e detalhados,

reforçando o status social dos proprietários. Inclusive, nas residências das famílias de maior importância política e econômica, era comum a gravação em relevo das iniciais que remetiam aos seus sobrenomes.

Assim, o ferro, tanto o fundido quanto o forjado, era trabalhado de maneira a criar formas que, ao mesmo tempo, eram leves e sofisticadas. Pode-se afirmar que são os ornamentos em ferro mais abundantes no repertório da cidade e que aparecem em quase todas as edificações selecionadas para a amostra, estando presentes nas residências da classe alta e da classe popular, seja em maior ou menor grau de refinamento.



**Figura 44.** Gradil frontal do imóvel localizado na Avenida Dom Pedro I, 92, Centro. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 02. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

## Guarda-corpos

Os guarda-corpos são também gradis (Figura 45), e por isso compartilham as mesmas características estéticas e formais, mas que cumprem a função principal de proteger o indivíduo em relação a planos horizontais de diferentes alturas numa edificação, podendo ser instalados em varandas, alpendres, escadas, sacadas ou

mesmo nas bordas dos edifícios, para evitar acidentes e garantir a segurança ao fazer uso de determinado espaço construído.

Sua função não era apenas utilitária. Esse elemento também apresenta função decorativa, pois seu posicionamento nas fachadas e/ou áreas externas das construções geram bastante impacto visual. Nas residências selecionadas para o trabalho, não é incomum encontrar gradis frontais, portões e guarda-corpos numa mesma edificação seguindo um padrão ou desenho semelhante, demonstrando preocupação com o conjunto da obra e privilegiando a noção de continuidade. Pode-se afirmar que compõem o repertório ornamental das residências mais requintadas, já que os guarda-corpos guarnecem espaços maiores e requintados.



**Figura 45.** Guarda-corpo do imóvel localizado na Avenida General Osório, 164, Centro. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 07. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

## Caixilhos e bandeiras de portas e janelas

Os caixilhos (Figura 46) são peças que se assemelham a molduras e auxiliam na sustentação de portas e janelas, permitindo que as aberturas de um edifício

sejam vedadas de maneira prática, mas também estética. Já as bandeiras (Figura 47) são peças fixas, que podem ser de diversos tamanhos, situadas acima de portas e janelas com a função de permitir a entrada de iluminação e ventilação naturais. Desse modo, o ferro, que se popularizou nesse período, permitiu a produção de caixilhos mais complexos, como guilhotinas, basculantes e outros tipos de aberturas, que poderiam ser combinados com vidros de vários tipos, outro material de destaque da época.



**Figura 46.** Caixilho de porta do imóvel localizado na Rua Deputado Odon Bezerra, 111, Tambiá. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 05. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 47.** Bandeira de porta do imóvel localizado na Praça Dom Adauto, 44, Centro. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 20. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

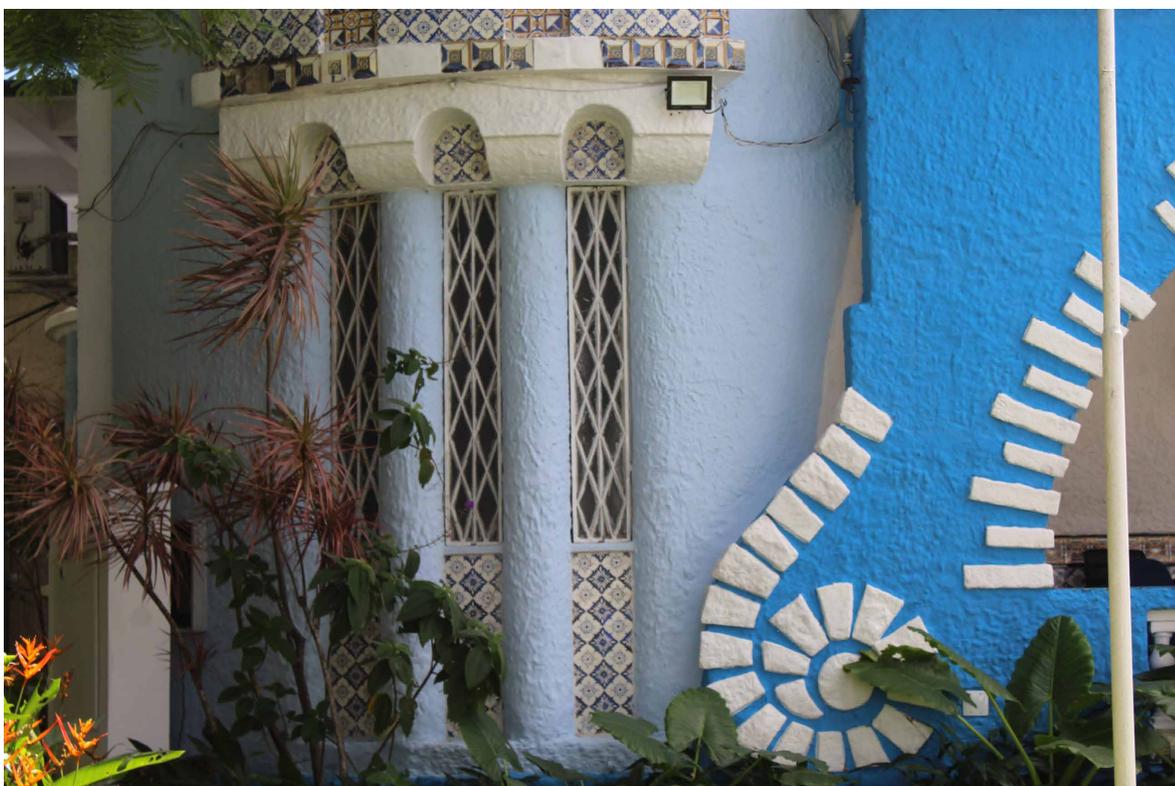
## Seteiras e porões altos

As seteiras (Figura 48) são um tipo de janela estreita e alongada projetada para permitir a entrada de luz e ventilação naturais em espaços internos menores, como é o caso de corredores e escadas. No repertório ornamental do Centro Histórico de João Pessoa, é possível notar que essas aberturas são comumente guarnecidas com gradis, ainda que singelos. Geralmente, esses gradis seguem a mesma linguagem estética da edificação.

Já os porões altos (Figura 49) foram formados a partir da elevação do piso

térreo em relação ao nível da rua em correspondência com as normativas de higiene urbana vigentes à época. Eles eram guarnecidos com gradis que se inscreviam perfeitamente nas aberturas feitas na parede da fachada da residência, podendo ter formato quadrado, circular, entre outros. Conforme relata o autor abaixo, esses ornamentos estavam ligados aos novos partidos arquitetônicos que surgiam nos centros urbanos brasileiros ao final do século XIX.

Nas grandes cidades, no começo e principalmente em São Paulo e Rio, à medida que o século [XIX] se aproximava de seu fim, tornaram-se frequentes esses partidos residenciais em que as casas ainda estavam sobre o alinhamento do lote, porém mostrando distâncias entre si e tendo embaixo de cada janela uma **pequena grade de respiração do porão** – porão a partir daí obrigatório porque as normas exigiam que os assoalhos ficassem afastados do chão (Lemos, 1989, p. 55, grifo nosso).



**Figura 48.** Seteira do imóvel localizado na Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 141, Tambiá. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 03. Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

## Luminárias

O uso do ferro nas luminárias (Figura 50) configura uma parte importante da

evolução do mobiliário e da decoração. Elas se caracterizavam pela combinação de função e decoração, já que não apenas iluminavam os espaços, mas também adicionavam valor estético ao ambiente, refletindo o ideário modernizante das novas construções urbanas. No referido repertório ornamental do Centro Histórico de João Pessoa, as luminárias eram usadas em residências de classe alta. Essas peças estavam associadas a espaços como salões de festas, corredores, escadarias e varandas.



**Figura 49.** Gradil do porão alto do imóvel localizado na Rua das Trincheiras, 482, Trincheiras. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 37. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

## Pilaretes

Os pilaretes são elementos de suporte mais delgados que pilares convencionais que serviam como colunas de sustentação de outras estruturas, como por exemplo as cobertas (Figuras 51 e 52). Eles não cumpriam apenas uma função estrutural, mas também serviam para destacar o *status* social da família ou do proprietário do imóvel. Tais elementos poderiam incorporar diferentes motivos decorativos, como os orgânicos: folhagens, flores, guirlandas, figuras de animais, a exemplo de leões ou águias; e os geométricos: linhas ortogonais e figuras

geométricas.

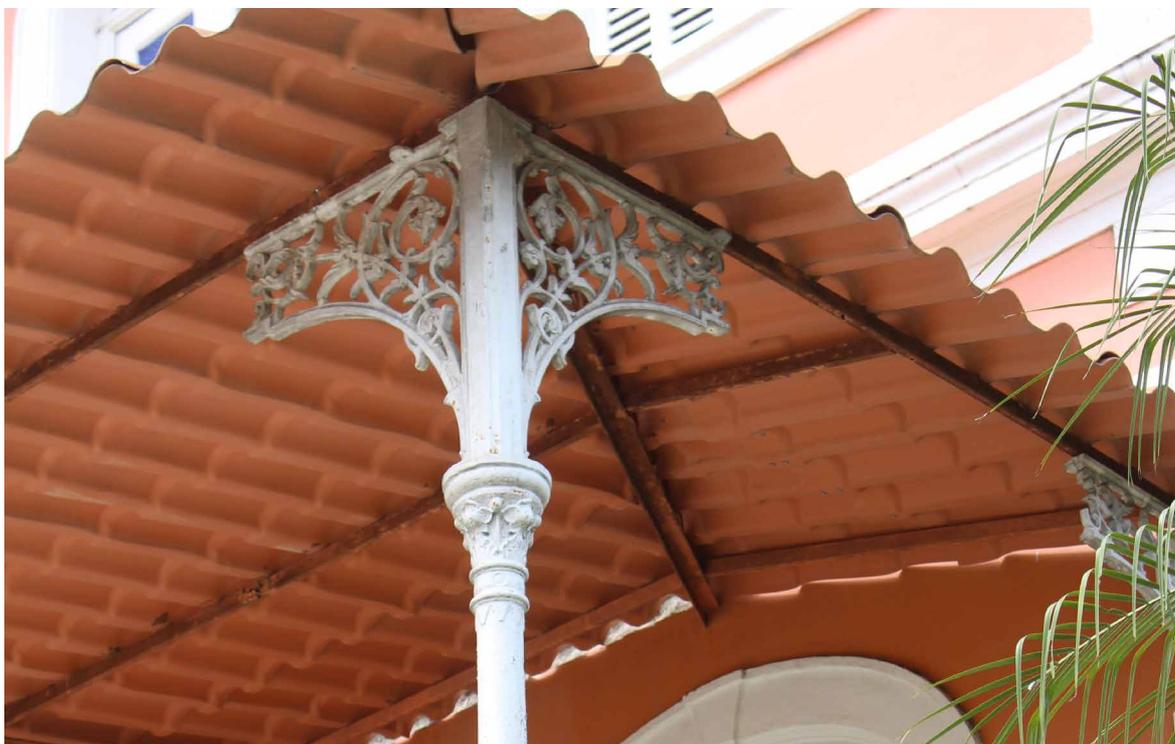
A adoção do ferro permitiu a criação de pilaretes mais delgados, mais resistentes e, ao mesmo tempo, mais ornamentados, sem a necessidade de estruturas pesadas e massivas. O material auxiliou na criação de formas complexas, delicadas e ornamentais, além de ser mais resistente e durável do que os materiais tradicionais, como a pedra e a madeira.



**Figura 50.** Luminária da entrada do imóvel localizado na Rua das Trincheiras, 736, Trincheiras. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 35. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 51.** Coberta com pilarete do imóvel localizado na Rua Deputado Odon Bezerra, 184, Tambiá. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 21. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 52.** Detalhe do pilarete do imóvel localizado na Rua Deputado Odon Bezerra, 184, Tambiá. Ficha de levantamento e análise da edificação e seus ornamentos nº 21. Fonte: Acervo Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

## 2.4 Em busca dos possíveis fabricantes

Uma vez destacados os tipos de ornamento em ferro presentes na arquitetura residencial da capital paraibana entre o final do século XIX e o início do século XX, cumpre tecer algumas considerações elaboradas a partir de investigações acerca da produção dessas peças e os meios através dos quais a população residente teve acesso a esses produtos.

A fundição artística nasceu do encontro do escultor com o fundidor, onde “o industrial tornou-se artista, e o artista, industrial” (Fundação Parques e Jardins, 1997, p. 13). Assim, esses profissionais aliaram seus dotes artísticos aos processos seriados industriais que já eram celebrados nas grandes companhias, trazendo maior celeridade comercial ao segmento. Na literatura não há datação a partir da qual essa profissão foi iniciada no Brasil. Assim, para entender o que se deu em João Pessoa no âmbito da produção do ornamento em ferro é necessário incursionar um pouco na sua história.

A crise do mercado europeu no século XIX fez com que as grandes fundições artísticas, como por exemplo a fábrica francesa Val d’Osne e a escocesa MacFarlane & Co., desejassem ingressar em outros países para um novo fôlego comercial. Na Europa, os catálogos haviam perdido o brilho, já não tinham utilidade, e muito menos procura pelos compradores locais. No entanto, no Novo Mundo, o tempo dos catálogos brilhava; constituía a principal fonte para importação desses produtos, sendo, até a década de 1920, possível adquirir peças da “arquitetura dos componentes” (Costa, 2001, p. 84).

Os catálogos abrangiam todos os usos do ferro: arquitetural, ornamental, estrutural e sanitário. O objetivo era apresentar as várias combinações possíveis das peças pré-moldadas, com exemplos de montagens; mas não necessariamente significavam seu estágio final. Ficava a critério do consumidor a escolha das peças e sua organização, como uma espécie de *self-help project*, com vistas a auxiliar o cliente e o construtor, concorrendo inclusive para o uso da criatividade do profissional envolvido.

No século XIX foram estabelecidas as primeiras fundições no Brasil, apesar do ferro não ter uma evolução muito promissora no país durante esse período, perdendo para os produtos importados. O desenvolvimento incipiente de uma metalurgia nacional foi a justificativa para o insucesso da empreitada, mantendo, desde então, o mercado nacional brasileiro no campo do ornamento em ferro dependente dos produtos vindos das companhias de fundição europeias. Mesmo assim, essas peças ainda ficaram restritas aos grandes centros urbanos que

despontavam economicamente no país, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Manaus, Salvador, Recife e Fortaleza (Silva, 1986, p. 196).

Ao contrário do que ocorria nos núcleos urbanos citados acima, cujo acesso aos catálogos e aos interlocutores de grandes fundições europeias era recorrente, em João Pessoa não foram encontradas referências à presença massiva de fundições, nem tampouco a possíveis relações com firmas europeias. Para chegar a essa conclusão, foram realizadas algumas pesquisas nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) do início do século passado, sobretudo em antigos exemplares do jornal A União, que era o periódico oficial de comunicação e portal da transparência pública da época.

No IHGP foram procurados jornais das décadas de 1900 a 1950, mas o arquivo só dispunha de exemplares a partir de 1930. Verificando os jornais existentes ficou claro que, do terceiro decênio do século em diante, apareciam nas sessões de oferta de produtos e serviços anúncios de pequenas fábricas e comércios voltados para os ornamentos em ferro (Figuras 53 e 54), e até mesmo uma fundição, chamada Boa Vista, que se autopromovia como “a única da capital e a mais completa do estado” (Figura 55).

Sobre essas investigações nos arquivos do IHGP em busca de registros de possíveis fabricantes desses ornamentos é possível destacar alguns aspectos que, de alguma forma, sugerem como se dava a produção e comercialização desses ornamentos. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que o tamanho dos anúncios e a sua recorrência periódica nesses jornais antigos refletiam a situação econômica das firmas anunciantes. Afinal, o preço do anúncio aumentava progressivamente a partir de seu tamanho, dos detalhes nele apresentados, do rebuscamento da tipografia adotada, do espaço ocupado na página, e também da periodicidade das publicações. Assim, os indícios sugerem que as fábricas ou fundições que tiveram seus anúncios nos jornais tinham *status* no cenário econômico local, visto que dispunham de recursos para investir em propagandas comerciais.

Outro dado importante, à exceção da presença da Fundação Boa Vista citada anteriormente, foi verificar que os demais estabelecimentos comerciais que vendiam portões, gradis e guarda-corpos em ferro também eram responsáveis pela venda de produtos adicionais para o lar e para a construção civil, como fogões, cortinas, portas, vitrines e carros de mão, por exemplo. Eram verdadeiras mercearias de insumos residenciais.

Apesar das firmas aqui registradas não retratarem nenhum de seus produtos através de desenhos, como faziam os catálogos das grandes fundições, sendo assim apenas meros anúncios, e de não haver documentação que relacione esses estabelecimentos às peças ornamentais presentes na arquitetura residencial

considerada neste trabalho, é necessário reconhecer a importância dessas empresas como comprovação do prestígio que tinha o ferro enquanto material preferido das classes mais abastadas, constituindo veículo eficaz de difusão de seus ideais de progresso e prosperidade.

Assim, diante das escassas informações obtidas a partir do arquivo pesquisado, torna-se evidente a necessidade de um aprofundamento maior e a busca por outras fontes, a fim de elucidar aspectos ainda pouco explorados em relação aos fabricantes e ao processo de produção do ornamento em ferro na cidade de João Pessoa. Destarte, este trabalho não se encerra por aqui, mas pode constituir ponto de partida para novas investigações.



Figura 53. Anúncio no jornal "A União", 24 de dezembro de 1932. Fonte: Acervo IHGP.

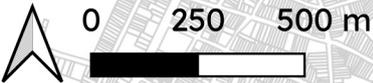
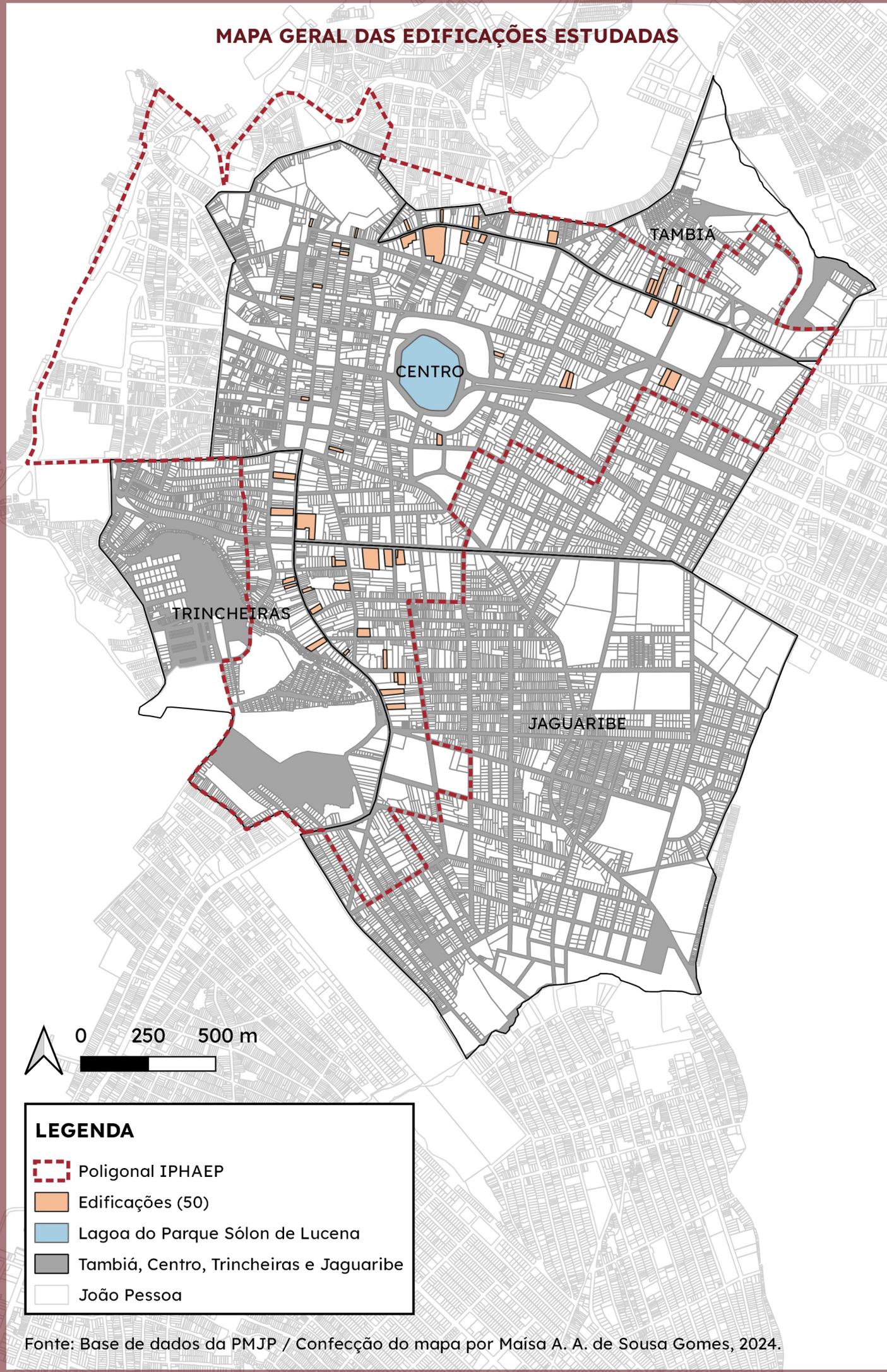


Figura 54. Anúncio no jornal "A União", 04 de outubro de 1950. Fonte: Acervo IHGP.



Figura 55. Anúncio no jornal "A União", 09 de agosto de 1934. Fonte: Acervo IHGP.

# MAPA GERAL DAS EDIFICAÇÕES ESTUDADAS



**LEGENDA**

- Poligonal IPHAEP
- Edificações (50)
- Lagoa do Parque Sólon de Lucena
- Tambiá, Centro, Trincheiras e Jaguaribe
- João Pessoa

Fonte: Base de dados da PMJP / Confeção do mapa por Maisa A. A. de Sousa Gomes, 2024.

3



# AS PEÇAS ORNAMENTAIS E AS ANÁLISES APLICADAS

Com vistas a fornecer uma análise mais detalhada das peças ornamentais redesenhadas, todas as informações sobre as edificações estudadas foram sistematizadas num quadro-resumo, que não consta no trabalho, mas serviu de base para a produção das fichas de levantamento e análise de cada edificação e seus ornamentos (ver Apêndice B). Essas informações foram classificadas segundo três critérios: i) quanto à identificação das edificações, que compreende sua localização espacial no Centro Histórico de João Pessoa; ii) quanto à caracterização, que engloba os tipos de edificação, as linguagens arquitetônicas expressas, a originalidade das fachadas e seu grau de conservação, e a aplicação dos ornamentos em ferro; e iii) quanto às análises das peças, que diz respeito aos tipos de ornamento, seu grau de conservação, seus motivos, e a susceptibilidade de recorrência/similaridade. A partir disso, houve a produção de gráficos e tabelas que representam os valores extraídos dessas informações.

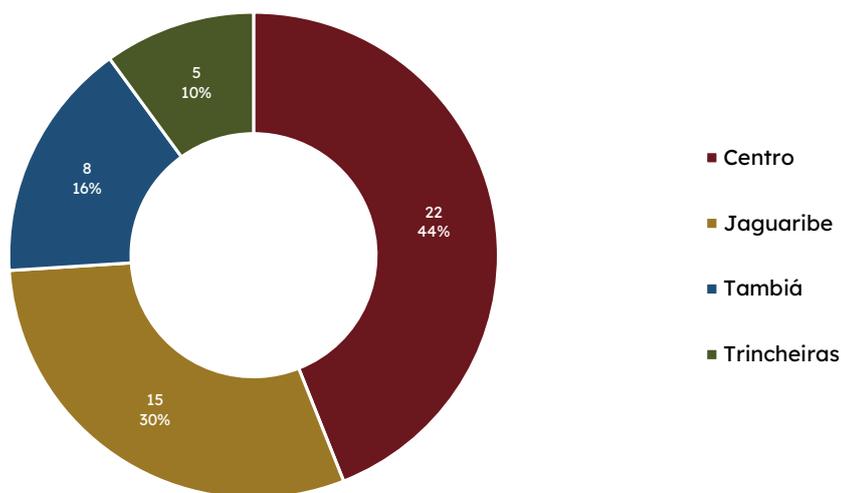
## 3.1 Identificação das edificações

Com base na amostra selecionada para o estudo, das cinquenta edificações, 44% delas estão situadas no bairro do Centro e 30% no bairro de Jaguaribe, correspondendo a 74% de todas as edificações, uma porcentagem significativa do total. Os bairros de Tambiá e Trincheiras compreendem 16% e 10% das edificações, respectivamente (Gráfico 01). No entanto, apesar do número de edificações com ornamentos em ferro serem expressivos nos bairros do Centro e Jaguaribe, num primeiro olhar, é preciso ponderar que a classificação por bairro não é a mais indicada para o presente estudo, pois mascara constatações importantes (ver Apêndice A).

O bairro do Centro, por exemplo, faz divisa com o bairro de Tambiá pela Rua Deputado Odon Bezerra e pela Avenida Monsenhor Walfredo Leal, de acordo com

a legislação urbana atual da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Dessa forma, as edificações que estão situadas nesses logradouros acabam sendo divididas em virtude do posicionamento das residências, já que cada lado das vias faz parte de um bairro diferente. Assim, residências podem estar localizadas num mesmo eixo viário e constituírem bairros distintos.

Quando observados os logradouros dos imóveis, dos quinze contemplados na pesquisa sobressaem-se quatro: a Rua das Trincheiras, com 18% de edificações; a Avenida Monsenhor Walfredo Leal, com 14%; a Rua Deputado Odon Bezerra, com 14%; e a Avenida João Machado, com 6% (Gráfico 02). Esses logradouros aqui citados, juntos, correspondem a 52% do total de edificações guarnecidas com ornamentos em ferro na amostra, ou seja, mais da metade. Os demais logradouros, juntos, somam 48%. Isso demonstra matematicamente a importância dessas quatro vias como baluartes do ideário modernizante que adotou o uso do ferro na arquitetura residencial na cidade de João Pessoa no final do século XIX e início do século XX, conforme evidenciado pela literatura.

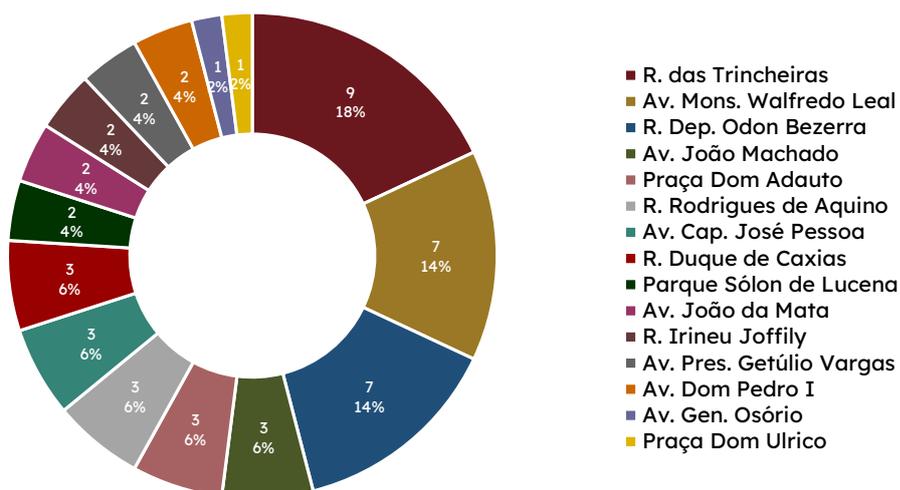


**Gráfico 01.** Distribuição das edificações estudadas por bairros. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2025.

### 3.2 Caracterização das edificações

Em relação aos tipos de edificação encontrados, as cinquenta residências

foram classificadas segundo seis categorias: i) casa térrea geminada, que apresenta apenas um pavimento e nenhum tipo de recuo, lateral ou frontal (Figura 56); ii) casa térrea geminada com um dos recuos laterais, mas ainda implantada no limite frontal do lote (Figura 57); iii) casa térrea com os dois recuos laterais, mas também no limite frontal do lote (Figura 58); iv) casa térrea solta dos limites do lote, isto é, com todos os recuos: laterais, frontal e de fundos (Figura 59); v) sobrado, que apresenta mais de um pavimento, com os dois recuos laterais, mas ainda implantado no limite frontal do lote (Figura 60); e, vi) sobrado solto dos limites do lote, isto é, com todos os recuos: laterais, frontal e de fundos (Figura 61). Essa análise foi realizada para compreender de que forma a presença dos ornamentos em ferro pode estar correlacionada com as diferentes tipologias residenciais à medida em que foram evoluindo em virtude do uso do recuo. É inegável, de acordo com Lemos (1989, p. 64), as contribuições que os novos modos de ocupação do lote trouxeram aos novos arruamentos no início do século XX.



**Gráfico 02.** Distribuição das edificações estudadas por logradouro. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2025.

Diante do exposto, é perceptível que os sobrados e as casas térreas soltas dos limites do lote constituem a maioria das edificações do universo da amostragem, com 40% e 32%, respectivamente, somando 72% do total das residências (Gráfico 03). Isso revela que o contexto de novas diretrizes e reformas urbanas adotado na cidade de João Pessoa no final do século XIX e início do século XX contribuiu para a evolução das tipologias residenciais, obviamente somado ao contexto econômico promissor do estado da Paraíba, que por sua vez possibilitou a adoção desses ornamentos nessas tipologias edilícias.



**Figura 56.** Exemplo de casa térrea geminada. Ficha nº 25. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 57.** Exemplo de casa térrea geminada com um dos recuos laterais. Ficha nº 32. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 58.** Exemplo de casa térrea com os dois recuos laterais. Ficha nº 37. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



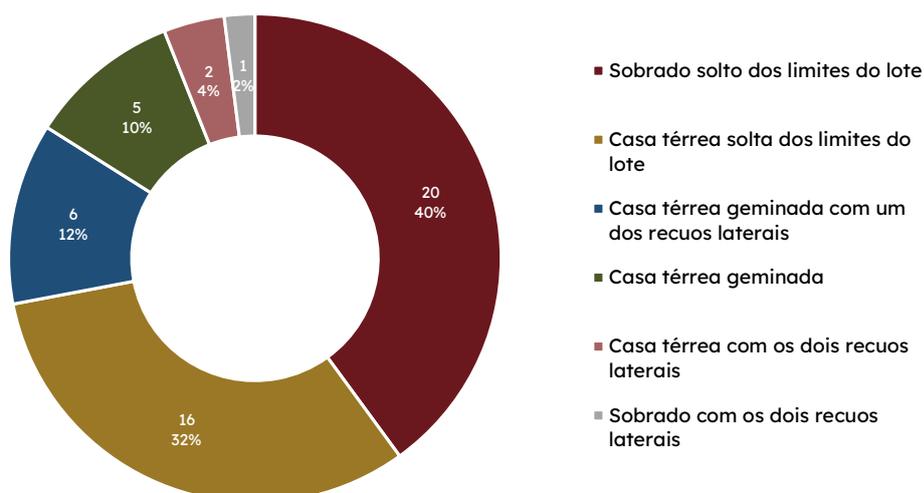
**Figura 59.** Exemplo de casa térrea solta dos limites do lote. Ficha nº 11. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 60.** Exemplo de sobrado com os dois recuos laterais. Ficha nº 06. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 61.** Exemplo de sobrado solto dos limites do lote. Ficha nº 21. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



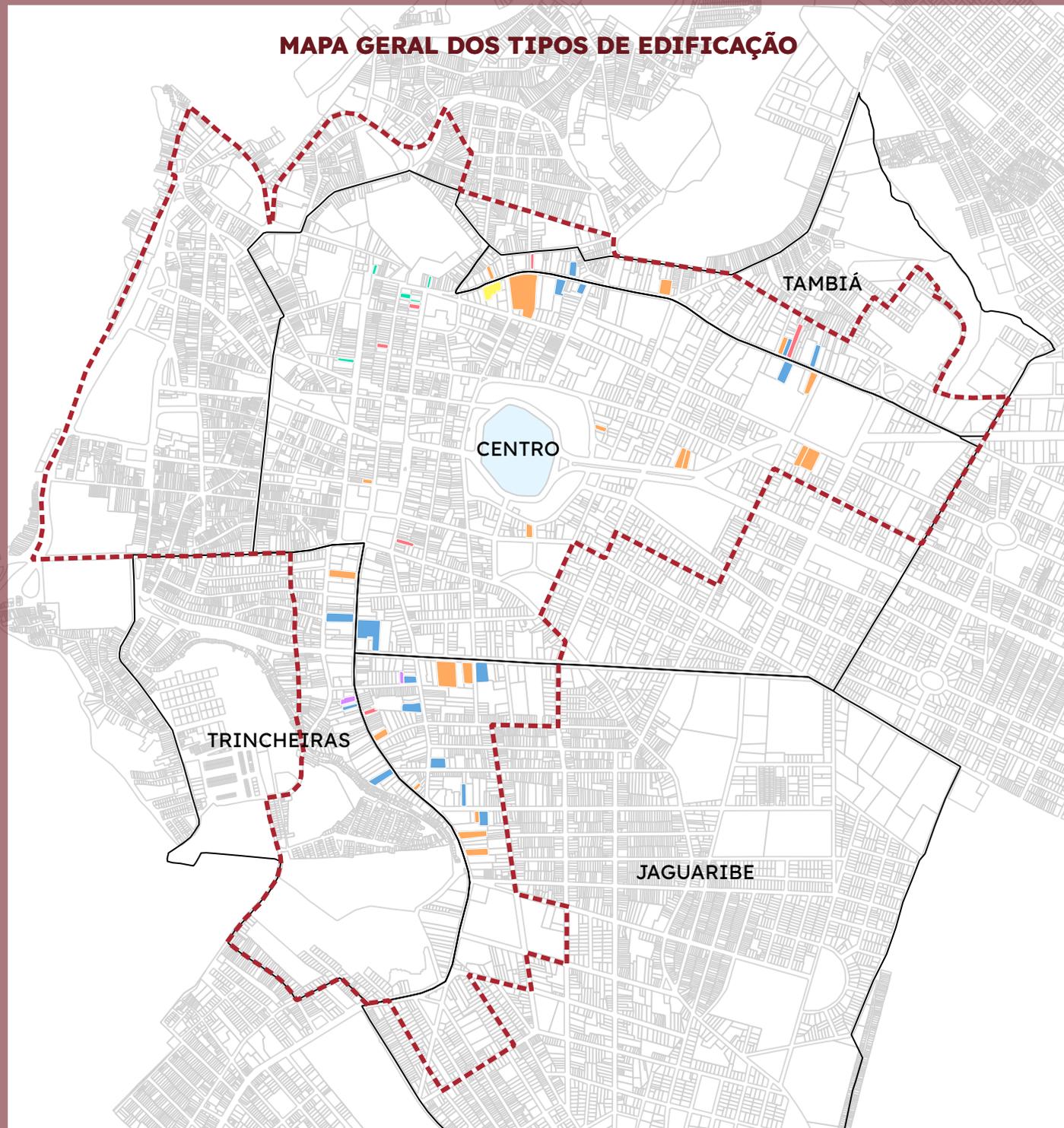
**Gráfico 03.** Distribuição das edificações estudadas por tipo. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2025.

No Mapa 02, que demonstra a localização dos tipos de edificações, nota-se que os sobrados dotados de todos os recuos estão concentrados, majoritariamente, nos seguintes logradouros: Rua Deputado Odon Bezerra, Avenida Monsenhor Walfredo Leal, Rua das Trincheiras, Avenida João da Mata, Avenida João Machado e nas imediações da Lagoa, no seu anel viário externo e na Avenida Getúlio Vargas. Já as casas térreas dotadas de todos os recuos estão localizadas principalmente nas vias a seguir: Rua Deputado Odon Bezerra, Avenida Monsenhor Walfredo Leal, Avenida João Machado, e em outros logradouros do bairro de Jaguaribe, como Rua Rodrigues de Aquino e Avenida Capitão José Pessoa. Ou seja, nas palavras de Fabris (1987, p. 23): “o urbanismo estabeleceu uma hierarquia precisa das estruturas urbanas que coincide, naturalmente, com a hierarquia econômica e das classes sociais”.

Outra observação importante é que as casas térreas geminadas, sem recuos, ou seja, que apresentam implantação e volumetria que remonta à fase colonial da cidade, estão concentradas nos logradouros mais antigos, como é o caso da Praça Dom Adauto, Praça Dom Ulrico e Rua General Osório. As demais tipologias aparecem bem distribuídas na poligonal de proteção do IPHAEP.

A respeito das linguagens arquitetônicas adotadas, o ecletismo (Figura 62) está presente em 56% das edificações guarnecidas com ornamentos em ferro, mais da metade do total das edificações (Gráfico 04). Essa expressividade numérica no recorte evidencia a arquitetura eclética enquanto “linguagem dotada de valores simbólicos e emotivos que deveriam ser transmitidos a todas as camadas da

# MAPA GERAL DOS TIPOS DE EDIFICAÇÃO



## LEGENDA

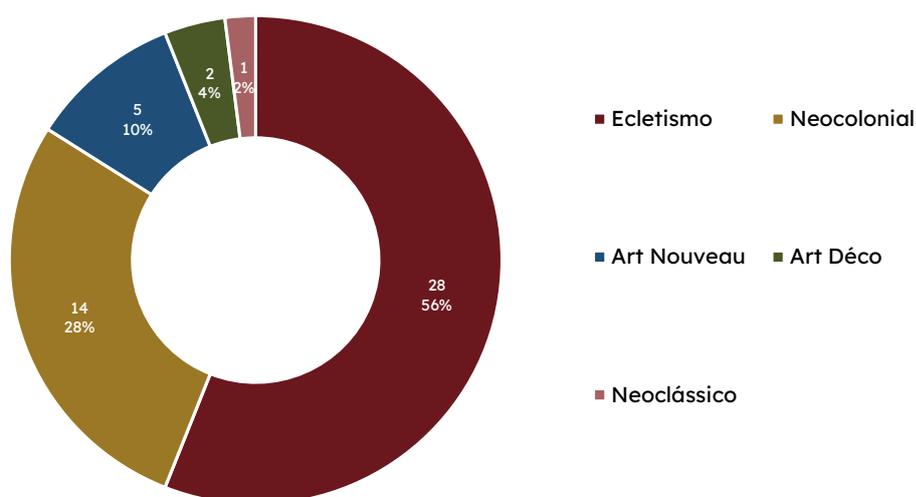
- Poligonal IPHAEP
- Lagoa do Parque Sólton de Lucena
- Tambiá, Centro, Trincheiras e Jaguaribe
- João Pessoa
- Sobrado solto dos limites do lote (20)
- Casa térrea solta dos limites do lote (16)
- Casa térrea geminada com um dos recuos laterais (6)
- Casa térrea geminada (5)
- Casa térrea com os dois recuos laterais (2)
- Sobrado com os dois recuos laterais (1)

Fonte: Base de dados da PMJP / Confeção do mapa por Maisa A. A. de Sousa Gomes, 2024.

sociedade” (Fabris, 1993, p. 134), revelando sua importância na capital paraibana e como esteve associada ao gosto da época. Por outro lado, a segunda linguagem com maior relevância na amostra é a arquitetura neocolonial (Figura 63), com 28% do total de edificações, o que se correlaciona com aquilo que Fabris (1993, p. 140) afirma sobre a linguagem neocolonial ser, no Brasil, parte “da reação contra o estilo dominante a partir dos anos 10”.



**Figura 62.** Palacete eclético à Rua Deputado Odon Bezerra, 334, Centro. Ficha nº 13. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Gráfico 04.** Distribuição das edificações estudadas por linguagem arquitetônica. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2025.

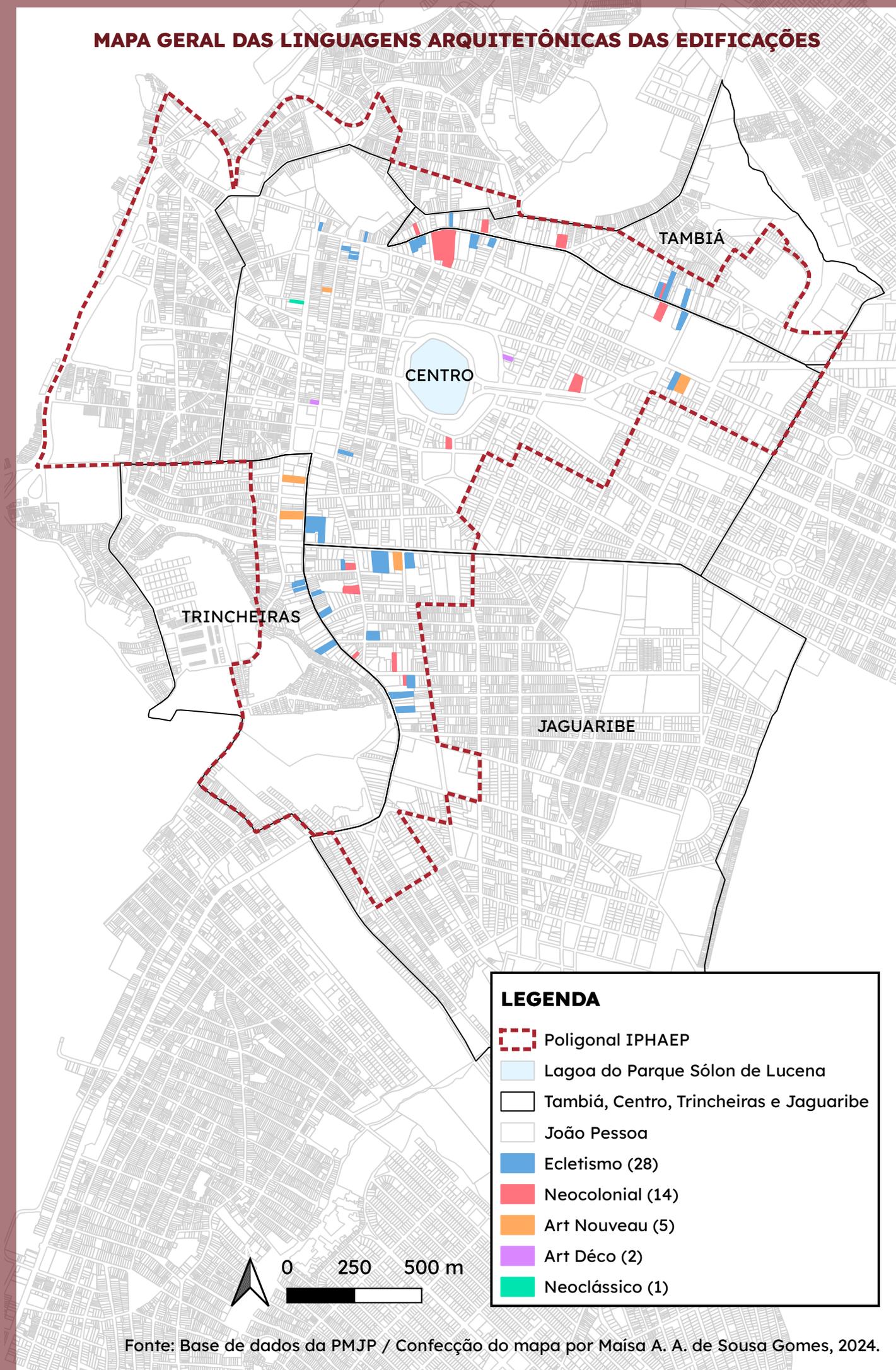


**Figura 63.** Casa neocolonial à Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 607, Tambiá. Ficha nº 48. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

No Mapa 03, que aborda a distribuição das linguagens arquitetônicas nas edificações, é possível constatar que a arquitetura eclética concentra-se na Rua Deputado Odon Bezerra, Avenida Monsenhor Walfredo Leal, Rua das Trincheiras, Avenida João da Mata e Avenida João Machado, sendo esses imóveis já edificados sob os novos preceitos urbanos da época. Além disso, também há uma concentração de edificações com linguagem eclética nos logradouros mais antigos, como Praça Dom Adauto, Praça Dom Ulrico e Rua Duque de Caxias, o que, por se tratarem de lotes com características coloniais, comprova o que já foi mencionado anteriormente em relação à adequação das fachadas, procedimento comum nas edificações preexistentes na transição do século XIX para o XX. Já em relação à arquitetura neocolonial, nota-se a concentração de edificações nas Rua Deputado Odon Bezerra e Avenida Monsenhor Walfredo Leal.

No que diz respeito ao emprego de ornamentos em ferro nas fachadas e/ou áreas externas dos lotes das cinquenta residências estudadas, o Gráfico 05 mostra que em quarenta e quatro delas há a presença de portão de entrada em ferro; em trinta e três há a presença de gradil frontal; e em treze há a presença de guarda-corpo. Isso comprova a aplicação massiva dessas três categorias, o que é compreensível visto que esses ornamentos foram os mais difundidos nas tipologias residenciais da época e de fácil acesso comercial à população local (Figuras 53 e 54).

# MAPA GERAL DAS LINGUAGENS ARQUITETÔNICAS DAS EDIFICAÇÕES

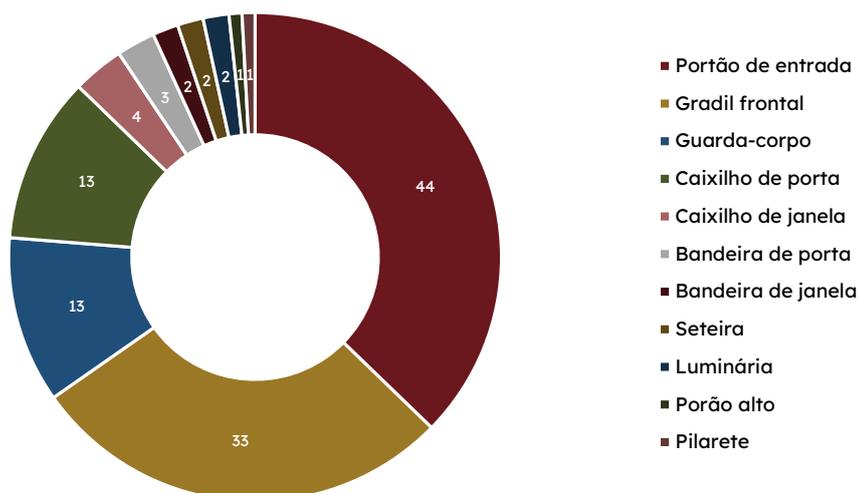


## LEGENDA

- Poligonal IPHAEP
- Lagoa do Parque Sólton de Lucena
- Tambiá, Centro, Trincheiras e Jaguaribe
- João Pessoa
- Ecletismo (28)
- Neocolonial (14)
- Art Nouveau (5)
- Art Déco (2)
- Neoclássico (1)

0 250 500 m

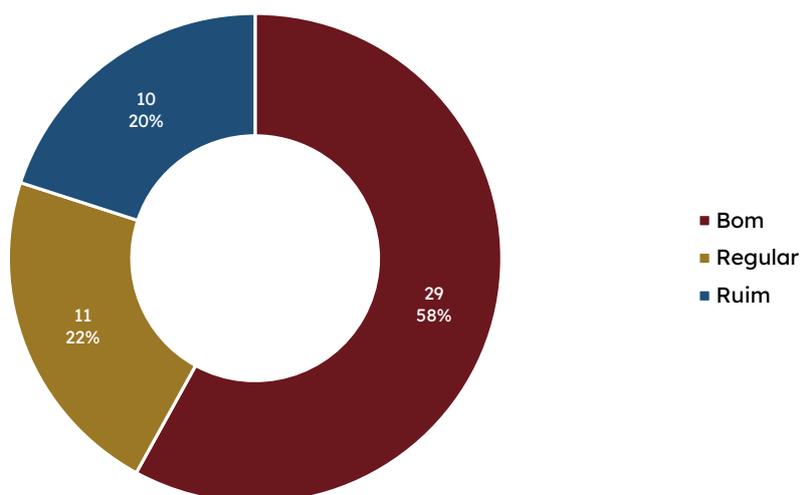
Fonte: Base de dados da PMJP / Confeção do mapa por Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2024.



**Gráfico 05.** Distribuição dos ornamentos em ferro encontrados nas edificações estudadas por tipo. Fonte: Maisa A. A. de Sousa Gomes, 2025.

O Gráfico 06 traz informações sobre o grau de conservação do exterior das edificações no ano do seu registro fotográfico segundo três índices: i) bom, quando o imóvel, de modo geral, aparenta estar bem preservado no tocante ao seu invólucro (paredes e coberta) (Figuras 64 e 65); ii) regular, quando o invólucro (paredes e coberta) está bem preservado, mas as fachadas carecem de manutenção (Figuras 66 e 67); e iii) ruim, quando o invólucro (paredes e coberta) está em avançado estado de deterioração, na iminência de desaparecimento caso não haja nenhuma intervenção (Figuras 68 e 69). Ao analisar o referido gráfico, 58% das residências apresentam índice bom, no entanto, 22% e 20% estão dentro dos índices regular e ruim, respectivamente, o que fomenta um alerta para a preservação desse rico patrimônio arquitetônico que registra materialmente um período histórico basilar para a capital paraibana.

Com relação especificamente às fachadas do total de imóveis, o Gráfico 07 mostra que 78% delas ainda se mantêm com características originais (Figura 70), enquanto 22% já apresentam algum tipo de modificação, que podem variar entre remoção de ornamentos decorativos, substituição de esquadrias e gradis originais por peças novas, adição de estruturas de publicidade e adoção de materiais que não condizem com a arquitetura original (Figura 71). É importante ressaltar que tanto o grau de conservação do exterior quanto a originalidade das fachadas foram avaliados a partir de observação *in loco* para efeito de estudo, não tendo qualquer relação com documentos ou registros dos órgãos oficiais responsáveis pelo referido patrimônio.



**Gráfico 06.** Distribuição do grau de conservação exterior das edificações estudadas. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2025.



**Figura 64.** Exemplo de imóvel com fachada com índice bom. Ficha nº 27. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 65.** Exemplo de imóvel com fachada com índice bom. Ficha nº 02. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 66.** Exemplo de imóvel com fachada com índice regular. Ficha nº 15. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



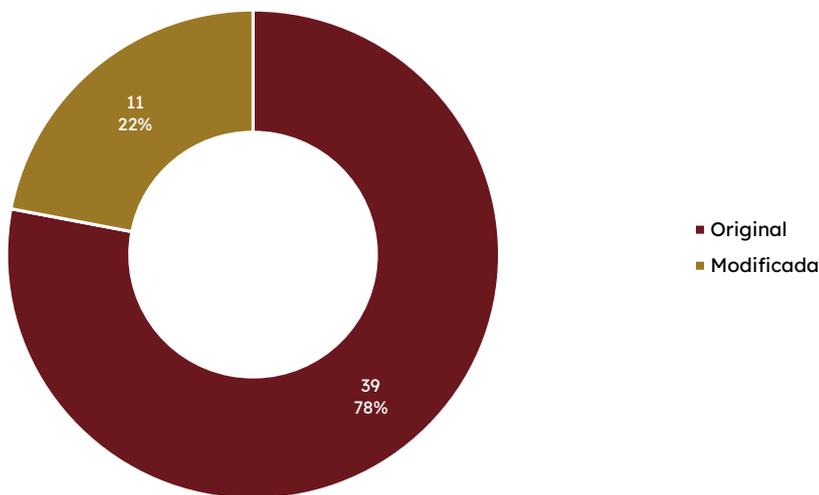
**Figura 67.** Exemplo de imóvel com fachada com índice regular. Ficha nº 42. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 68.** Exemplo de imóvel com fachada com índice ruim. Ficha nº 44. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 69.** Exemplo de imóvel com fachada com índice ruim. Ficha nº 36. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

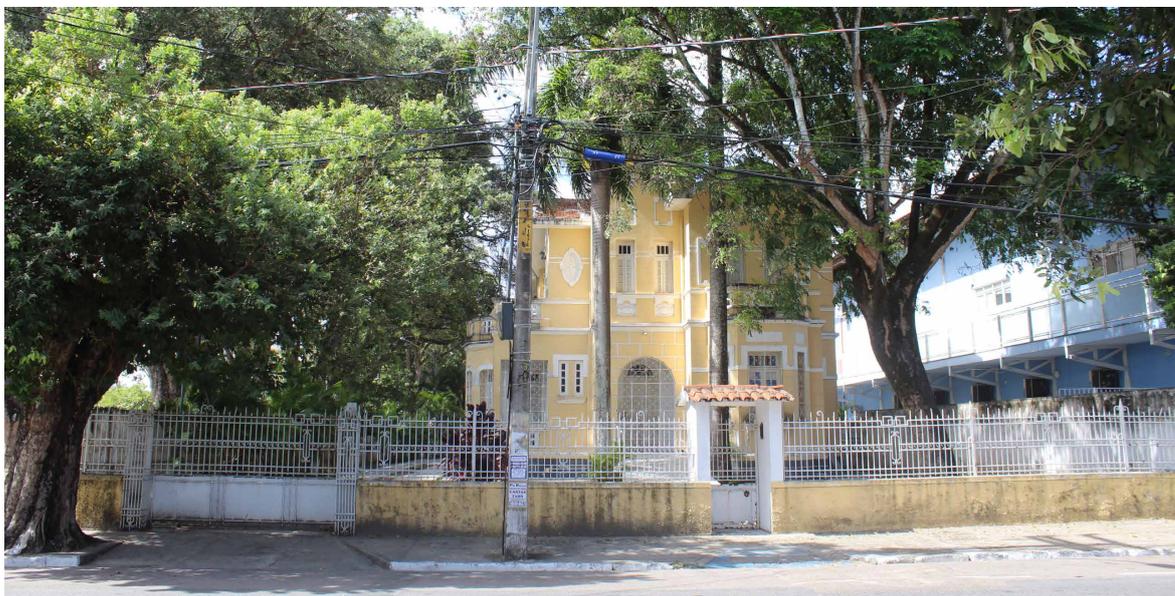


**Gráfico 07.** Distribuição da originalidade das fachadas das edificações estudadas. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2025.

### 3.3 As peças ornamentais

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, o seu objetivo é registrar e analisar, sob o ponto de vista histórico e formal, os ornamentos em ferro presentes na arquitetura residencial situada em alguns logradouros do atual Centro Histórico que fizeram parte do processo de expansão e transformação urbana de João Pessoa no recorte temporal aqui adotado. Para alcançar o sobredito objetivo, a documentação gráfica por meio de redesenho digital através de *softwares* de

representação gráfica – método também usado por Goulart (2014) no registro das grades ornamentais da cidade de Belo Horizonte – foi um dos instrumentos utilizados. Nesta seção serão tecidas análises a partir das peças ornamentais em ferro estudadas.

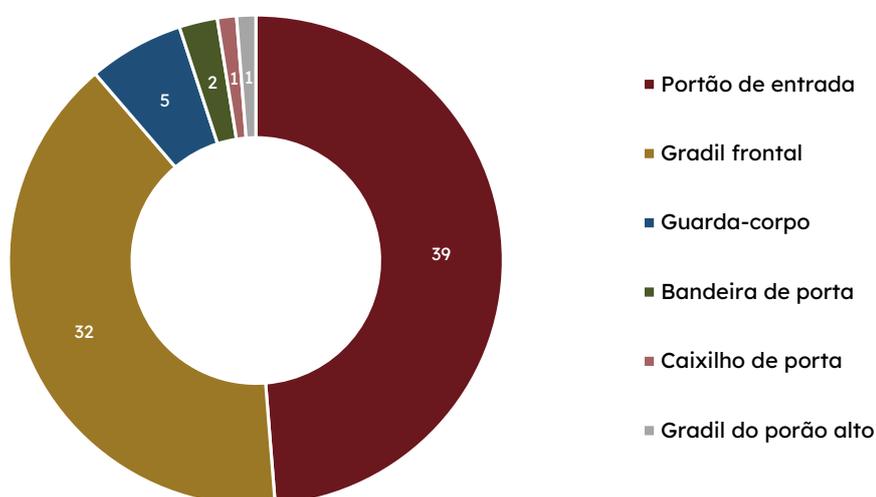


**Figura 70.** Exemplo de imóvel com fachada ainda original à Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 715, Centro. Ficha nº 22. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 71.** Exemplo de imóvel com fachada modificada à Rua das Trincheiras, 821, Jaguaribe. Ficha nº 10. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

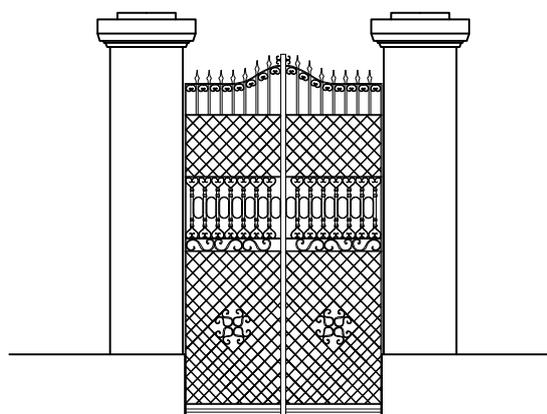
De acordo com o Gráfico 08, dos oitenta ornamentos em ferro do presente estudo (ver Apêndice B), que incluem portão de entrada, gradil frontal, guarda-corpo, bandeira de porta, caixilho de porta e gradil do porão alto, trinta e nove deles, ou seja, 48,75% do total, são portões de entrada (Figuras 72 e 73), e trinta e dois deles, ou seja, 40% do total, são gradis frontais (Figuras 74 e 75). Somando as duas porcentagens, isso representa 88,75% dos ornamentos em ferro. É importante lembrar que as peças escolhidas para o redesenho constituem apenas as fachadas e/ou as áreas externas e limites do lote em virtude da sua localização no imóvel sob estudo, e por se tratarem de objetos que podem ser traduzidos em vetores com duas dimensões (2D), o que faz compreender, entre outros motivos, por que os portões de entrada e gradis frontais possuem maior expressividade na amostragem. Portanto, por tais razões, luminárias e pilaretes não foram redesenhados.



**Gráfico 08.** Distribuição das peças ornamentais por tipo. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2025.



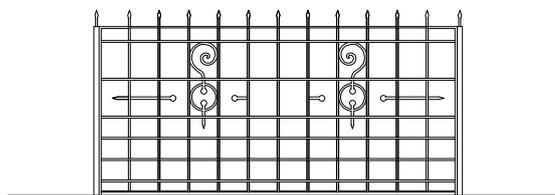
**Figura 72.** Exemplo de portão de entrada em imóvel à Praça Dom Adauto, 58, Centro. Ficha nº 18. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 73.** Portão de entrada redesenhado em imóvel à Praça Dom Adauto, 58, Centro. Ficha nº 18. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 74.** Exemplo de gradil frontal em imóvel à Avenida Capitão José Pessoa, 128, Jaguaribe. Ficha nº 26. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 75.** Gradil frontal redesenhado em imóvel à Avenida Capitão José Pessoa, 128, Jaguaribe. Ficha nº 26. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

Quanto à forma, os motivos das peças ornamentais foram categorizados de modo a refletir semelhanças que pudessem agrupá-las para além das linguagens arquitetônicas adotadas ao final do século XIX e início do século XX na cidade, já que “o uso e a aplicação de forma e de elementos visuais dependem de um contexto, de uma história, de uma cultura e do espírito do tempo” (Sullivan, 2011, p. 14-15). Para a pesquisa, os referidos motivos foram classificados em três tipos: i) motivo orgânico (Figuras 76, 77 e 78); ii) motivo geométrico (Figuras 79, 80 e 81); e iii) motivo misto (Figuras 82, 83 e 84), onde há elementos que remontam tanto ao motivo orgânico quanto ao geométrico.

Por motivo orgânico entende-se elementos que remetem à organicidade da natureza, bastante recorrente e trabalhada no contexto do *Art Nouveau*, por meio da representação de folhas, flores, animais, ondas, curvas livres, formas mais arredondadas, sugerindo fluidez e leveza. Por motivo geométrico entende-se elementos que remetem à matemática e à noção de sobriedade, como formas regulares e repetitivas, círculos, quadrados, triângulos, losangos, linhas retas, mais ortogonais e cartesianas, e curvas controladas, estando mais associado à linguagem *Art Déco*, por exemplo.

Vale ressaltar que o intuito da análise dos motivos das peças não é estabelecer conexão entre o ornamento e a linguagem arquitetônica expressa na edificação, visto que é possível existirem ornamentos semelhantes que pertençam a edificações com diferentes linguagens. Ao observar a arquitetura produzida no Brasil do final do século XIX e início do século XX torna-se deveras complexo tratar as linguagens arquitetônicas de forma purista. Logo, o objetivo é compreender como essas nuances, orgânica e geométrica, foram trabalhadas nos ornamentos.

Nas palavras de Lemos (1979, p. 11):

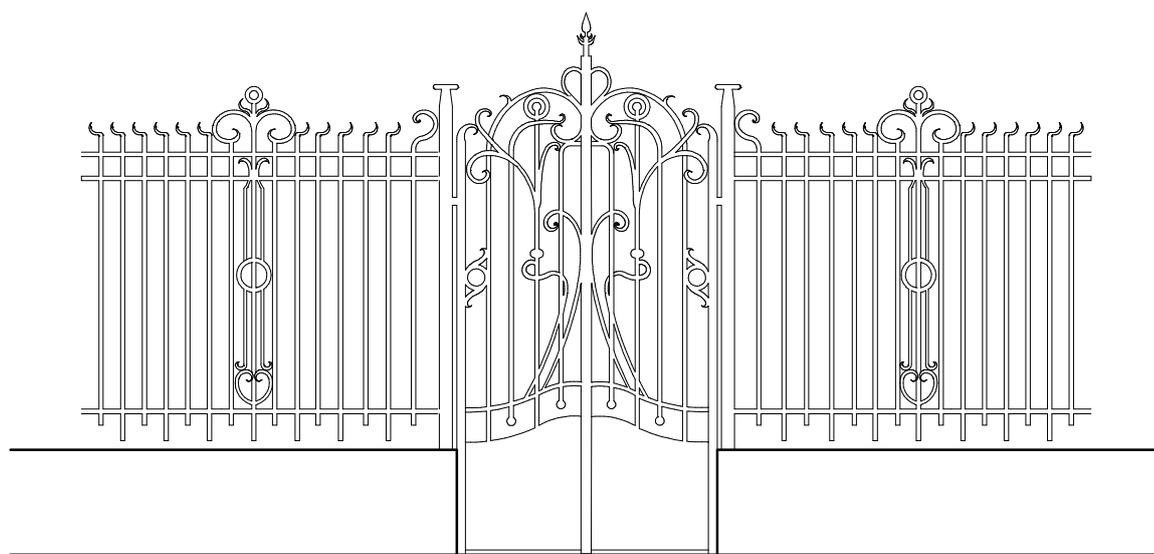
[...] o caminho que busca na identificação dos estilos a compreensão da arquitetura não é suficiente ao entendimento de nosso vasto e diferenciado quadro das construções porque, antes de tudo, houve defasagens nas adoções das correntes artísticas e certo descaso aos novos critérios de composição sempre encarados como moda passageira ou irrelevantes na organização dos partidos arquitetônicos. E, por isso, os estilos aqui chegados serviram, muitas vezes desvinculados de toda a sua razão de ser nestas plagas isoladas, de mote a novas possibilidades de composição artística.



**Figura 76.** Imóvel à Rua das Trincheiras, 498, Trincheiras. Ficha nº 31. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 77.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 498, Trincheiras. Ficha nº 31. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



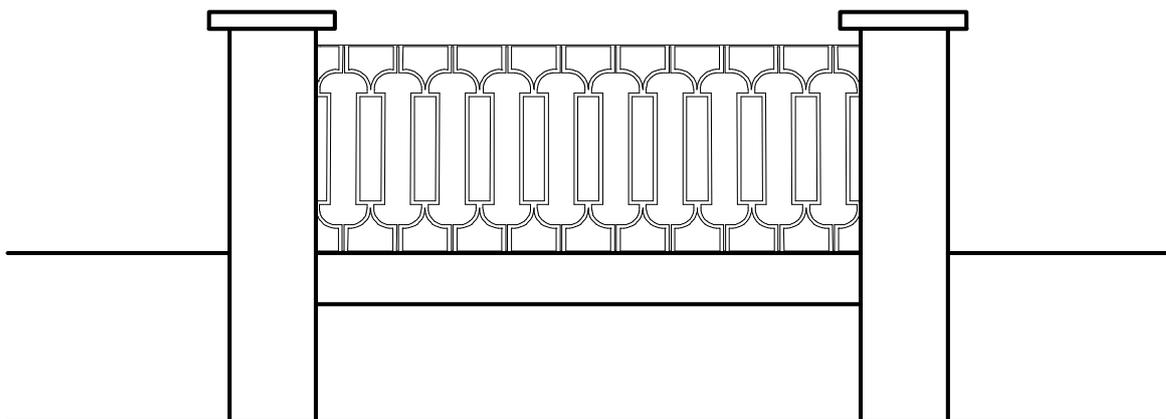
**Figura 78.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 498, Trincheiras. Ficha nº 31. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



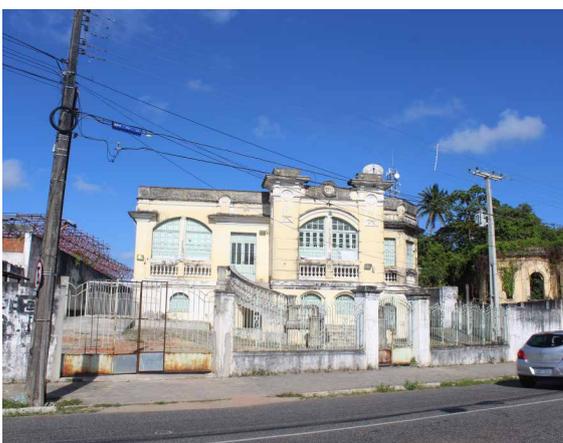
**Figura 79.** Imóvel à Avenida Presidente Getúlio Vargas, 277, Centro. Ficha nº 45. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 80.** Gradil frontal em imóvel à Avenida Presidente Getúlio Vargas, 277, Centro. Ficha nº 45. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



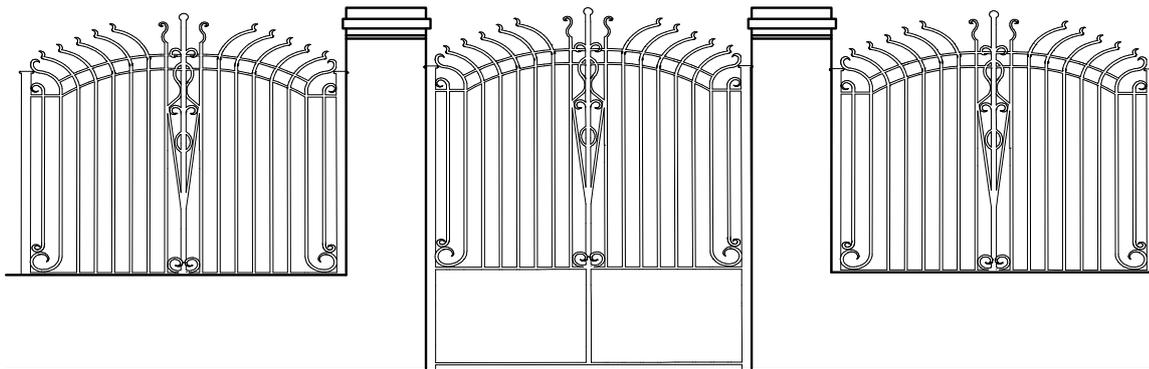
**Figura 81.** Gradil frontal redesenhado em imóvel à Avenida Presidente Getúlio Vargas, 277, Centro. Ficha nº 45. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 82.** Imóvel à Avenida João da Mata, 185, Jaguaribe. Ficha nº 34. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

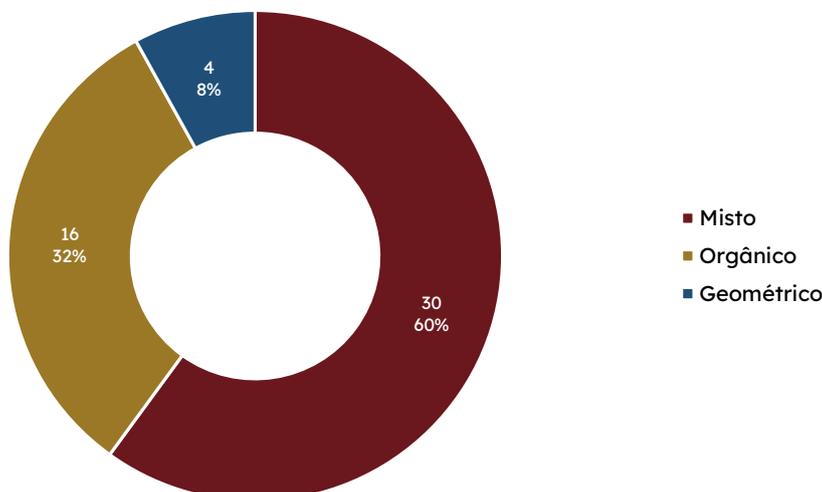


**Figura 83.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João da Mata, 185, Jaguaribe. Ficha nº 34. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 84.** Gradil frontal redesenhado em imóvel à Avenida João da Mata, 185, Jaguaribe. Ficha nº 34. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

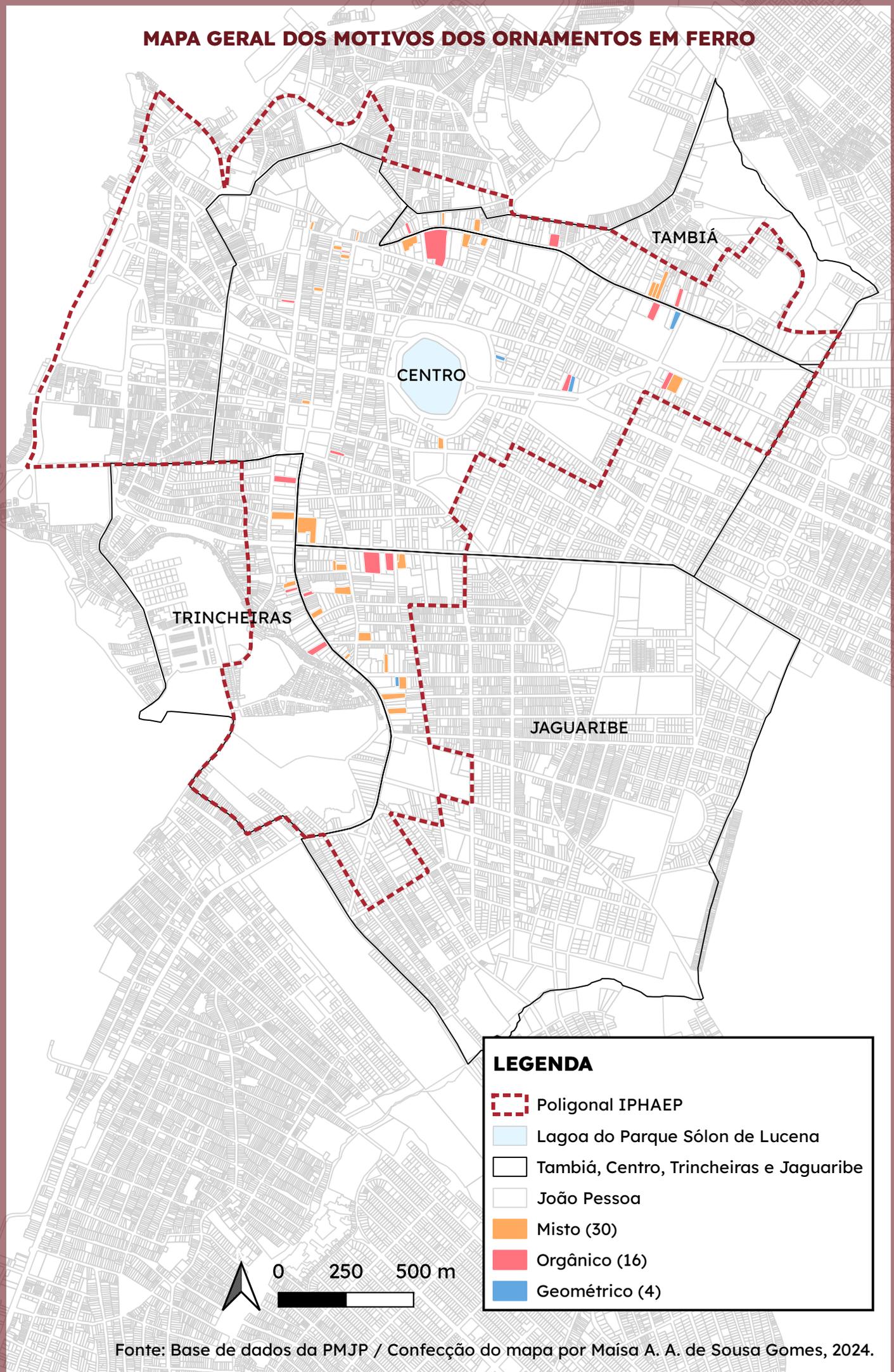
Tendo em mente todas essas observações, o Gráfico 09 revela a distribuição dos motivos nos ornamentos em ferro. 60% do total corresponde ao motivo misto, ou seja, em que há a mescla de elementos orgânicos e geométricos; 32% ao motivo orgânico; e 8% ao geométrico. A partir desses quantitativos é possível atestar a influência que o ecletismo exerceu sobre as edificações desse período, visto que era a linguagem que misturava elementos de diferentes estilos, e onde ‘quase tudo’ era possível.



**Gráfico 09.** Distribuição das peças ornamentais por motivo. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2025.

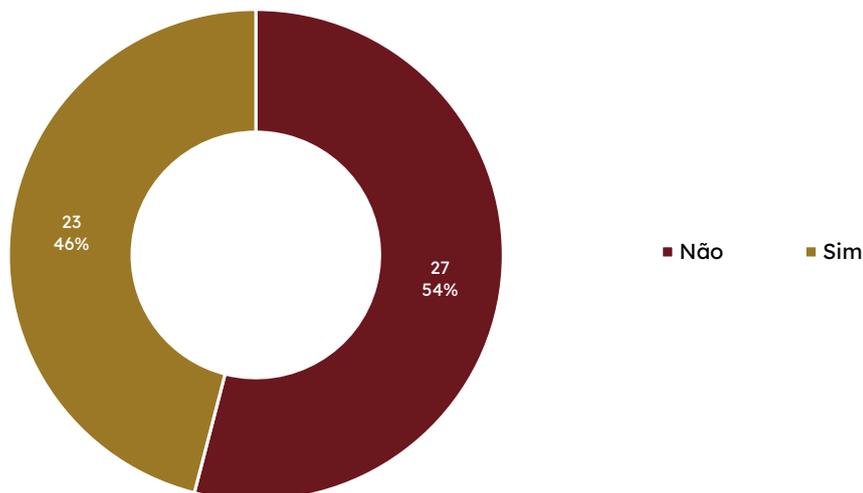
O Mapa 04, por sua vez, mostra a disposição dos motivos nas edificações do recorte estudado. O motivo misto aparece concentrado nos bairros de Trincheiras, Jaguaribe e Tambiá, ao longo da Rua das Trincheiras, Avenida João da Mata, Rua Rodrigues de Aquino, Avenida Capitão José Pessoa, Rua Irineu Joffily, Rua Deputado Odon Bezerra e Avenida Monsenhor Walfredo Leal.

# MAPA GERAL DOS MOTIVOS DOS ORNAMENTOS EM FERRO



Fonte: Base de dados da PMJP / Confeção do mapa por Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2024.

Ao longo do mapeamento feito *in loco* das edificações que compõem o presente trabalho e, posteriormente, durante a análise de todo o registro fotográfico feito, notou-se que alguns ornamentos em ferro possuíam certa similaridade. Através do redesenho das peças ornamentais, essa suspeita foi confirmada. De acordo com o Gráfico 10, 46% das edificações apresentam ornamentos com recorrência/similaridade.



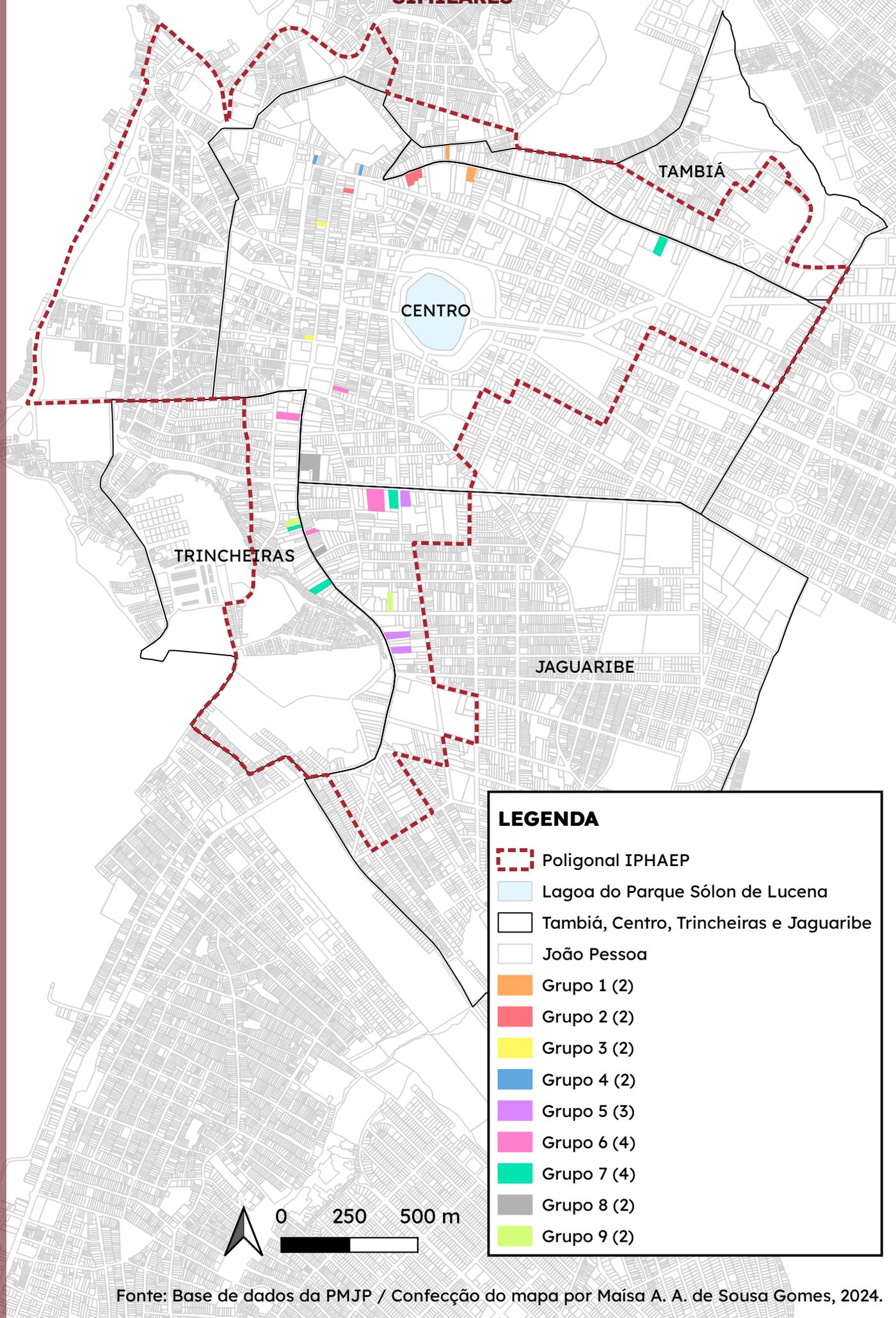
**Gráfico 10.** Distribuição das peças ornamentais que apresentam recorrência/similaridade. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2025.

Buscou-se, então, reunir os ornamentos que possuem características semelhantes em grupos, conforme mostra a Tabela 01 e as Figuras 85 a 130 a seguir. É importante frisar que não foram identificadas peças absolutamente iguais, visto que por maior que seja a semelhança formal que tenham entre si, cada ornamento possui suas particularidades, como por exemplo, o tamanho do ornamento, que se modifica a depender do espaço onde é alocado, como é o caso dos portões de entrada, gradis frontais e guarda-corpos. O Mapa 05 apresenta esses grupos no recorte.

|             |          | RECORRÊNCIAS/SIMILARIDADES |               |               |               |
|-------------|----------|----------------------------|---------------|---------------|---------------|
| EDIFICAÇÕES | Grupo 01 | Edificação 04              | Edificação 13 |               |               |
|             | Grupo 02 | Edificação 06              | Edificação 18 |               |               |
|             | Grupo 03 | Edificação 08              | Edificação 19 |               |               |
|             | Grupo 04 | Edificação 09              | Edificação 12 |               |               |
|             | Grupo 05 | Edificação 11              | Edificação 33 | Edificação 34 |               |
|             | Grupo 06 | Edificação 17              | Edificação 29 | Edificação 32 | Edificação 44 |
|             | Grupo 07 | Edificação 30              | Edificação 31 | Edificação 35 | Edificação 49 |
|             | Grupo 08 | Edificação 36              | Edificação 38 |               |               |
|             | Grupo 09 | Edificação 37              | Edificação 39 |               |               |

**Tabela 01.** Distribuição das recorrências/similaridades entre as peças ornamentais redesenhadas. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2025.

# MAPA GERAL DAS EDIFICAÇÕES COM ORNAMENTOS EM FERRO RECORRENTES/ SIMILARES

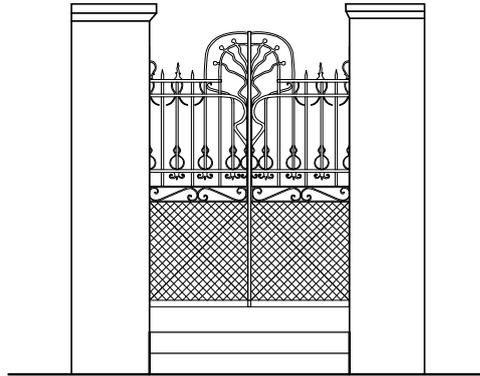


Fonte: Base de dados da PMJP / Confeção do mapa por Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2024.

### Grupo 01: Edificações 04 e 13



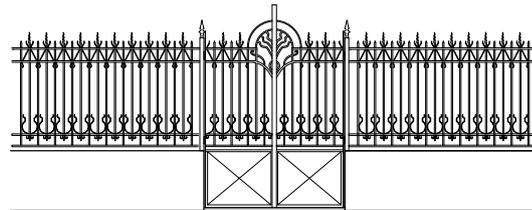
**Figura 85.** Portão de entrada em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 237, Tambiá. Ficha nº 04. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 86.** Portão de entrada redesenhado em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 237, Tambiá. Ficha nº 04. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 87.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 334, Centro. Ficha nº 13. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

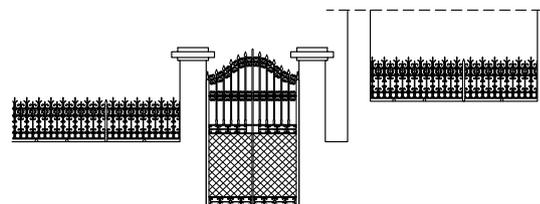


**Figura 88.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 334, Centro. Ficha nº 13. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### Grupo 02: Edificações 06 e 18



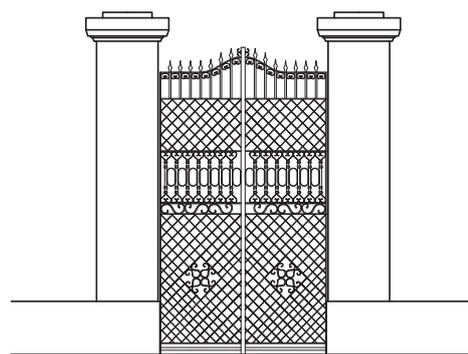
**Figura 89.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 100, Centro. Ficha nº 06. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 90.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 100, Centro. Ficha nº 06. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 91.** Portão de entrada em imóvel à Praça Dom Adauto, 58, Centro. Ficha nº 18. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

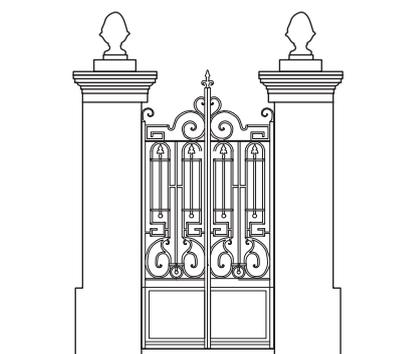


**Figura 92.** Portão de entrada redesenhado em imóvel à Praça Dom Adauto, 58, Centro. Ficha nº 18. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### Grupo 03: Edificações 08 e 19



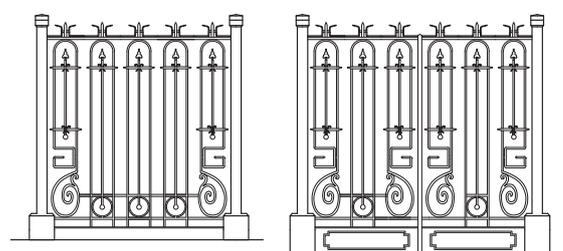
**Figura 93.** Portão de entrada em imóvel à Rua Duque de Caxias, 198, Centro. Ficha nº 08. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 94.** Portão de entrada redesenhado em imóvel à Rua Duque de Caxias, 198, Centro. Ficha nº 08. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 95.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua Duque de Caxias, 198, Centro. Ficha nº 19. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

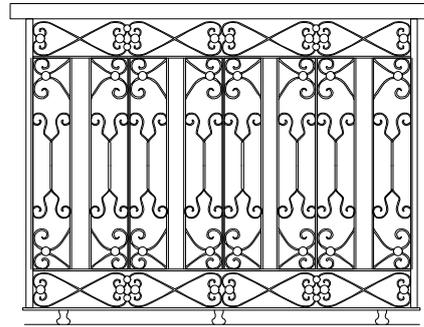


**Figura 96.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua Duque de Caxias, 198, Centro. Ficha nº 19. Fonte: Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

#### Grupo 04: Edificações 09 e 12



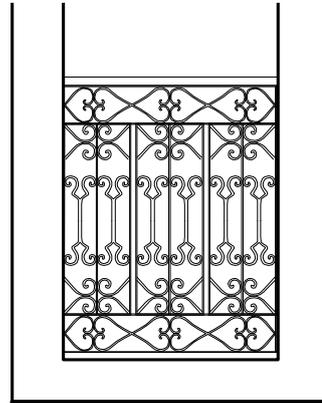
**Figura 97.** Guarda-corpo em imóvel à Praça Dom Ulrico, 63, Centro. Ficha nº 09. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 98.** Guarda-corpo redesenhado em imóvel à Praça Dom Ulrico, 63, Centro. Ficha nº 09. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 99.** Guarda-corpo em imóvel à Praça Dom Adauto, 13, Centro. Ficha nº 12. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

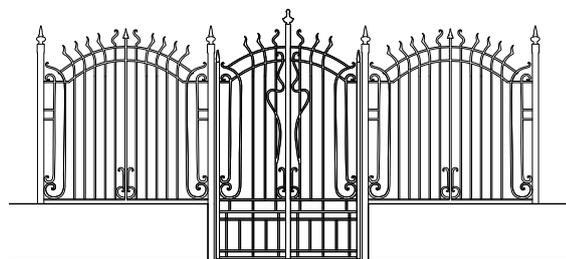


**Figura 100.** Guarda-corpo redesenhado em imóvel à Praça Dom Adauto, 13, Centro. Ficha nº 12. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

#### Grupo 05: Edificações 11, 33 e 34



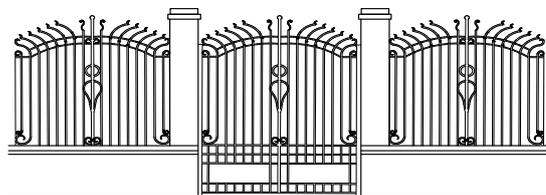
**Figura 101.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João Machado, 394, Jaguaribe. Ficha nº 11. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 102.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida João Machado, 394, Jaguaribe. Ficha nº 11. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



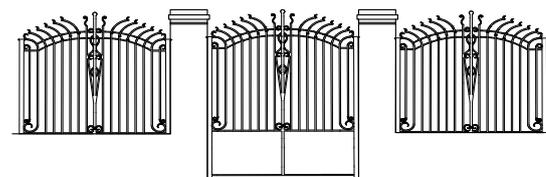
**Figura 103.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João da Mata, 133, Jaguaribe. Ficha nº 33. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 104.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida João da Mata, 133, Jaguaribe. Ficha nº 33. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 105.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João da Mata, 185, Jaguaribe. Ficha nº 34. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

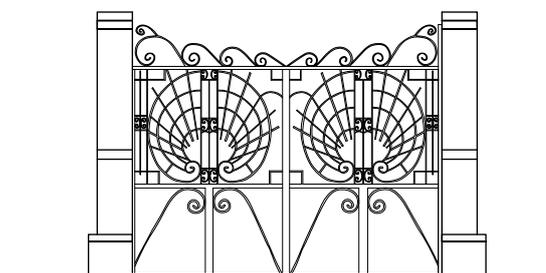


**Figura 106.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida João da Mata, 185, Jaguaribe. Ficha nº 34. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

**Grupo 06: Edificações 17, 29, 32 e 44**



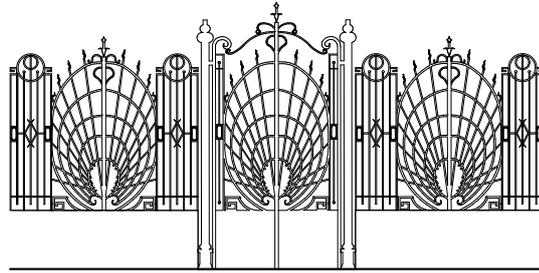
**Figura 107.** Portão de entrada em imóvel à Rua Rodrigues de Aquino, 73, Centro. Ficha nº 17. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 108.** Portão de entrada redesenhado em imóvel à Rua Rodrigues de Aquino, 73, Centro. Ficha nº 17. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



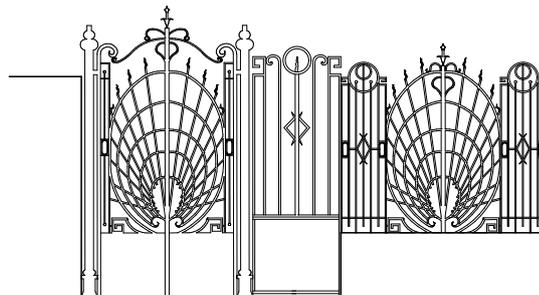
**Figura 109.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 104, Trincheiras. Ficha nº 29. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 110.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 104, Trincheiras. Ficha nº 29. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



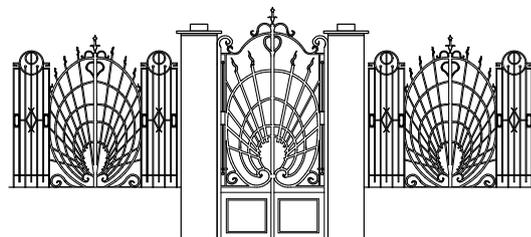
**Figura 111.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 527, Jaguaribe. Ficha nº 32. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 112.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 527, Jaguaribe. Ficha nº 32. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 113.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João Machado, 282, Jaguaribe. Ficha nº 44. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 114.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida João Machado, 282, Jaguaribe. Ficha nº 44. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### Grupo 07: Edificações 30, 31, 35 e 49



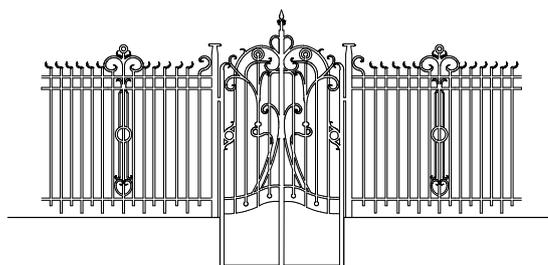
**Figura 115.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida João Machado, 348, Jaguaribe. Ficha nº 30. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 116.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida João Machado, 348, Jaguaribe. Ficha nº 30. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 117.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 498, Trincheiras. Ficha nº 31. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 118.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 498, Trincheiras. Ficha nº 31. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



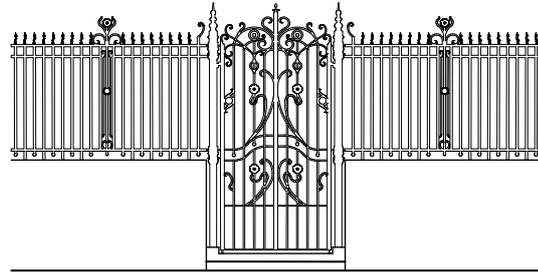
**Figura 119.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 736, Trincheiras. Ficha nº 35. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 120.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 736, Trincheiras. Ficha nº 35. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 121.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 632, Centro. Ficha nº 49. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

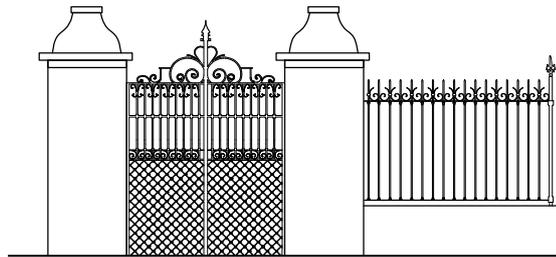


**Figura 122.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 632, Centro. Ficha nº 49. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### Grupo 08: Edificações 36 e 38



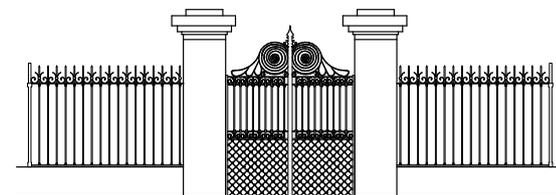
**Figura 123.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 619, Jaguaribe. Ficha nº 36. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 124.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 619, Jaguaribe. Ficha nº 36. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 125.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 275, Centro. Ficha nº 38. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

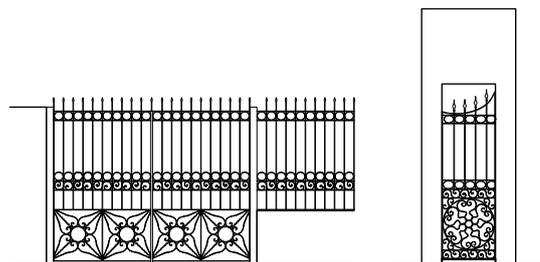


**Figura 126.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 275, Centro. Ficha nº 38. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### Grupo 08: Edificações 37 e 39



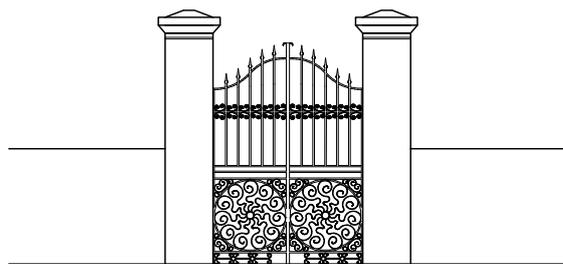
**Figura 127.** Portão de entrada e gradil frontal em imóvel à Rua das Trincheiras, 482, Trincheiras. Ficha nº 37. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 128.** Portão de entrada e gradil frontal redesenhados em imóvel à Rua das Trincheiras, 482, Trincheiras. Ficha nº 37. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 129.** Portão de entrada em imóvel à Avenida Capitão José Pessoa, 85, Jaguaribe. Ficha nº 39. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

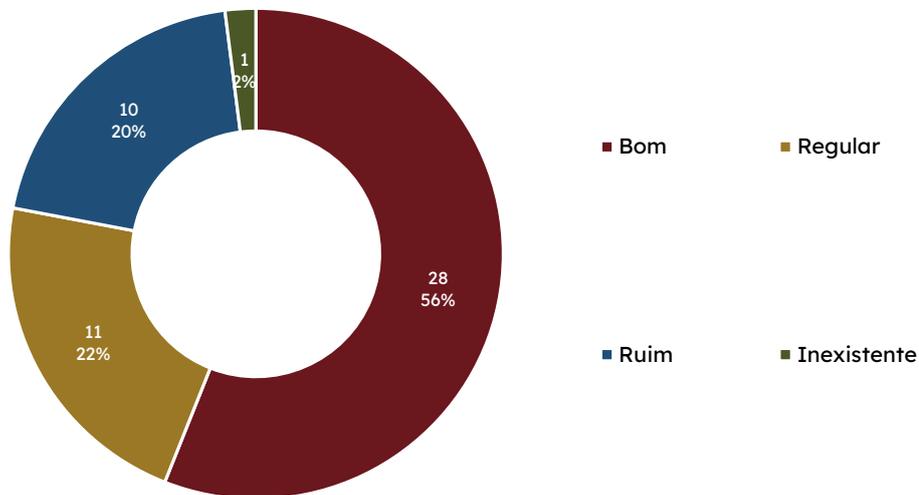


**Figura 130.** Portão de entrada redesenhado em imóvel à Avenida Capitão José Pessoa, 85, Jaguaribe. Ficha nº 39. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

Por fim, o Gráfico 11 aponta o grau de conservação das peças ornamentais. Com o objetivo de avaliar esse aspecto, foram atribuídos os índices que seguem: i) bom, quando o ornamento se apresenta íntegro e bem conservado, tanto em estética quanto em funcionalidade; ii) regular, quando está íntegro em funcionalidade, mas já apresenta algum indício de desgaste ou deterioração; iii) ruim, quando o desgaste ou deterioração do ferro já está em estágio avançado, ou o ornamento foi descaracterizado de forma irreversível (Figura 131); e iv) inexistente, quando o ornamento já não se encontra integrado à edificação, só restando a marca de sua pré-existência (Figura 132).

Como é possível perceber, 56% do repertório analisado encontra-se num bom patamar de conservação, enquanto os 44% restantes compõem os demais índices, de regular à inexistente. Tal resultado demonstra a situação de vulnerabilidade que

o patrimônio objeto desta pesquisa enfrenta, faceando inclusive a possibilidade de total desaparecimento num futuro não distante nas edificações aqui contempladas.



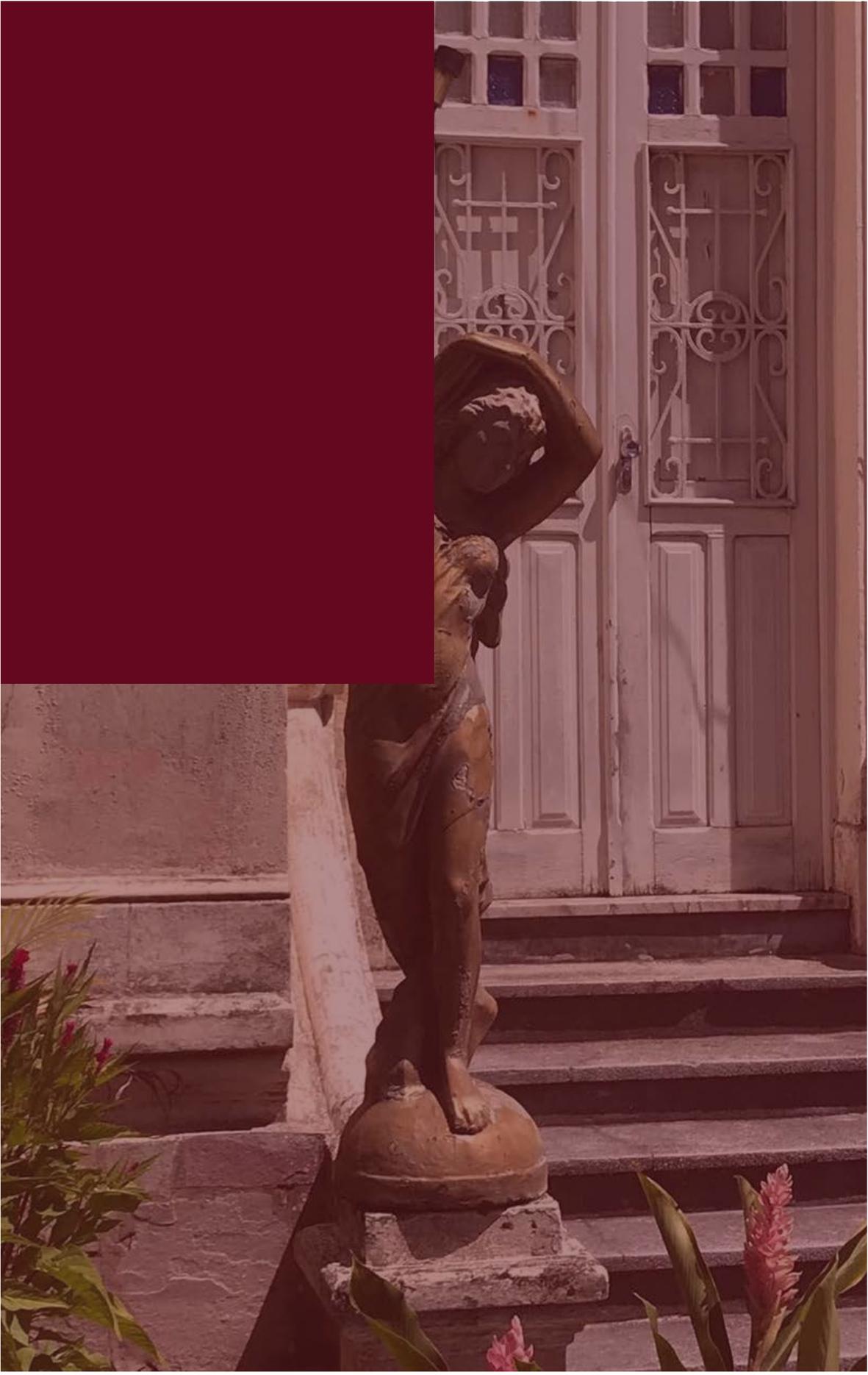
**Gráfico 11.** Distribuição do grau de conservação das peças ornamentais. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2025.



**Figura 131.** Imóvel à Rua Deputado Odon Bezerra, 586, Centro. Ficha nº 24. Fonte: Máisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**Figura 132.** Imóvel à Rua Irineu Joffily, 256, Jaguaribe. Ficha nº 41. Fonte: Google Street View, 2024.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto neste trabalho, urge tecer algumas considerações. A primeira delas é o reconhecimento do uso do ferro como ornamento na arquitetura residencial produzida em logradouros do atual Centro Histórico da cidade de João Pessoa que fizeram parte do processo de expansão e transformação da capital paraibana entre o final do século XIX e o início do século XX. Esses ornamentos embelezaram as construções da época, ao mesmo tempo que possuíam função, servindo como um forte testemunho material das modificações ocorridas na morfologia urbana e nas tipologias residenciais nela contidas nesse período.

Assim como ocorreu em outras localidades do Brasil, também em João Pessoa o ornamento em ferro estava intimamente relacionado às edificações construídas para uma burguesia em ascensão, que ansiava por ostentar seu *status* social, e participar ativamente do ideário modernizante através das linguagens de suas vivendas – neoclassicismo, ecletismo, *Art Nouveau*, neocolonial e *Art Déco*. Tanto a arquitetura dessa época quanto os seus elementos ornamentais refletiram o desejo de modernidade e a busca por sofisticação nas novas construções citadinas que emergiam. Destacam-se, entre eles, sobretudo, os portões de entrada e os gradis frontais, que constituíam importantes delimitações de território, estabelecendo uma clara distinção entre o espaço público e o privado.

Uma das principais contribuições, se não a maior, deste trabalho foi o registro desses ornamentos, através das fotografias e dos seus respectivos redesenhos digitais, com o intuito de salvaguardar a sua memória, promover a preservação do patrimônio arquitetônico e valorizar a identidade cultural local, sobretudo num contexto onde tal patrimônio tem sofrido descaracterização, depredação e até abandono ao longo do tempo, podendo levá-lo ao completo desaparecimento.

Por fim, é prudente afirmar que o presente trabalho não esgota seu potencial de aprofundamento em relação aos ornamentos em ferro na arquitetura da cidade de João Pessoa, sugerindo futuras pesquisas complementares, já que o estudo não abarca a totalidade de edificações guarnecidas do material em tela.



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## LIVROS

ALMEIDA, Maria Cecília; GALVÃO, Fernando. Rua Direita, a mais importante da cidade. In: TINEM, Nelci (org.). **Fronteiras, marcos e sinais.** Leituras das ruas de João Pessoa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2006.

AZEVEDO, Maria Helena; MOURA FILHA, Maria Berthilde; GONÇALVES, Isabela Rolim Moreira Henrique. Higienismo e Ecletismo: as casas da modernização urbana do início do século XX. In: MOURA FILHA, Maria Berthilde; COTRIM, Marcio; CAVALCANTI FILHO, Ivan (org.). **Entre o rio e o mar:** arquitetura residencial na cidade de João Pessoa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2016.

BASSALO, Célia Coelho. **Art Nouveau em Belém.** Brasília: IPHAN, 2008.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

CARVALHO, Juliano L. C. M.; MARTINS, Carla Gisele M. S. Rua Nova, a primeira da cidade. In: TINEM, Nelci (org.). **Fronteiras, marcos e sinais.** Leituras das ruas de João Pessoa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2006.

CAVALCANTI FILHO, Ivan; TORRES, Vinicius; ELIAS, Caroline Gonçalves. O modelo preferido de residência: o bungalow. In: MOURA FILHA, Maria Berthilde; COTRIM, Marcio; CAVALCANTI FILHO, Ivan (org.). **Entre o rio e o mar:** arquitetura residencial na cidade de João Pessoa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2016.

COSTA, Cacilda Teixeira da. **O Sonho e a Técnica:** a Arquitetura de Ferro no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001.

FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira.** São Paulo: Nobel; Edusp, 1987.

FUNDAÇÃO PARQUES E JARDINS (org.). **Técnicas de conservação e restauração**. Rio de Janeiro: Impressão própria, 1997.

JONES, Owen. **The grammar of ornament**. London: Day and Son, 1856. Disponível em: <<https://library.si.edu/digital-library/book/grammarornament00jone>>. Acesso em: 13 de dez. de 2024.

KESSEL, Carlos. **Arquitetura Neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade**. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2008.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MAIA, Doralice Sátyro. A cidade em transformação: primeiros sintomas da modernidade urbana no século XIX. In: MOURA FILHA, Maria Berthilde; COTRIM, Marcio; CAVALCANTI FILHO, Ivan (org.). **Entre o rio e o mar: arquitetura residencial na cidade de João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2016.

MARIZ, Celso. **Evolução econômica na Paraíba**. João Pessoa: Cia Editora A União. 2ª edição, 1978.

MOURA FILHA, Maria Berthilde; RODRIGUES, Artur Medeiros Veiga. A morada da elite na Cidade da Parahyba do início do século XX: o palacete eclético. In: MOURA FILHA, Maria Berthilde; COTRIM, Marcio; CAVALCANTI FILHO, Ivan (org.). **Entre o rio e o mar: arquitetura residencial na cidade de João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2016.

PAIM, Gilberto. **A Beleza sob Suspeita**. O Ornamento em Ruskin, Lloyd Wright, Loos, Le Corbusier e outros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SILVA, Geraldo Gomes da. **Arquitetura do ferro no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1986.

SOUSA, Alberto; VIDAL, Wynna. **Sete plantas da capital paraibana 1858-1940**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

SULLIVAN, Louis Henri. **Um sistema de ornamento arquitetônico coerente com uma filosofia dos poderes do homem**. Londrina: Eduel, 2011.

VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

## DISSERTAÇÕES

ANTONIOLI, Luiz Fabio. **Percursos do ornamento**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-19012011-111832/pt-br.php>>. Acesso em: 13 de ago. de 2024.

FARIAS, Fernanda de Castro. **Arquitetura em transformação, cidade em expansão: o Art Déco na João Pessoa de 1932-1955**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/290>>. Acesso em: 25 de set. de 2024.

GUEDES, Kaline Abrantes. **O ouro branco abre caminho: o algodão e a modernização do espaço urbano da Cidade da Parahyba (1850-1924)**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12428>>. Acesso em: 25 de set. de 2024.

VIDAL, WylInna Carlos Lima. **Transformações Urbanas: a modernização da capital paraibana e o desenho da cidade, 1910-1940**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Engenharia Urbana, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

## TESES

GOULART, Fernanda Magalhães. **Urbano ornamento: um inventário de grades ornamentais em Belo Horizonte (e outras belezas)**. Tese (Doutorado

em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9KPHJR>>. Acesso em: 13 de ago. de 2024.

## ARTIGOS

CORREIA, Telma de Barros. Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 47–104, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5493>>. Acesso em: 25 de set. de 2024.

FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 131–143, 1993. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5279>>. Acesso em: 20 de jan. de 2025.

FERRAZ, Sonia; LIMA, Mayra; RAMOS, Paula. Arquitetura da violência. As grades na arquitetura: da arte às armadilhas. In: 1º Congresso Internacional de Espaços Públicos, 2015, Porto Alegre. *Anais ... Porto Alegre: PUCRS*, 2015, p.1-10. Disponível em: <<https://silo.tips/download/arquitetura-da-violencia-as-grades-na-arquitetura-da-arte-as-armadilhas>>. Acesso em: 13 de ago. de 2024.

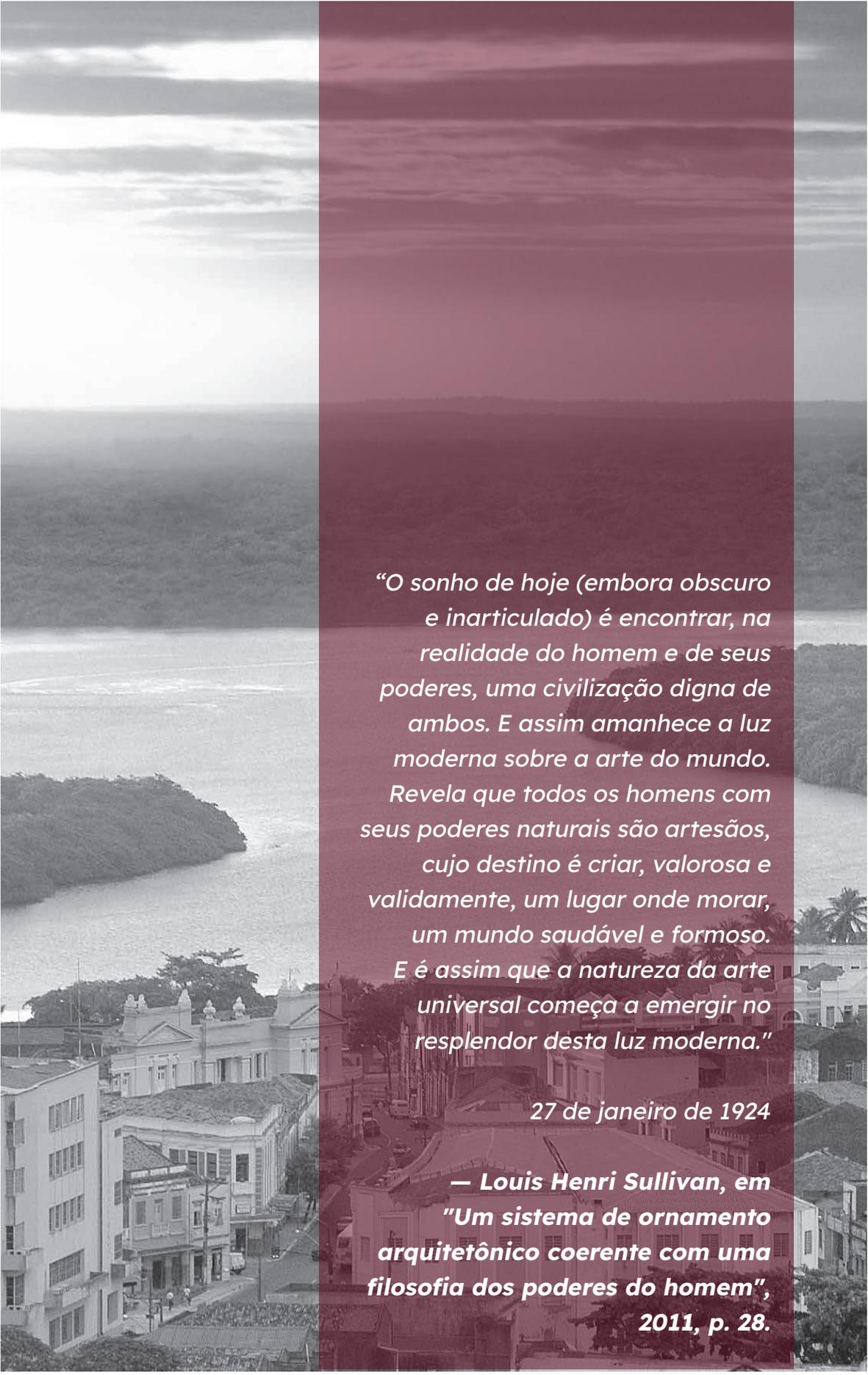
MORAES, Lucia Madeira; PEREIRA, Margareth da Silva. Sacadas cariocas: varandas em ferro no Rio de Janeiro. *Arquitextos*, ano 18, ago. de 2017. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.207/6662>>. Acesso em: 07 de ago. de 2024.

## LEGISLAÇÃO

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO DA PARAÍBA (IPHAEP). **Decreto nº 25.138, de 28 de junho de 2004.** Tombamento do Centro Histórico da cidade de João Pessoa. Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/doe/2005/fevereiro/diario-oficial-20-02-2005.pdf>>. Acesso em: 18 de mar. de 2025.

## **SITES**

VOCÊ sabe a diferença entre fundido x forjado? **Fupresa S/A**, Indaiatuba, 26 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://fupresa.com.br/2019/11/26/voce-sabe-a-diferenca-entre-fundido-x-forjado-industria-fundido-forjado-microfusaodepecasmetalicas-ferro/>>. Acesso em: 15 de jan. de 2025.



*“O sonho de hoje (embora obscuro e inarticulado) é encontrar, na realidade do homem e de seus poderes, uma civilização digna de ambos. E assim amanhece a luz moderna sobre a arte do mundo. Revela que todos os homens com seus poderes naturais são artesãos, cujo destino é criar, valorosa e validamente, um lugar onde morar, um mundo saudável e formoso. E é assim que a natureza da arte universal começa a emergir no resplendor desta luz moderna.”*

*27 de janeiro de 1924*

*— Louis Henri Sullivan, em  
“Um sistema de ornamento  
arquitetônico coerente com uma  
filosofia dos poderes do homem”,  
2011, p. 28.*

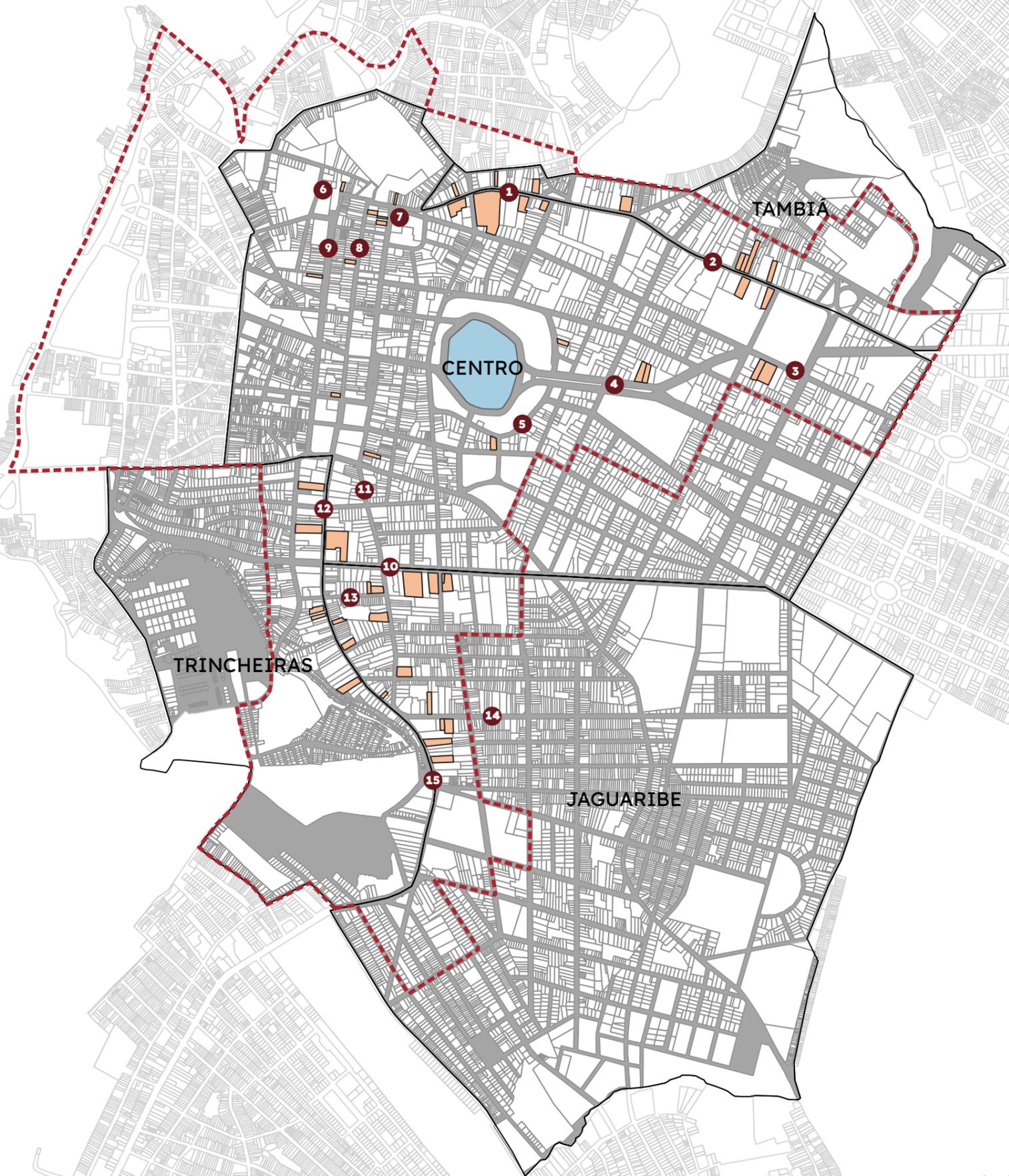


**A**  
**PÊN**  
**DI**  
**CE**

**A**

Mapas

# MAPA GERAL EXPANDIDO DAS EDIFICAÇÕES ESTUDADAS



## LOGRADOUROS CONTEMPLADOS:

- (1) Rua Deputado Odon Bezerra
- (2) Avenida Monsenhor Walfredo Leal
- (3) Avenida Dom Pedro I
- (4) Avenida Presidente Getúlio Vargas
- (5) Parque Sólton de Lucena
- (6) Praça Dom Ulrico
- (7) Praça Dom Adauto
- (8) Rua Duque de Caxias
- (9) Avenida General Osório
- (10) Avenida João Machado
- (11) Rua Rodrigues de Aquino
- (12) Rua das Trincheiras
- (13) Rua Irineu Joffily
- (14) Avenida Capitão José Pessoa
- (15) Avenida João da Mata

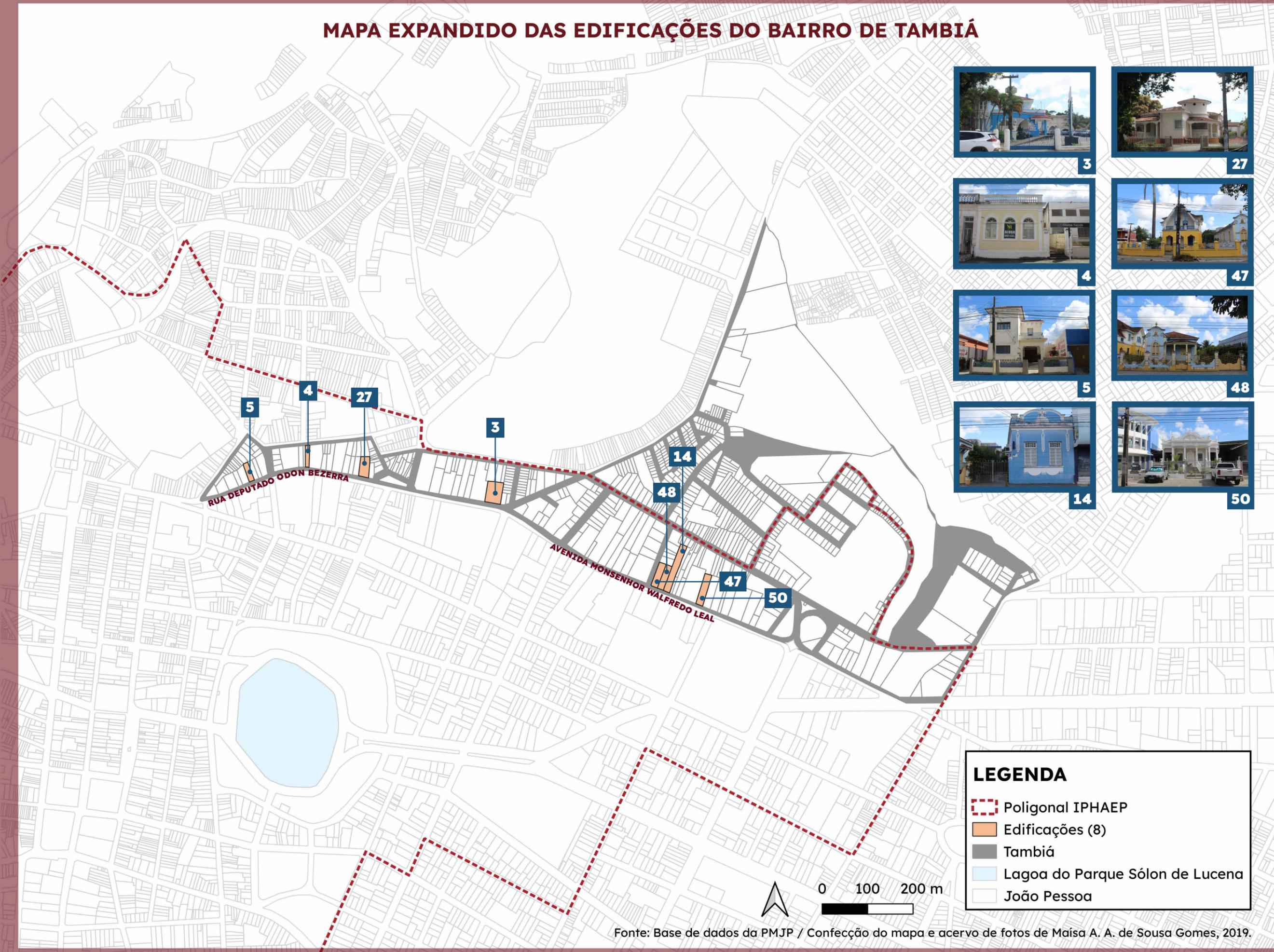
## LEGENDA

- Poligonal IPHAEP
- Edificações estudadas (50)
- Tambiá, Centro, Trincheiras e Jaguaribe
- Lagoa do Parque Sólton de Lucena
- João Pessoa



Fonte: Base de dados da PMJP / Confecção do mapa por Maisa A. A. de Sousa Gomes, 2024.

# MAPA EXPANDIDO DAS EDIFICAÇÕES DO BAIRRO DE TAMBÍÁ

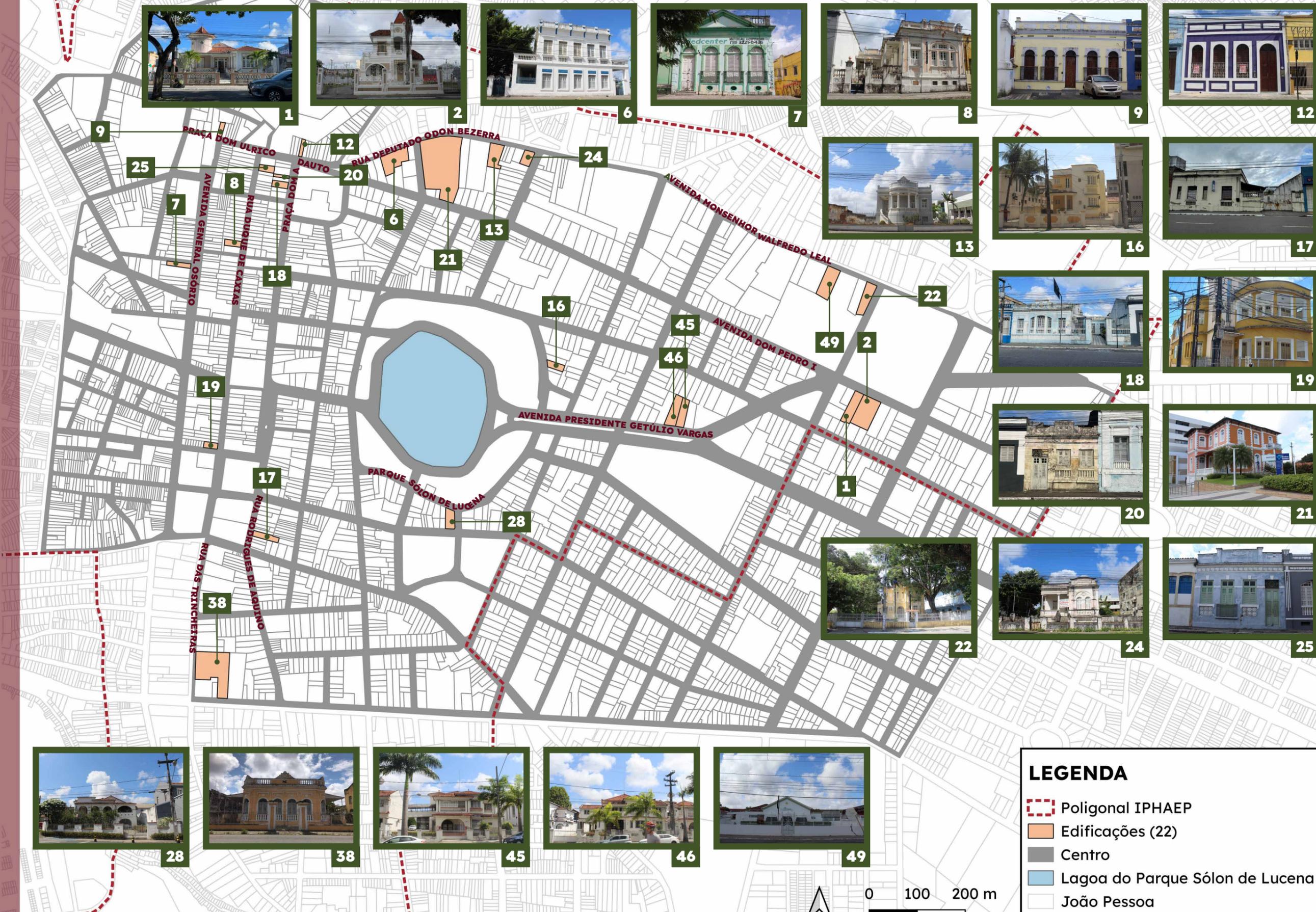


**LEGENDA**

- Poligonal IPHAEP
- Edificações (8)
- Tambiá
- Lagoa do Parque Sólton de Lucena
- João Pessoa

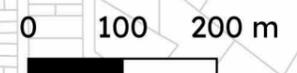
Fonte: Base de dados da PMJP / Confeção do mapa e acervo de fotos de Maisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

# MAPA EXPANDIDO DAS EDIFICAÇÕES DO BAIRRO DO CENTRO



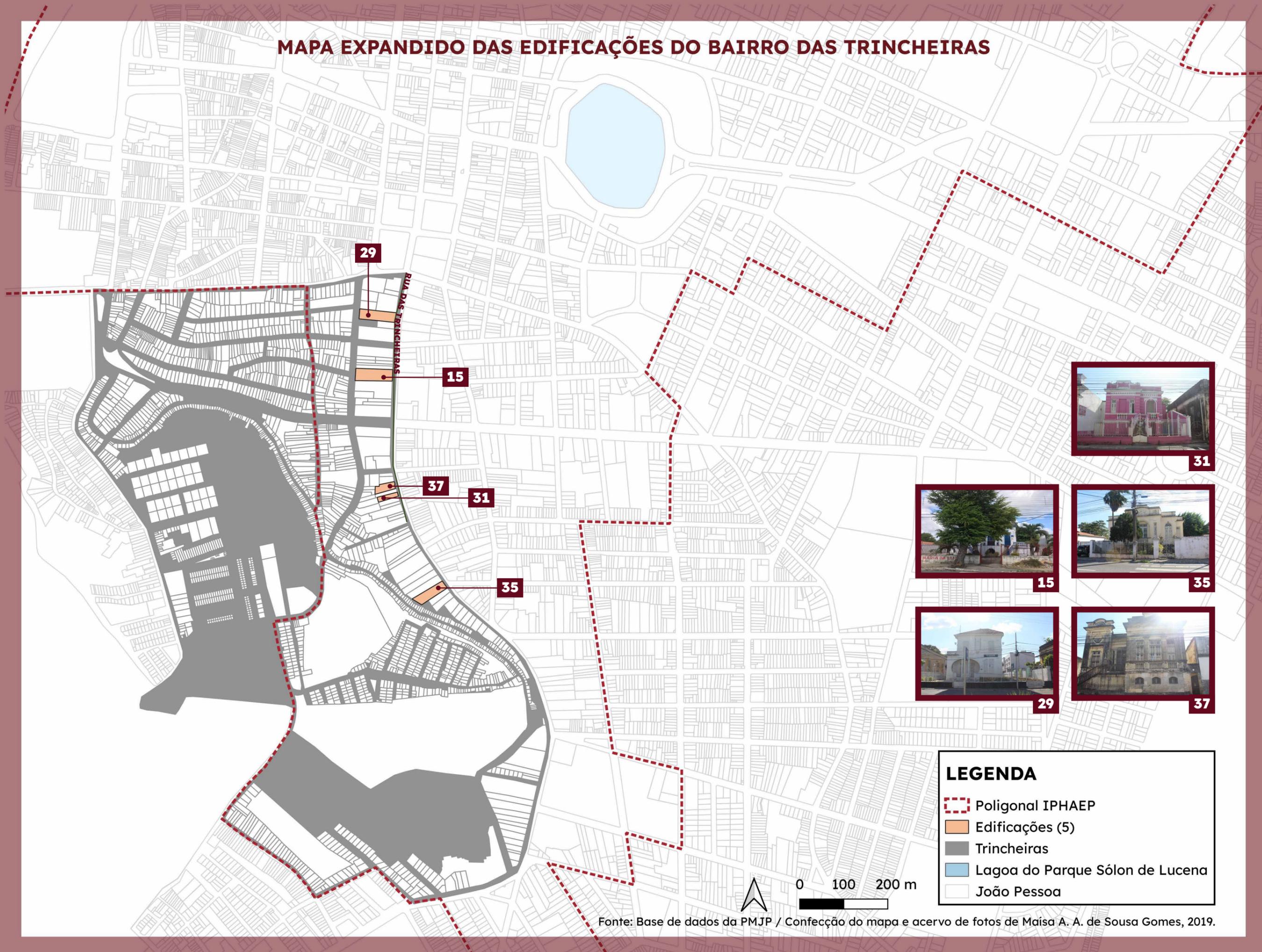
**LEGENDA**

- Poligonal IPHAEP
- Edificações (22)
- Centro
- Lagoa do Parque Sólton de Lucena
- João Pessoa



Fonte: Base de dados da PMJP / Confeção do mapa e acervo de fotos de Maisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

# MAPA EXPANDIDO DAS EDIFICAÇÕES DO BAIRRO DAS TRINCHEIRAS



**LEGENDA**

- Poligonal IPHAEP
- Edificações (5)
- Trincheiras
- Lagoa do Parque Sólon de Lucena
- João Pessoa

Fonte: Base de dados da PMJP / Confeção do mapa e acervo de fotos de Maisa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

# MAPA EXPANDIDO DAS EDIFICAÇÕES DO BAIRRO DE JAGUARIBE



10



11



23



26



30



32



33



34



36



39



40



41



42



43

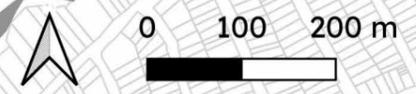


44



**LEGENDA**

- Poligonal IPHAEP
- Edificações (15)
- Jaguaribe
- Lagoa do Parque Sólton de Lucena
- João Pessoa



Fonte: Base de dados da PMJP / Confeção do mapa e acervo de fotos de Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.



**A**  
**PÊN**  
**DI**  
**CE**

**B**

Fichas

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** Av. Dom Pedro I, 56**BAIRRO:** Centro**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote**LINGUAGEM:** Ecletismo**FACHADA:** Original (  ) Modificada (  )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  ) Ruim (  )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:** Portão de entrada e caixilho de porta**3. PEÇA****TIPO:** Portão de entrada e caixilho de porta**TAMANHO DA PEÇA:** Não informado**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  ) Ruim (  ) Peça inexistente (  )**MOTIVO:** Geométrico (  ) Orgânico (  ) Misto (  )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**Sim (  ) Não (  ) Qual? \_\_\_\_\_**4. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2025.

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** Av. Dom Pedro I, 92**BAIRRO:** Centro**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote**LINGUAGEM:** Art Nouveau**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

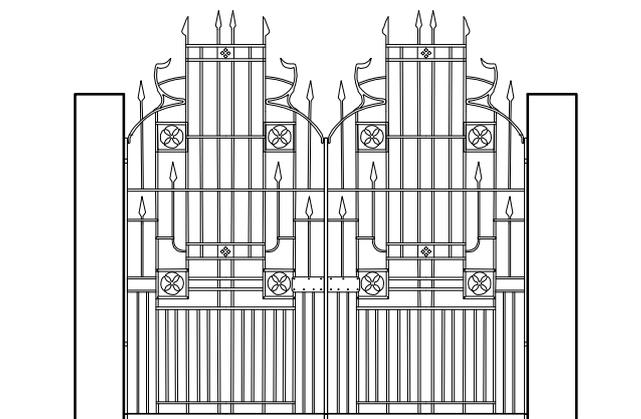
Portão de entrada, gradil frontal e caixilho de porta

**3. PEÇA REDESENHADA****TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

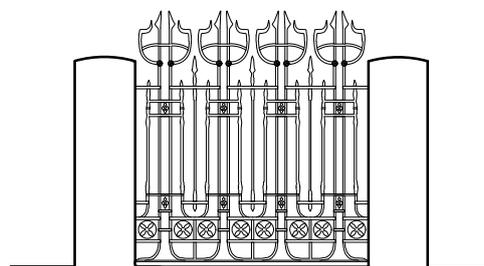
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**

4.1 Portão de entrada. Tamanho: 3,00m (A) x 2,20m (L).



4.2 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,90m (A) x 2,50m (L), com 1,10m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. Mons. Walfredo Leal, 181

**BAIRRO:** Tambiá

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada, gradil frontal e seteira

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

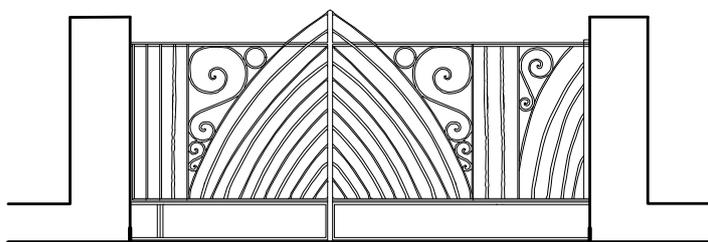
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

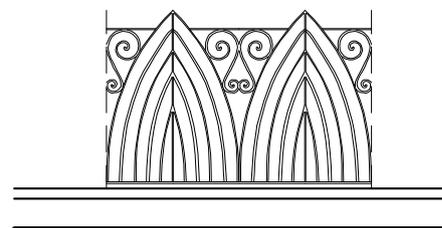


Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 1,60m (A) x 3,10m (L).



4.2 Gradil frontal (módulo de repetição): 1,40m (A) x 1,05 (L), com 20cm de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Dep. Odon Bezerra, 237

**BAIRRO:** Tambiá

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada com um dos recuos laterais

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( ) Modificada (x)

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (x) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular (x)  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto (x)

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim (x) Não ( ) Qual?

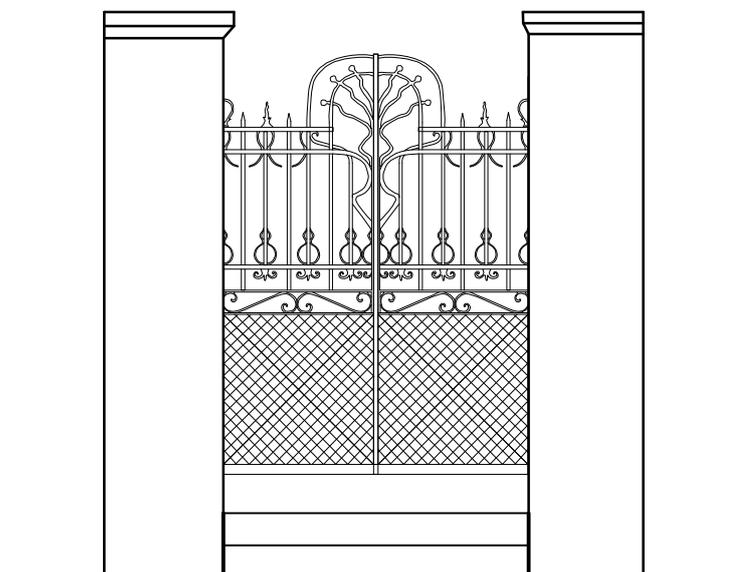
Com a peça da edificação 13

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019 e 2024.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 2,15m (A) x 1,45m (L).

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Dep. Odon Bezerra, 111

**BAIRRO:** Tambiá

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

### APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:

Portão de entrada, gradil frontal, caixilho de porta e guarda-corpo

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )

### SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:

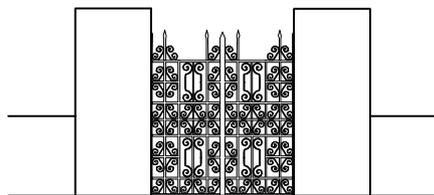
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

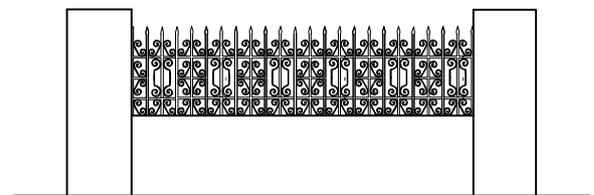


Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 1,10m (A) x 1,00m (L).



4.2 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 0,55m (A) x 2,20m (L), com 0,80m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Dep. Odon Bezerra, 100

**BAIRRO:** Tambiá

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado com dois recuos laterais

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original (  ) Modificada (  )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  ) Peça inexistente (  )

**MOTIVO:** Geométrico (  ) Orgânico (  ) Misto (  )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim (  ) Não (  ) Qual?

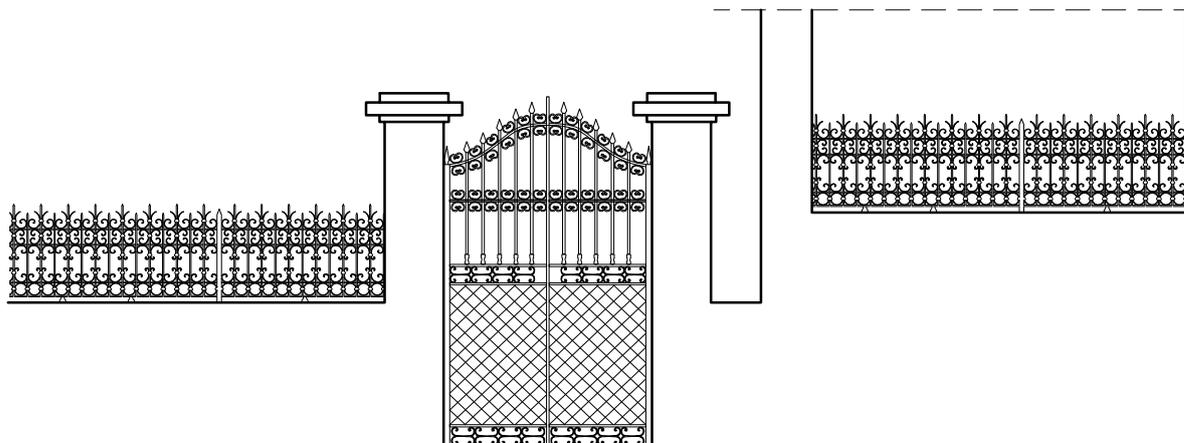
Com a peça da edificação 18

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 0,85m (A) x 2,00m (L), com 0,90m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,30m (A) x 1,35m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 0,85m (A) x 2,00m (L), com 1,45m de altura da mureta.

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** Av. Gen. Osório, 164**BAIRRO:** Centro**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada**LINGUAGEM:** Neoclássica**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

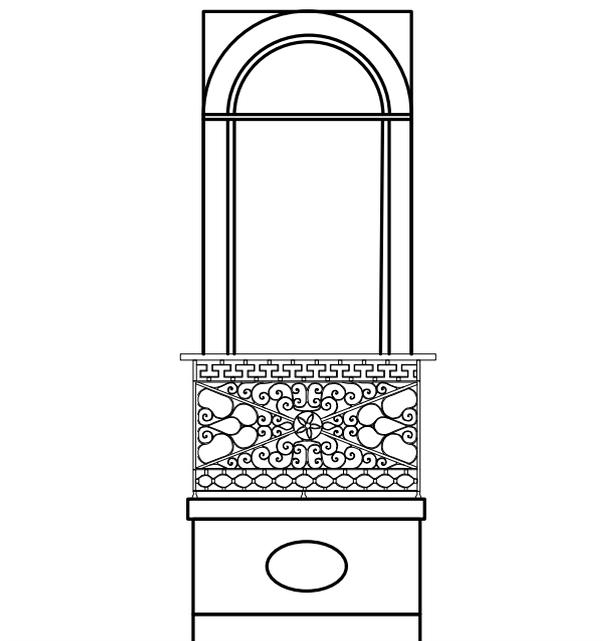
Guarda-corpo

**3. PEÇA REDESENHADA****TIPO:** Guarda-corpo**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

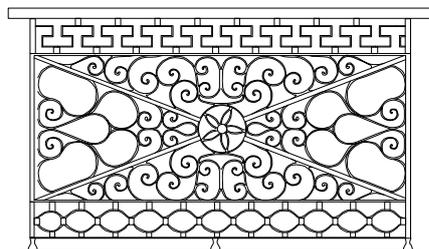
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**

4.1 Guarda-corpo. Tamanho: 1,05m (A) x 1,65m (L), com 1,00m de altura do porão alto.



## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Duque de Caxias, 198

**BAIRRO:** Centro

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada com um dos recuos laterais

**LINGUAGEM:** Art Nouveau

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

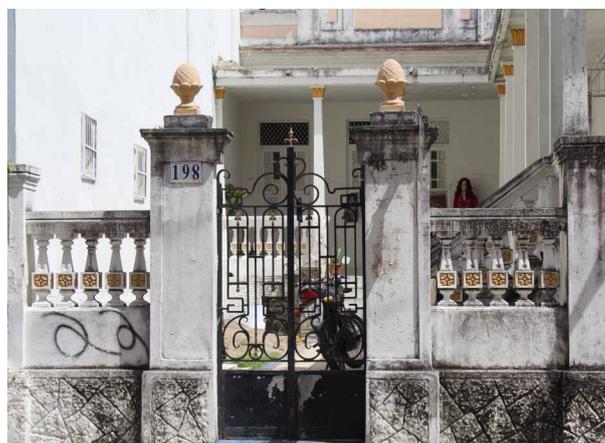
**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

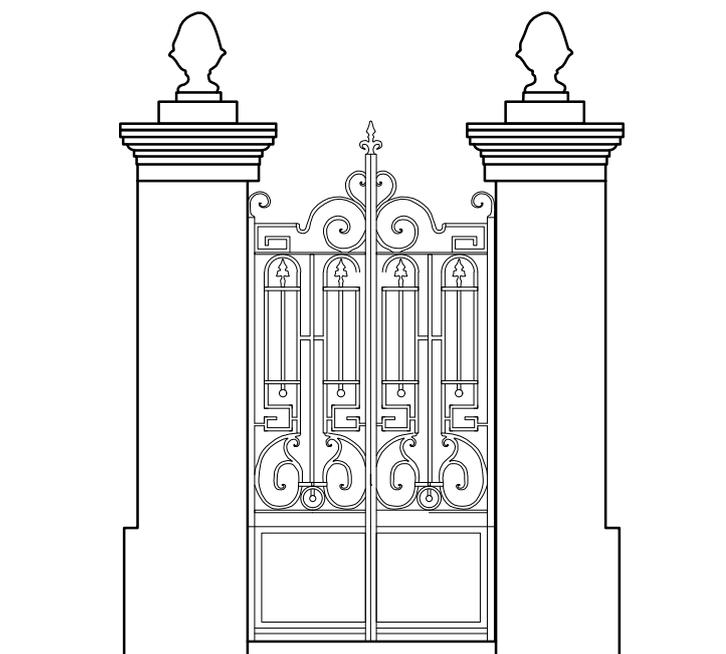
Com a peça da edificação 19

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 2,30m (A) x 1,10m (L).

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** Praça Dom Ulrico, 63**BAIRRO:** Centro**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada**LINGUAGEM:** Ecletismo**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Guarda-corpo

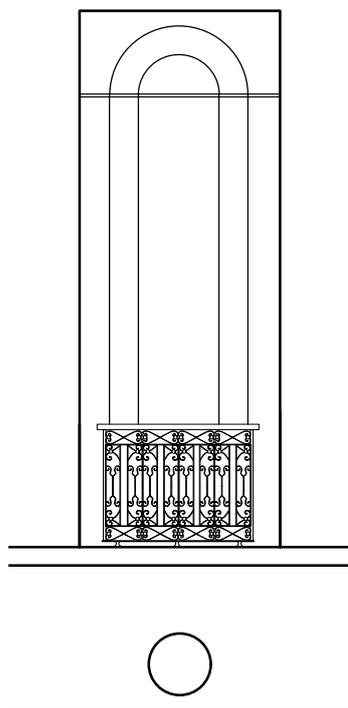
**3. PEÇA REDESENHADA****TIPO:** Guarda-corpo**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

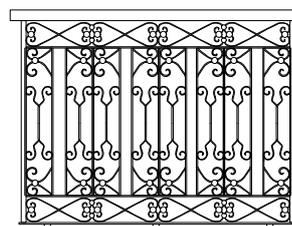
Com a peça da edificação 12

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**

4.1 Guarda-corpo.  
Tamanho: 1,20m (A) x  
1,50m (L), com 1,00m de  
altura do porão alto.



## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. das Trincheiras, 821

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original ( ) Modificada ( x )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

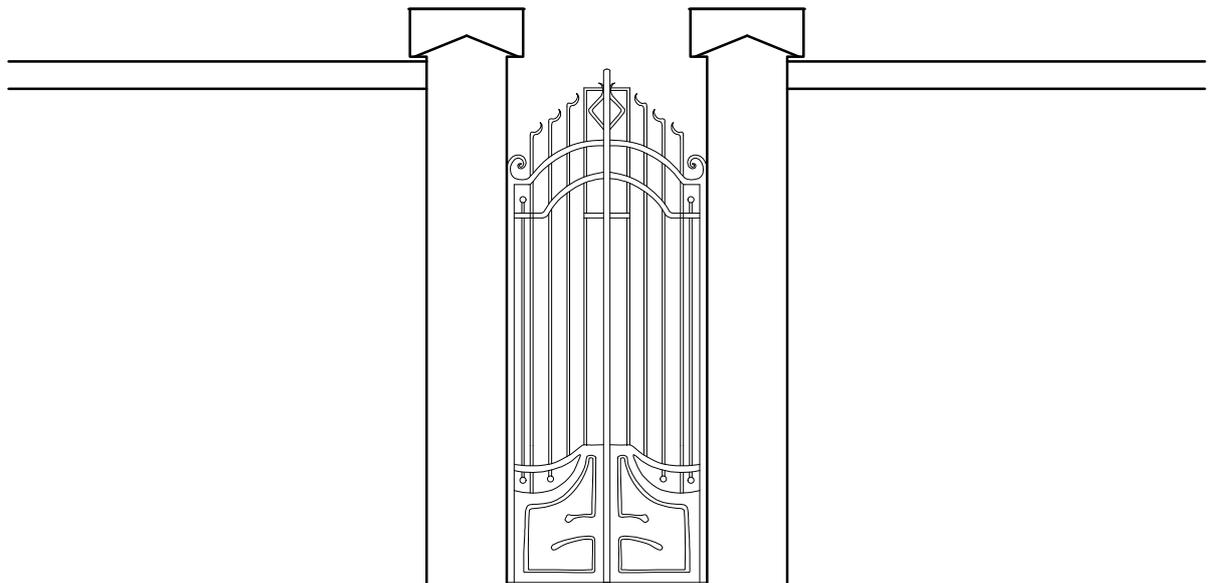
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 2,25m (A) x 1,00m (L).

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. João Machado, 394

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

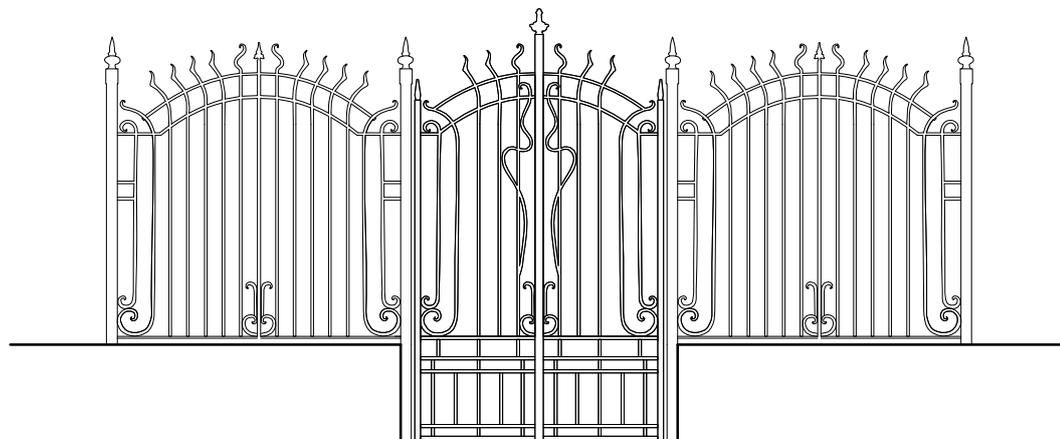
Com as peças das edificações 33 e 34

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,85m (A) x 1,70m (L), com 0,60m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,50m (A) x 1,45m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,85m (A) x 1,70m (L), com 0,60m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Praça Dom Adauto, 13

**BAIRRO:** Centro

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada

**LINGUAGEM:** Ecletismo (descaracterizado)

**FACHADA:** Original ( ) Modificada (x)

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (x) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Guarda-corpo

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Guarda-corpo

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (x) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto (x)

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim (x) Não ( ) Qual?

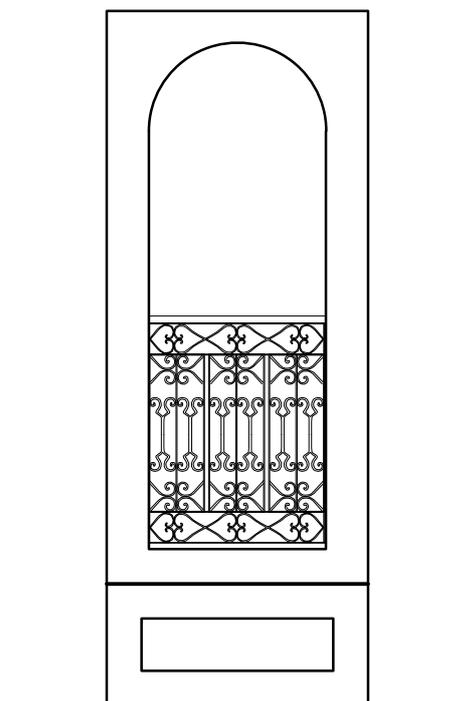
Com a peça da edificação 9

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

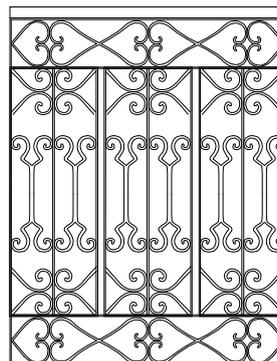


Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Guarda-corpo.  
Tamanho: 1,15m (A) x  
0,95m (L), com 1,20m de  
altura do porão alto.



## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Dep. Odon Bezerra, 334

**BAIRRO:** Centro

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

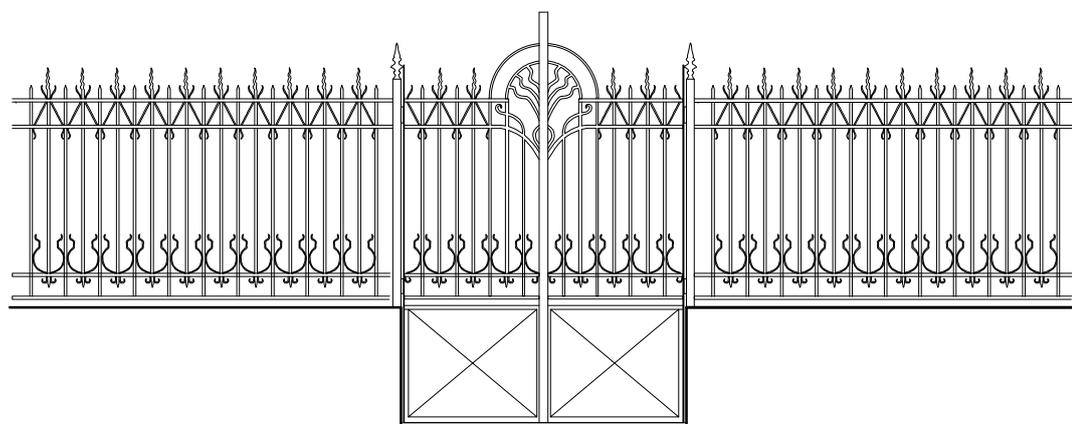
Com a peça da edificação 4

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,45m (A) x 2,60m (L), com 0,75m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,75m (A) x 1,75m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,45m (A) x 2,60m (L), com 0,75m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. Mons. Walfredo Leal, 623

**BAIRRO:** Tambiá

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada com um dos recuos laterais

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

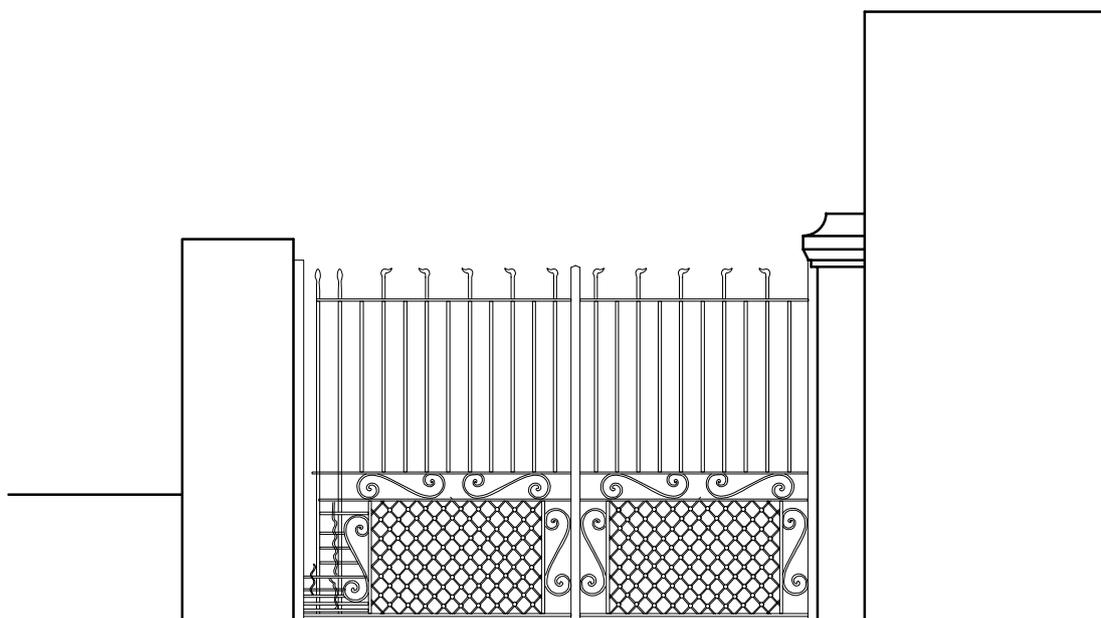
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 2,40m (A) x 2,65m (L).

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. das Trincheiras, 228

**BAIRRO:** Trincheiras

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Art Nouveau

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( )

#### APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:

Portão de entrada, gradil frontal e guarda-corpo

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

#### SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:

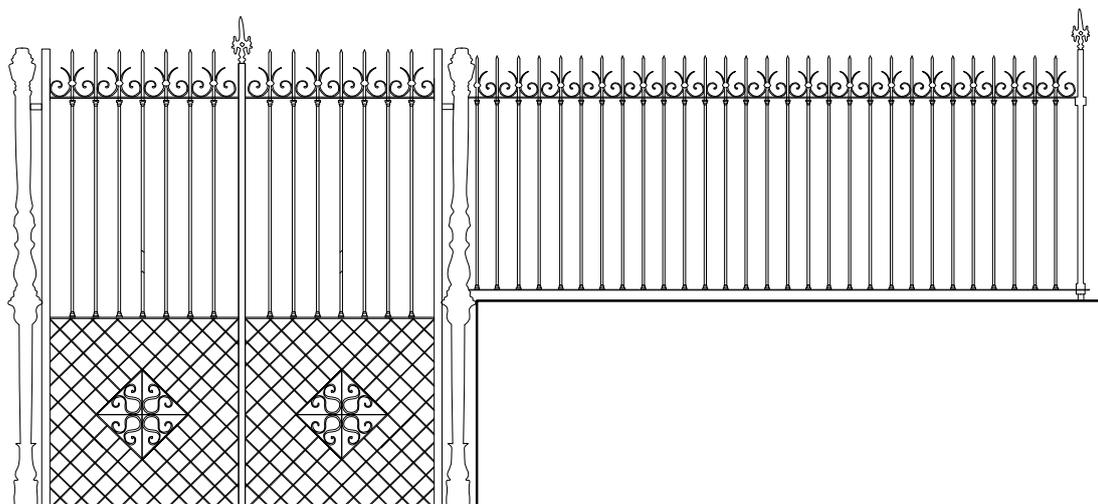
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 2,85m (A) x 2,20m (L).  
4.2 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,30m (A) x 2,15m (L), com 0,90m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Parque Sólon de Lucena, 671

**BAIRRO:** Centro

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Art Déco

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e guarda-corpo

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( x ) Orgânico ( ) Misto ( )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

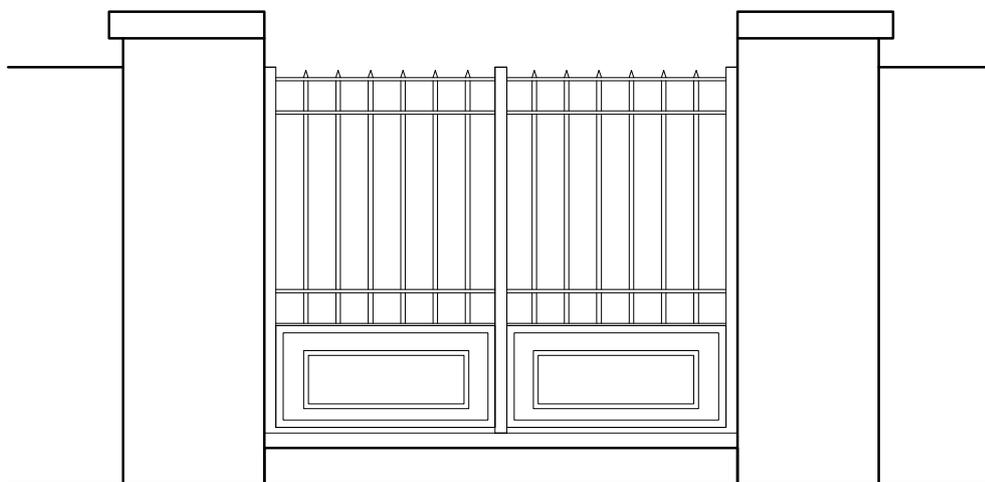
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 1,25m (A) x 1,40m (L).

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** R. Rodrigues de Aquino, 73**BAIRRO:** Centro**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada com um dos recuos laterais**LINGUAGEM:** Ecletismo**FACHADA:** Original ( ) Modificada ( x )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada

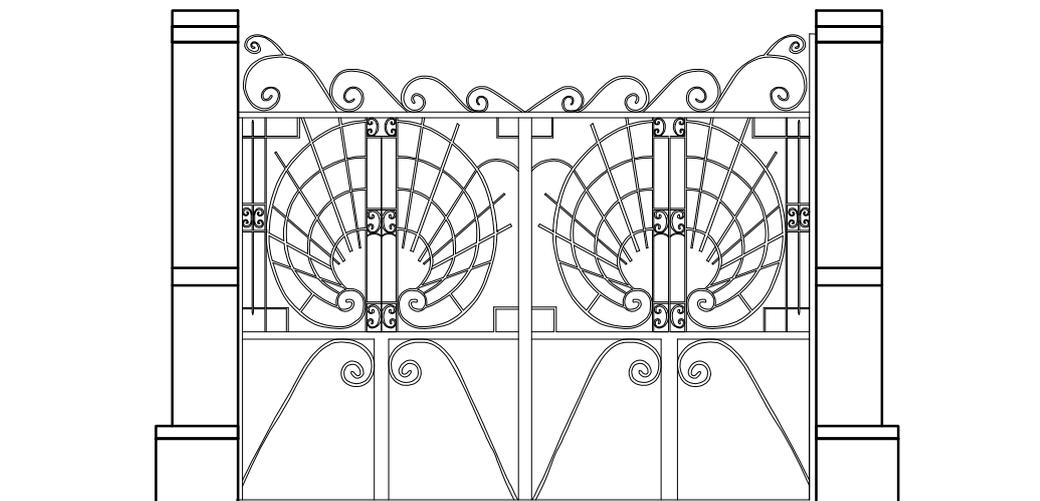
**3. PEÇA REDESENHADA****TIPO:** Portão de entrada**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x ) Peça inexistente ( )**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

Com as peças das edificações 29, 32 e 44

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2024.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**

4.1 Portão de entrada. Tamanho: 2,30m (A) x 2,85m (L).

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** Praça Dom Adauto, 58**BAIRRO:** Centro**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada com um dos recuos laterais**LINGUAGEM:** Ecletismo**FACHADA:** Original (  ) Modificada (  )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

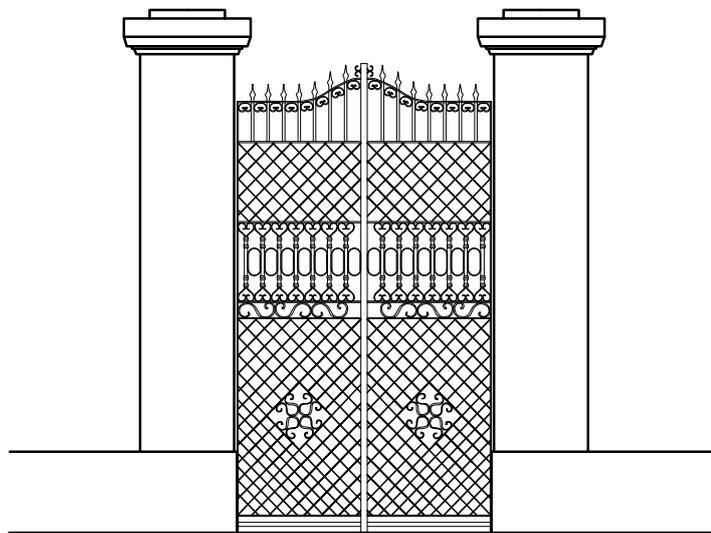
Portão de entrada e gradil frontal

**3. PEÇA REDESENHADA****TIPO:** Portão de entrada**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  ) Peça inexistente (  )**MOTIVO:** Geométrico (  ) Orgânico (  ) Misto (  )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**Sim (  ) Não (  ) Qual?

Com a peça da edificação 6

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2024.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**

4.1 Portão de entrada. Tamanho: 2,50m (A) x 1,70m (L).

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO**

**LOGRADOURO:** R. Duque de Caxias, 619

**BAIRRO:** Centro

**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO**

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Art Déco

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

**3. PEÇA REDESENHADA**

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

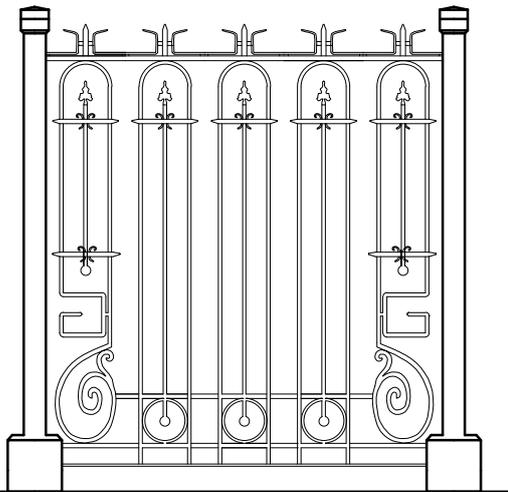
Com a peça da edificação 8

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

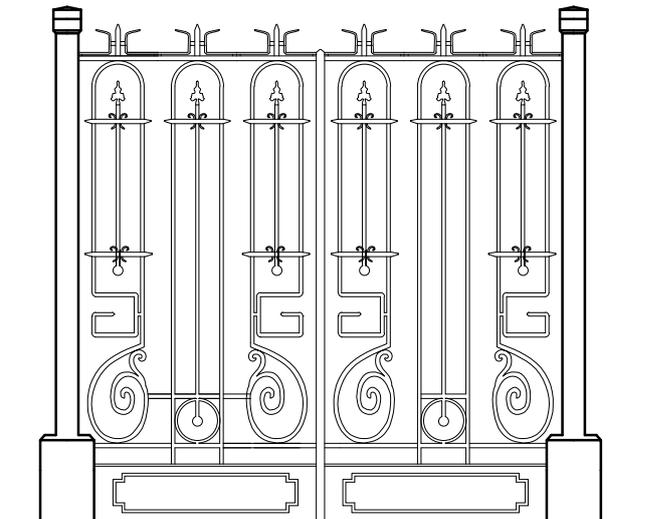


Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2024.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,35m (A) x 2,00m (L), com variação da altura da mureta a partir de 0,45m.



4.2 Portão de entrada. Tamanho: 1,80m (A) x 1,90m (L)

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

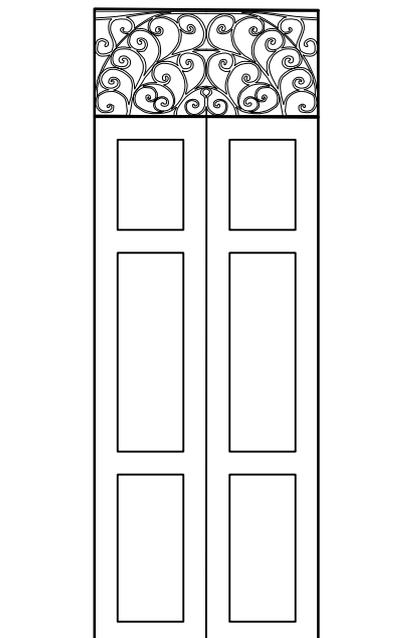
Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** Praça Dom Adauto, 44**BAIRRO:** Centro**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada**LINGUAGEM:** Ecletismo**FACHADA:** Original (  ) Modificada (  )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Bandeira de porta

**3. PEÇA REDESENHADA****TIPO:** Bandeira de porta**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  ) Peça inexistente (  )**MOTIVO:** Geométrico (  ) Orgânico (  ) Misto (  )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**Sim (  ) Não (  ) Qual?**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019 e 2024.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**

4.1 Bandeira de porta. Tamanho: 0,60m (A) x 1,20m (L).

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** R. Dep. Odon Bezerra, 184**BAIRRO:** Centro**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote**LINGUAGEM:** Neocolonial**FACHADA:** Original (  ) Modificada (  )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  ) Ruim (  )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:** Pilarete**3. PEÇA****TIPO:** Pilarete**TAMANHO DA PEÇA:** Não informado**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  ) Ruim (  ) Peça inexistente (  )**MOTIVO:** Geométrico (  ) Orgânico (  ) Misto (  )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**Sim (  ) Não (  ) Qual? \_\_\_\_\_**4. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. Mons. Walfredo Leal, 715

**BAIRRO:** Centro

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( x ) Orgânico ( ) Misto ( )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

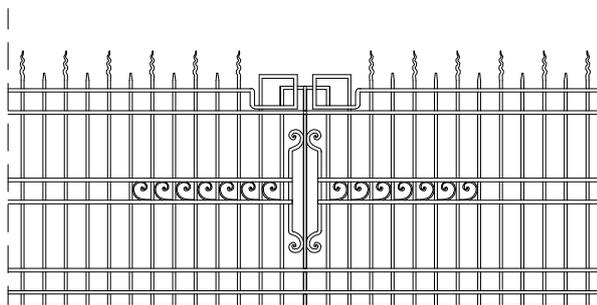
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,10m (A) x 2,75m (L), com 0,85m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Rodrigues de Aquino, 594

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original (  ) Modificada (  )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  ) Peça inexistente (  )

**MOTIVO:** Geométrico (  ) Orgânico (  ) Misto (  )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

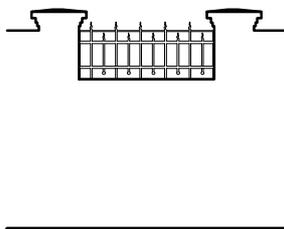
Sim (  ) Não (  ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

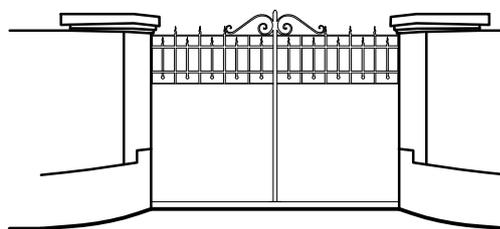


Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

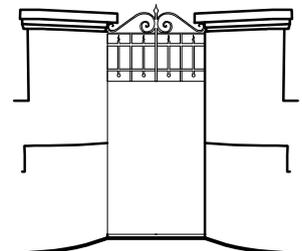
### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal.  
Tamanho (módulo de repetição): 0,60m (A) x 1,90m (L), com 1,20m de altura da mureta.



4.2 Portão de entrada. Tamanho: 1,20m (A) x 2,50m (L).



4.3 Portão de entrada. Tamanho: 1,20m (A) x 1,00m (L).

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Dep. Odon Bezerra, 586

**BAIRRO:** Centro

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original (  ) Modificada (  )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  )

#### APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:

Portão de entrada, caixilho de janela, bandeira de janela e guarda-corpo

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  ) Peça inexistente (  )

**MOTIVO:** Geométrico (  ) Orgânico (  ) Misto (  )

#### SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:

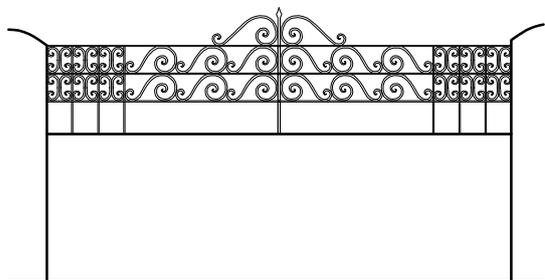
Sim (  ) Não (  ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

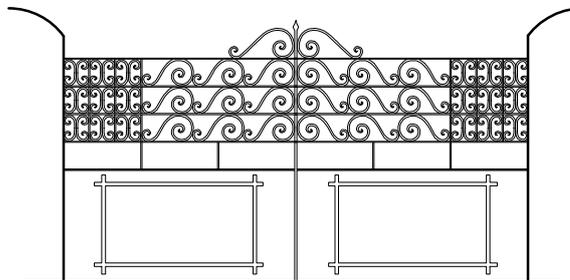


Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2024.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 0,75m (A) x 2,55m (L), com 1,00m de altura da mureta.



4.2 Portão de entrada. Tamanho: 1,75m (A) x 1,20m (L).

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Duque de Caxias, 47

**BAIRRO:** Centro

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original (  ) Modificada (  )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  )

### APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:

Caixilho de porta, bandeira de porta e guarda-corpo

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Caixilho e bandeira de porta e guarda-corpo

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  )  
Ruim (  ) Peça inexistente (  )

**MOTIVO:** Geométrico (  ) Orgânico (  ) Misto (  )

### SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:

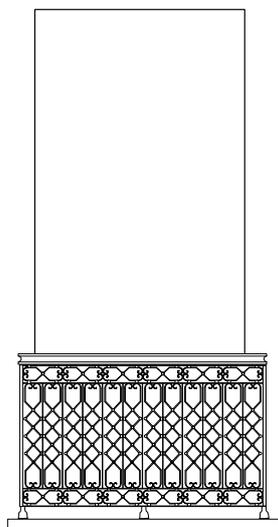
Sim (  ) Não (  ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

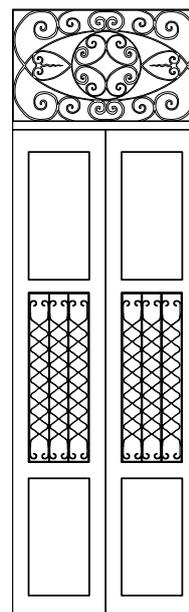


Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Guarda-corpo. Tamanho: 1,05m (A) x 1,55m (L), com 0,80m de altura do porão alto.



4.2 Caixilho de porta. Tamanho: 1,00m (A) x 0,30m (L). Bandeira de porta. Tamanho: 0,60m (A) x 1,20m (L).

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. Cap. José Pessoa, 128

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

#### APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:

Portão de entrada, gradil frontal, caixilho de janela, seteira e luminária

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( x ) Orgânico ( ) Misto ( )

#### SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:

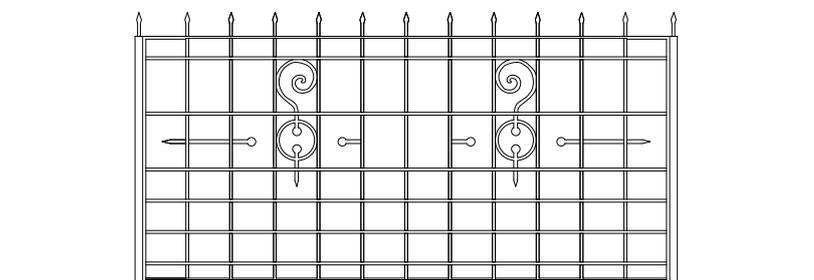
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,10m (A) x 2,10m (L), com 0,75m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Dep. Odon Bezerra, 367

**BAIRRO:** Tambiá

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

#### APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:

Portão de entrada, gradil frontal e guarda-corpo

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e guarda-corpo

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

#### SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:

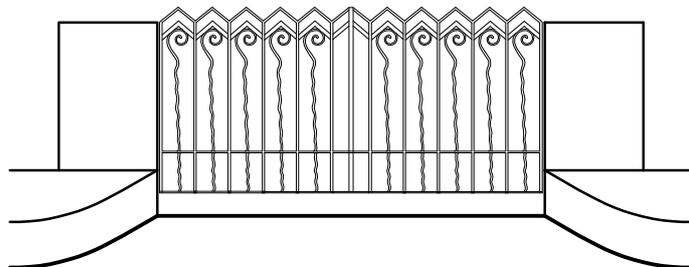
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

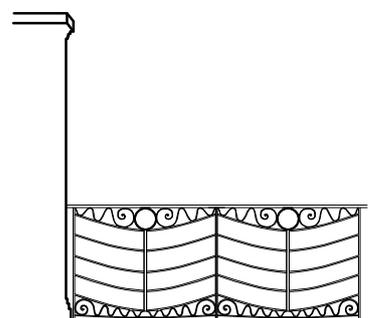


Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 1,05m (A) x 2,75m (L).



4.2 Guarda-corpo. Tamanho (módulo de repetição): 1,00m (A) x 1,40m (L), com 1,00m de elevação do nível do solo.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Parque Sólon de Lucena, 350

**BAIRRO:** Centro

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

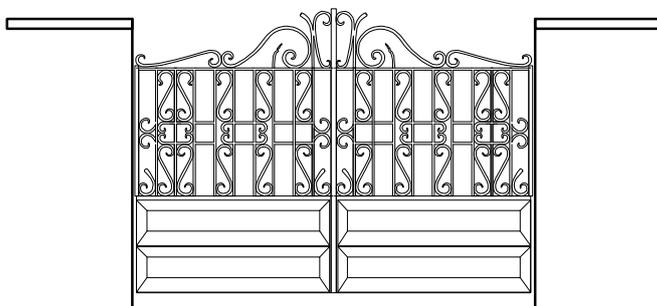
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

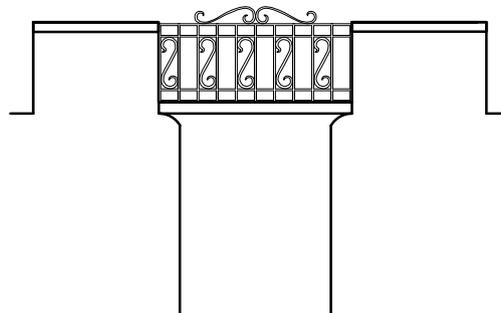


Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 1,80m (A) x 2,70m (L).



4.2 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 0,80m (A) x 1,90m (L), com 1,00m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. das Trincheiras, 104

**BAIRRO:** Trincheiras

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Art Nouveau

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

#### APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:

Portão de entrada, gradil frontal e caixilho de porta

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )

#### SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

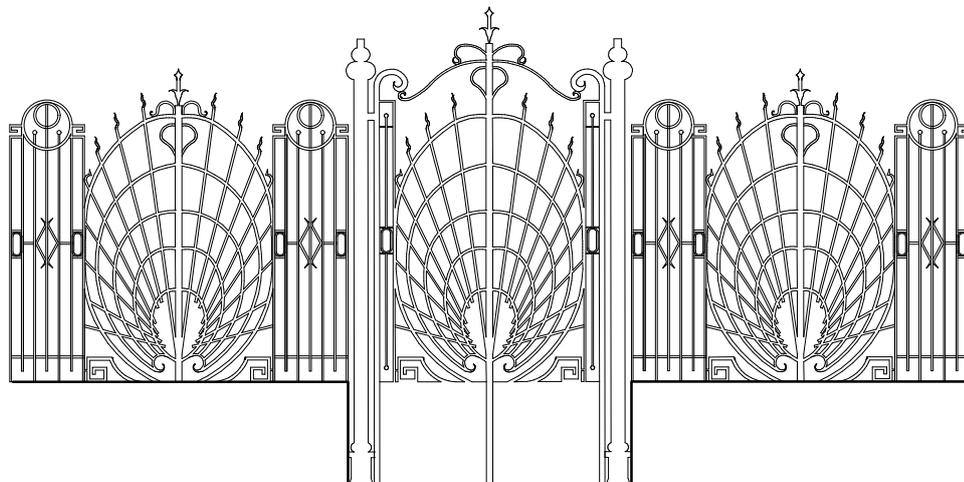
Com as peças das edificações 17, 32 e 44

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 2,20m (A) x 2,70m (L), com 1,10m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 3,30m (A) x 2,00m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 2,20m (A) x 2,70m (L), com 1,10m de altura da mureta.

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO**

**LOGRADOURO:** Av. João Machado, 348

**BAIRRO:** Jaguaribe

**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO**

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Art Nouveau

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada, gradil frontal, caixilho de porta e bandeira de porta

**3. PEÇA REDESENHADA**

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

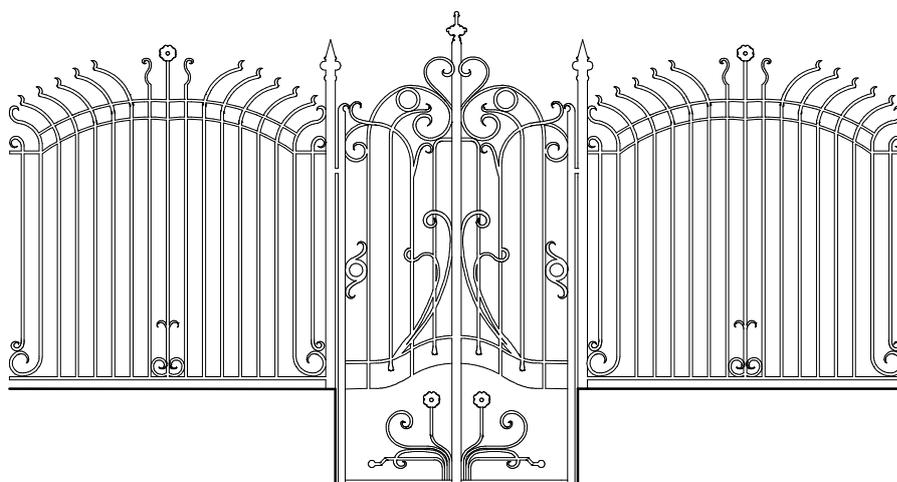
Com as peças das edificações 31, 35 e 49

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,90m (A) x 1,90m (L), com 0,55m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,80m (A) x 1,45m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,90m (A) x 1,90m (L), com 0,55m de altura da mureta.

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO**

**LOGRADOURO:** R. das Trincheiras, 498

**BAIRRO:** Trincheiras

**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO**

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( ) Modificada ( x )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( ) Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

**3. PEÇA REDESENHADA**

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( ) Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

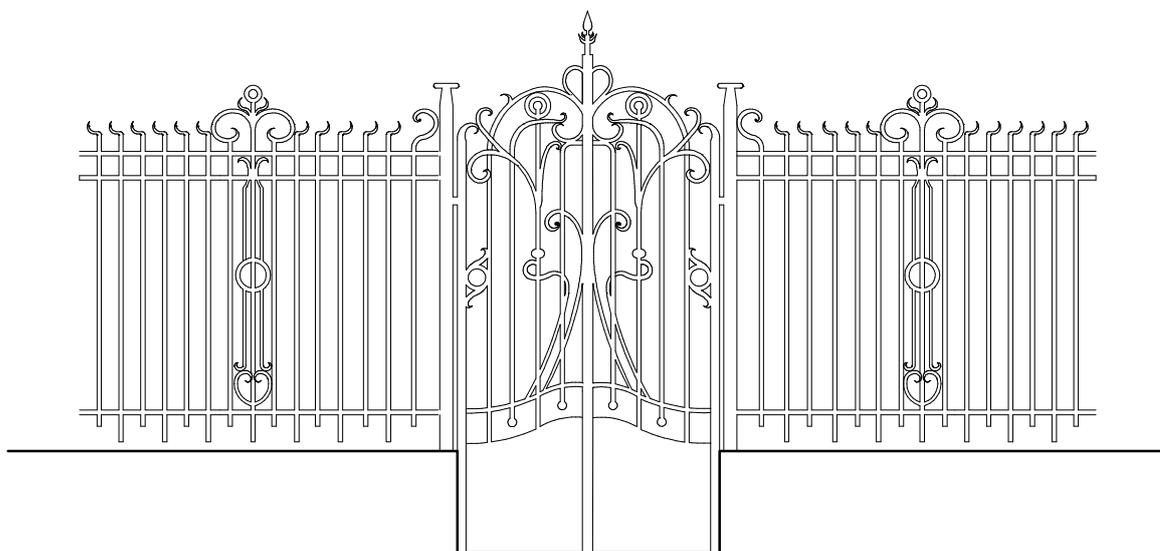
Com as peças das edificações 30, 35 e 49

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,90m (A) x 2,20m (L), com 0,60m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,85m (A) x 1,50m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,90m (A) x 2,20m (L), com 0,60m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. João Machado, 527

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea geminada com um dos recuos laterais

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original (  ) Modificada (  )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  ) Ruim (  )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular (  ) Ruim (  ) Peça inexistente (  )

**MOTIVO:** Geométrico (  ) Orgânico (  ) Misto (  )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim (  ) Não (  ) Qual?

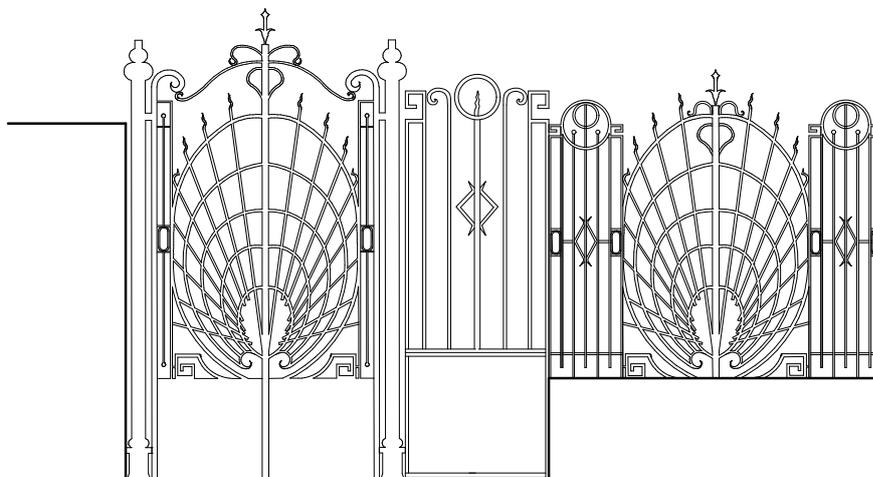
Com as peças das edificações 17, 29 e 44

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 3,00m (A) x 2,20m (L).

4.2 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,45m (A) x 1,85m (L), com 0,95m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. João da Mata, 133

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

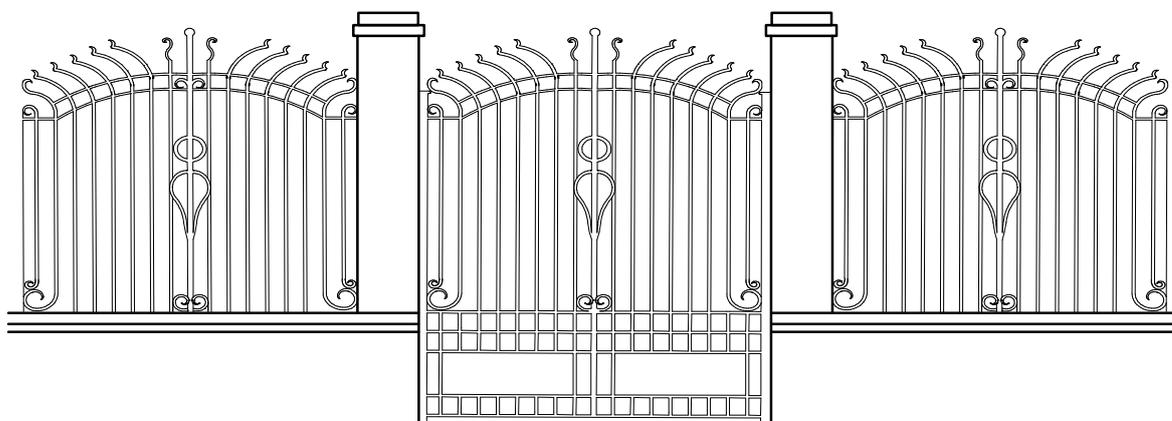
Com as peças das edificações 11 e 34

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,50m (A) x 2,50m (L), com 0,80m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,30m (A) x 2,50m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,50m (A) x 2,50m (L), com 0,80m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. João da Mata, 185

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x ) Peça inexistente ( )

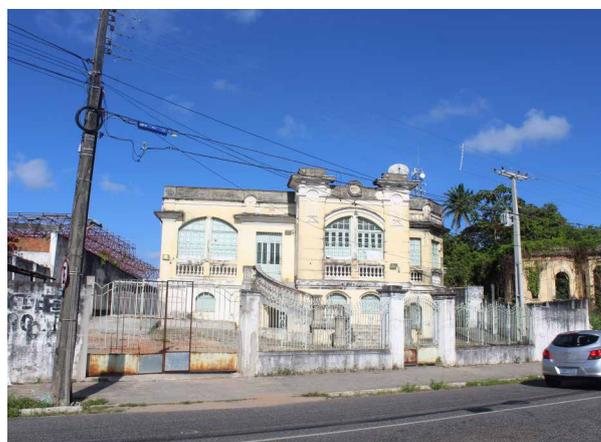
**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

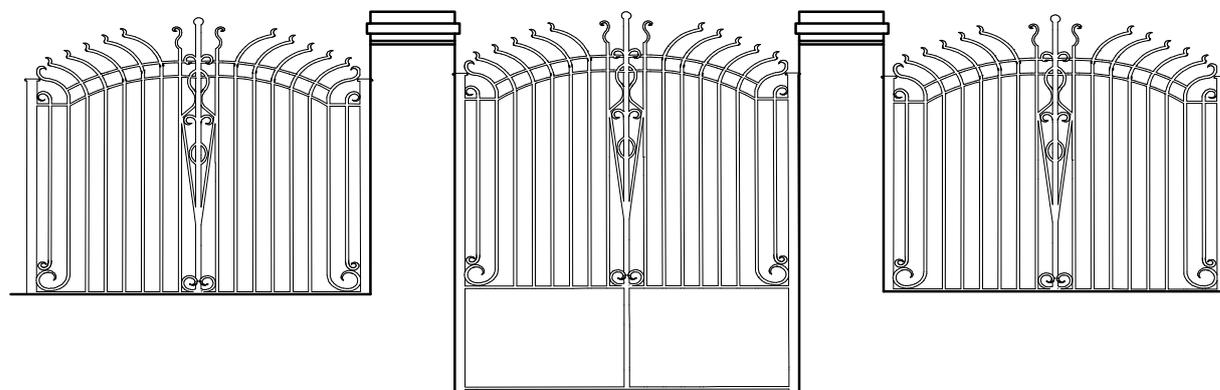
Com as peças das edificações 11 e 33

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,95m (A) x 1,65m (L), com 0,65m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,60m (A) x 2,00m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,95m (A) x 1,65m (L), com 0,65m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. das Trincheiras, 736

**BAIRRO:** Trincheiras

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

### APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:

Portão de entrada, gradil frontal, caixilho de porta e luminária

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )

### SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

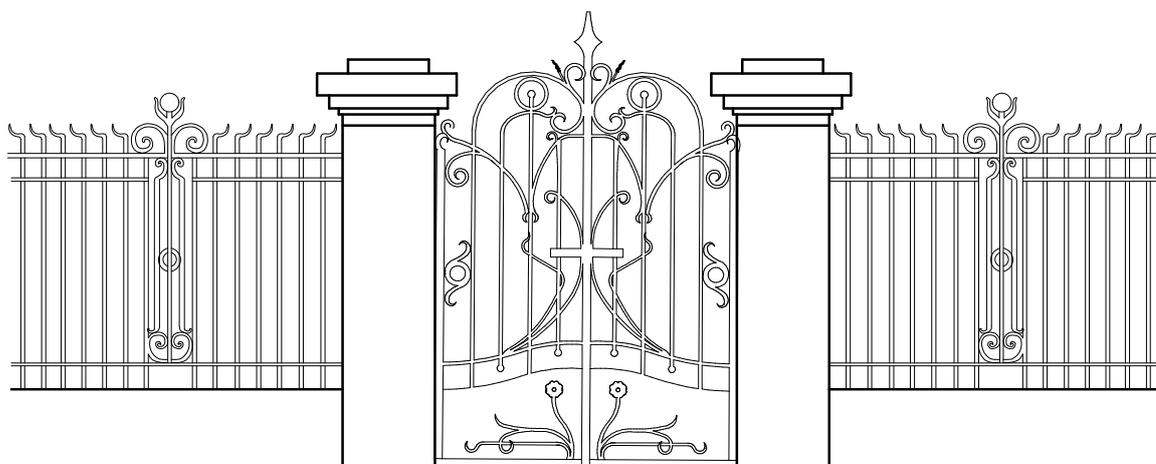
Com as peças das edificações 30, 31 e 49

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,25m (A) x 1,70m (L), com 0,40m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,20m (A) x 1,50m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,25m (A) x 1,70m (L), com 0,40m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. das Trincheiras, 619

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada, gradil frontal e bandeira de janela

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

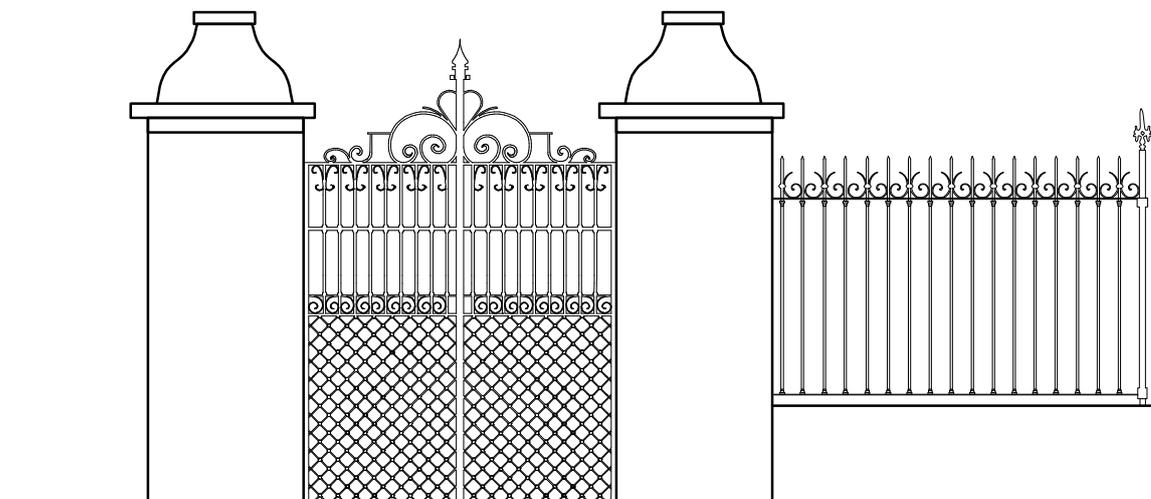
Com a peça da edificação 38

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada.  
Tamanho: 3,00m (A) x  
2,00m (L).

4.2 Gradil frontal. Tamanho  
(módulo de repetição): 1,50m (A)  
x 2,00m (L), com 0,90m de altura  
da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. das Trincheiras, 482

**BAIRRO:** Trincheiras

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea com dois recuos laterais

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada, gradil frontal e porão alto

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada, gradil frontal e porão alto

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

Com a peça da edificação 39

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

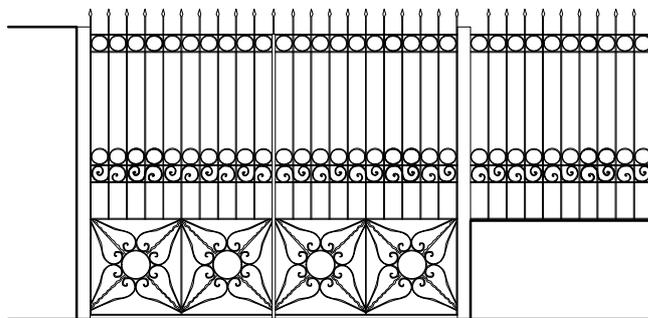


Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019 e 2024.

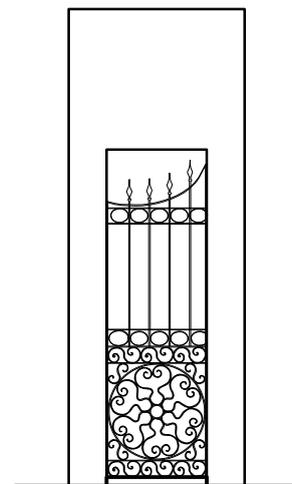
### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Abertura do porão alto.  
Tamanho:  
0,40m (A) x  
0,40m (L).



4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,25m (A) x 2,75m (L). Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 2,25m (A) x 1,50m (L), com 1,10m de altura da mureta.



4.3 Portão de entrada. Tamanho: 2,25m (A) x 0,65m (L).

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** R. das Trincheiras, 275**BAIRRO:** Centro**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote**LINGUAGEM:** Ecletismo**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

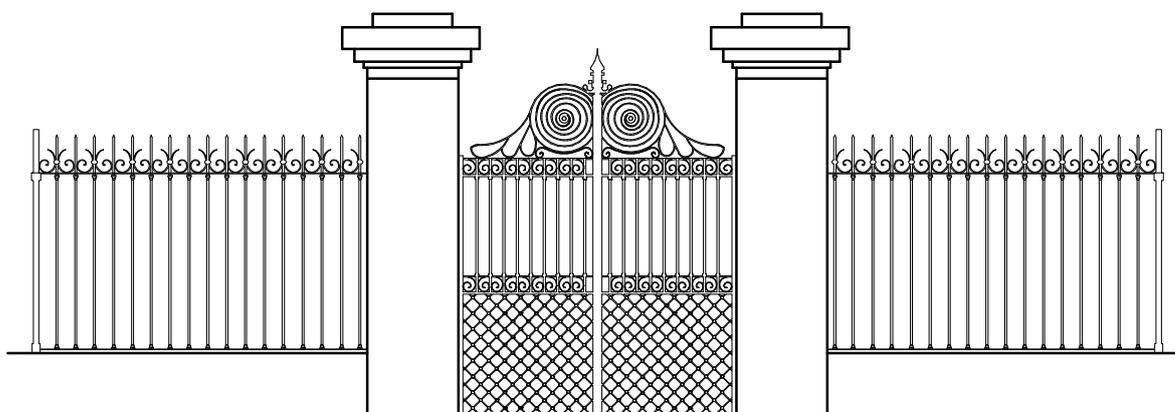
**3. PEÇA REDESENHADA****TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

Com a peça da edificação 36

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**

4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,70m (A) x 2,40m (L), com 0,75m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 3,15m (A) x 2,25m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,70m (A) x 2,40m (L), com 0,75m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. Cap. José Pessoa, 85

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original ( ) Modificada ( x )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

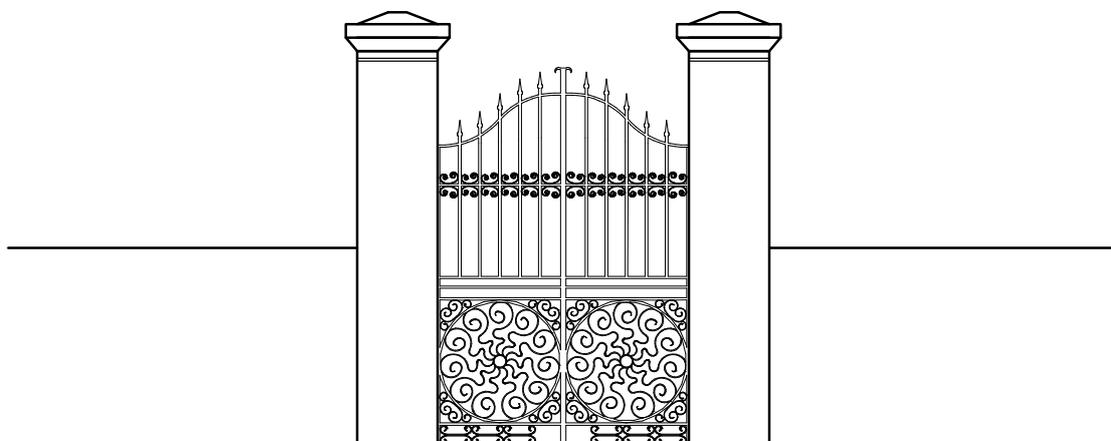
Com a peça da edificação 37

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 2,40m (A) x 1,50m (L).

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** Av. Cap. José Pessoa, 256**BAIRRO:** Jaguaribe**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote**LINGUAGEM:** Ecletismo**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

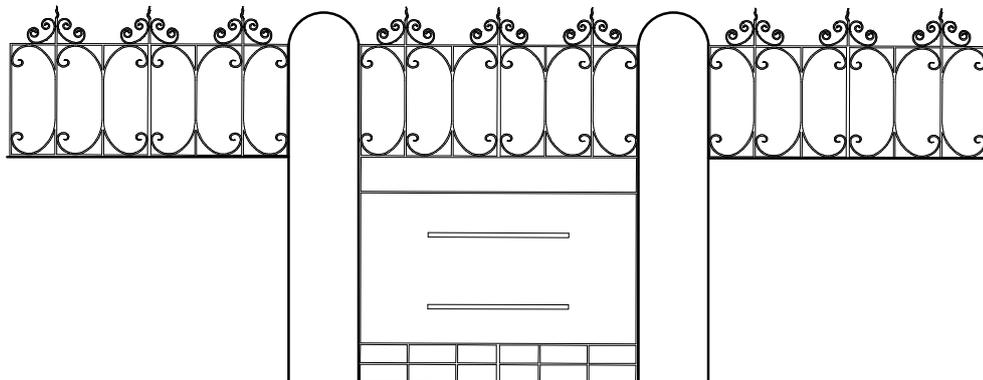
Portão de entrada, gradil frontal e caixilho de porta

**3. PEÇA REDESENHADA****TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( ) Não ( x ) Qual?

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**

4.1 Gradil frontal.  
Tamanho (módulo de repetição): 0,65m (A) x 2,30m (L), com 1,20m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada.  
Tamanho: 1,85m (A) x 1,15m (L).

4.3 Gradil frontal.  
Tamanho (módulo de repetição): 0,65m (A) x 2,30m (L), com 1,20m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Irineu Joffily, 256

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original ( ) Modificada ( x )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( x )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Desconhecido

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Peça inexistente ( x )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

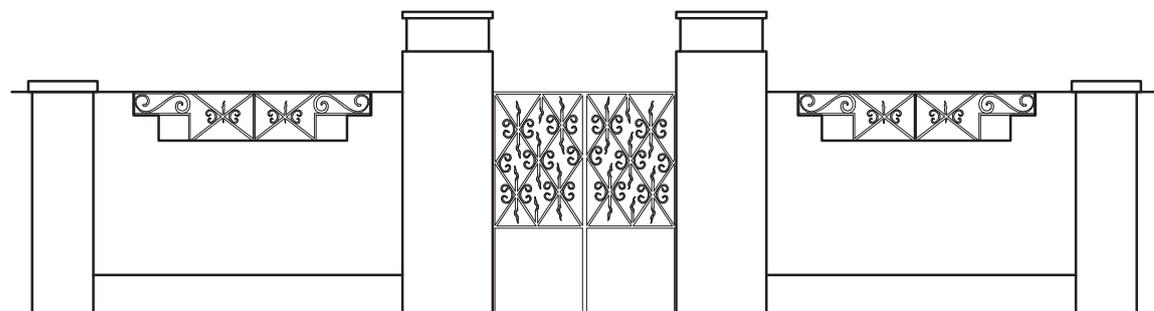
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Google Street View, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho desconhecido.

4.2 Portão de entrada. Tamanho desconhecido.

4.3 Gradil frontal. Tamanho desconhecido.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Irineu Joffily, 220

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea com dois recuos laterais

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( ) Modificada ( x )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

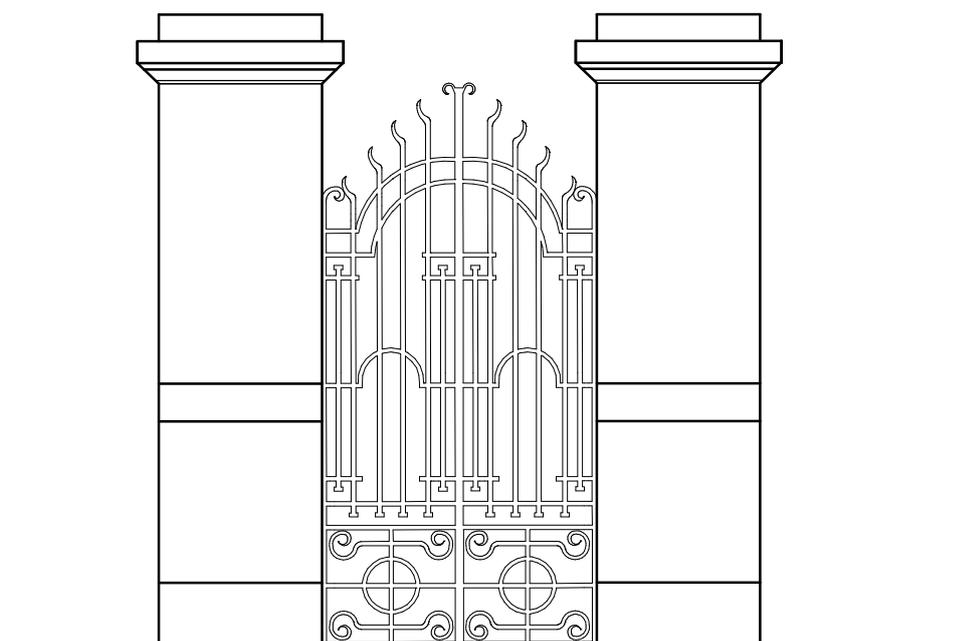
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 2,00m (A) x 0,95m (L).

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** R. Rodrigues de Aquino, 771

**BAIRRO:** Jaguaribe

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e caixilho de porta

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

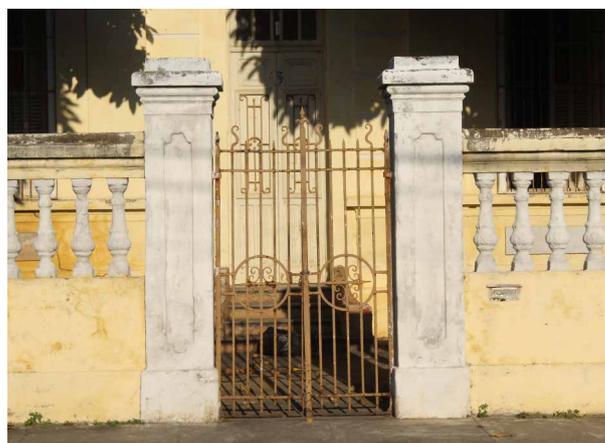
**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

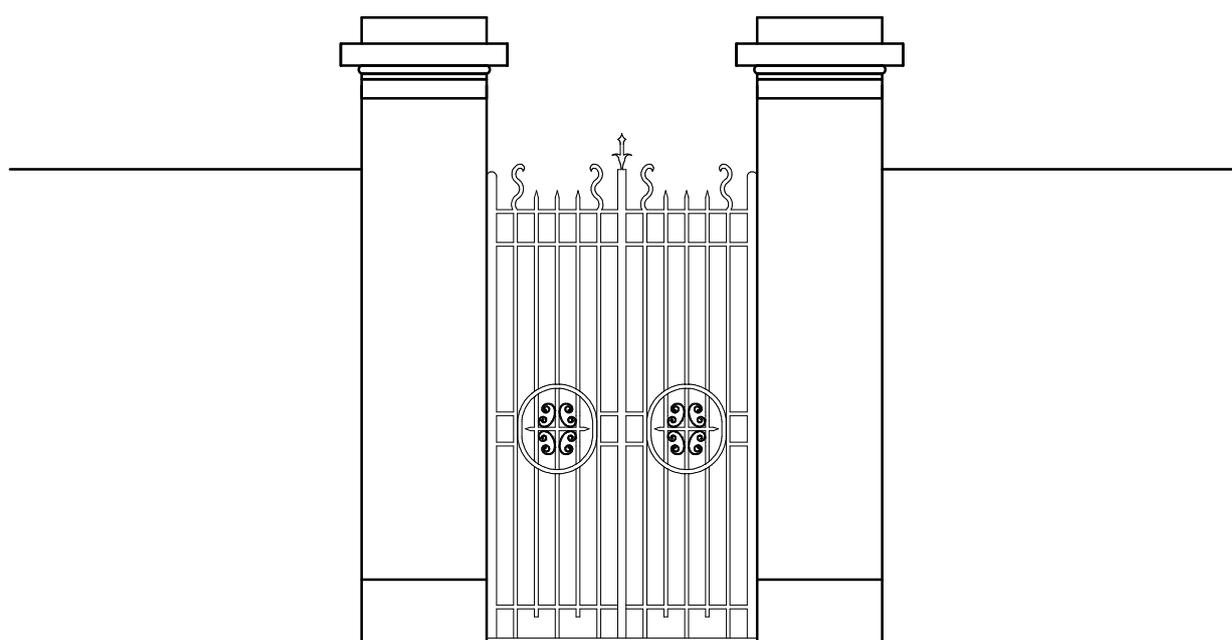
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Portão de entrada. Tamanho: 2,20m (A) x 1,25m (L).

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO**

**LOGRADOURO:** Av. João Machado, 282

**BAIRRO:** Jaguaribe

**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO**

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada, gradil frontal, caixilho de porta e janela e guarda-corpo

**3. PEÇA REDESENHADA**

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( )  
Ruim ( x ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

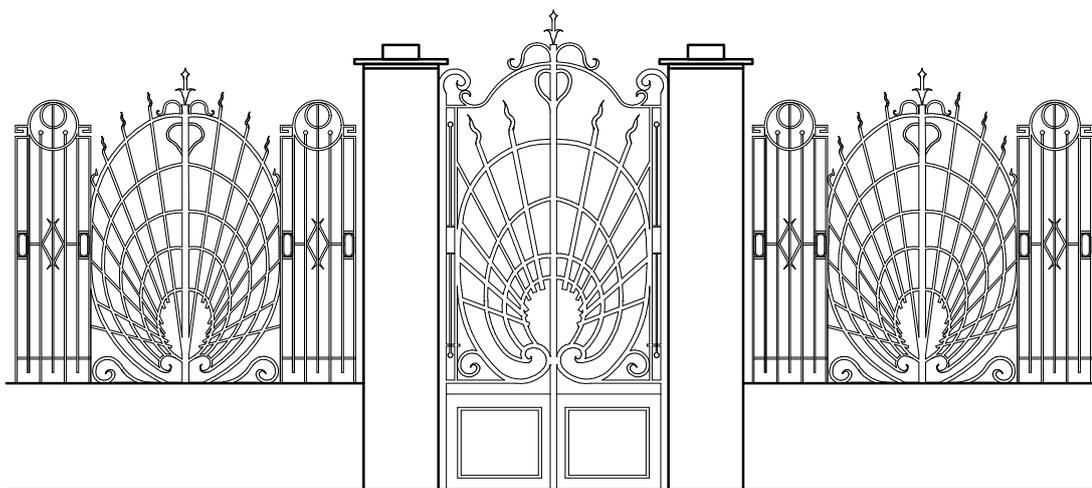
Com as peças das edificações 17, 29 e 32

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019 e 2024.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 2,15m (A) x 2,50m (L), com 0,75m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 3,10m (A) x 2,20m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 2,15m (A) x 2,50m (L), com 0,75m de altura da mureta.

**FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS**

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

**1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****LOGRADOURO:** Av. Pres. Getúlio Vargas, 277**BAIRRO:** Centro**2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO****TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote**LINGUAGEM:** Neocolonial**FACHADA:** Original ( ) Modificada ( x )**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( )**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

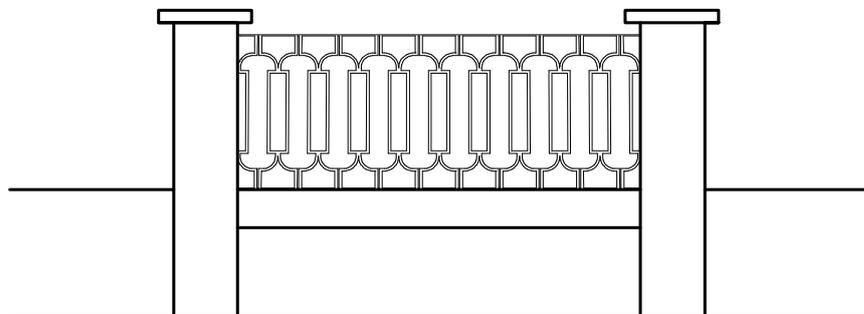
Portão de entrada e gradil frontal

**3. PEÇA REDESENHADA****TIPO:** Gradil frontal**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )**MOTIVO:** Geométrico ( x ) Orgânico ( ) Misto ( )**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( ) Não ( x ) Qual?

**5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO**

Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

**4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA**

4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 0,70m (A) x 1,80m (L), com 0,90m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. Pres. Getúlio Vargas, 255

**BAIRRO:** Centro

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original ( ) Modificada ( x )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

#### APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:

Portão de entrada, gradil frontal, caixilho de porta e janela e guarda-corpo

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )

#### SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:

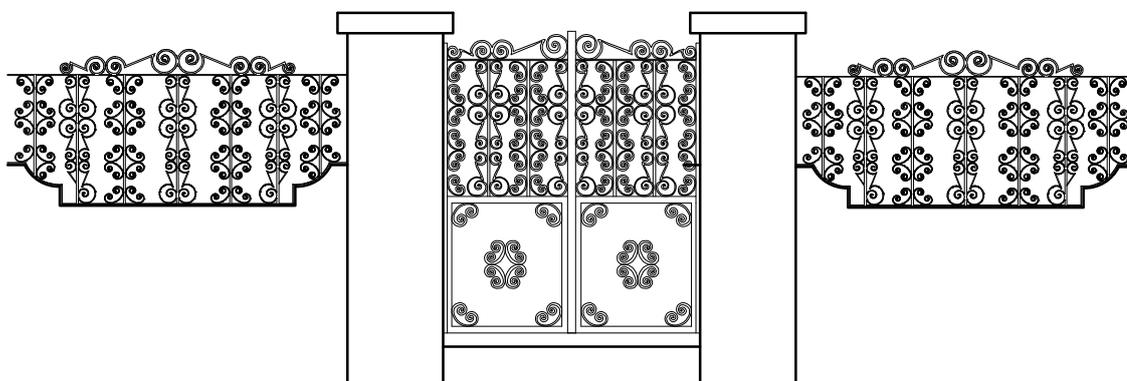
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 0,75m (A) x 2,00m (L), com 0,85m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 1,60m (A) x 1,35m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 0,75m (A) x 2,00m (L), com 0,85m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. Mons. Walfredo Leal, 604

**BAIRRO:** Tambiá

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Sobrado solto dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

#### APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:

Portão de entrada, gradil frontal e caixilho de porta e janela

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto ( x )

#### SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:

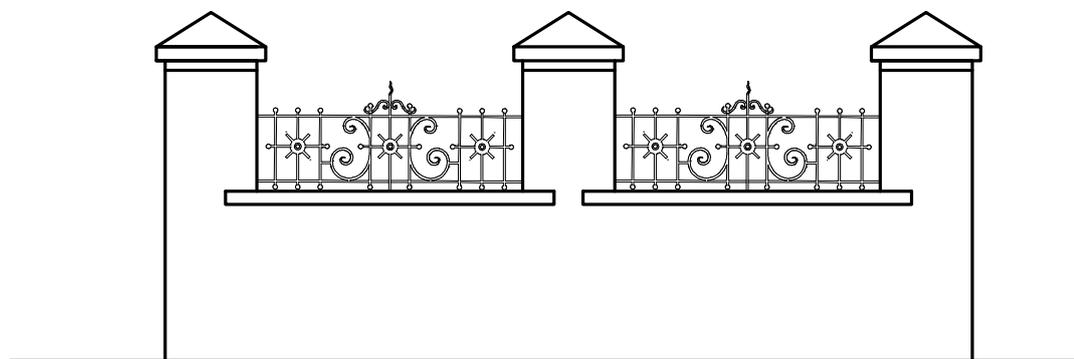
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 0,85m (A) x 2,00m (L), com 0,95m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. Mons. Walfredo Leal, 607

**BAIRRO:** Tambiá

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original (  ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada, gradil frontal e caixilho de porta

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom (  ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( ) Misto (  )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

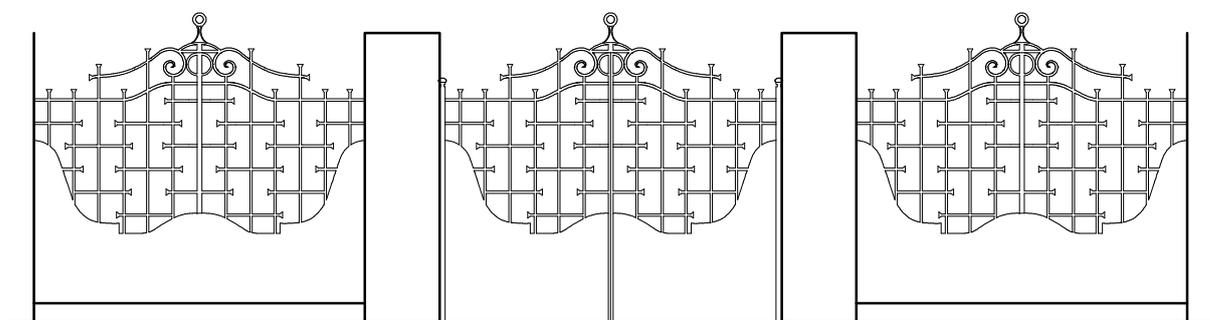
Sim ( ) Não (  ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 2,35m (A) com mureta x 2,45m (L).

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,35m (A) x 2,35m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 2,35m (A) com mureta x 2,45m (L).

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. Mons. Walfredo Leal, 632

**BAIRRO:** Centro

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Neocolonial

**FACHADA:** Original ( ) Modificada ( x )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( ) Regular ( x )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada e gradil frontal

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

Sim ( x ) Não ( ) Qual?

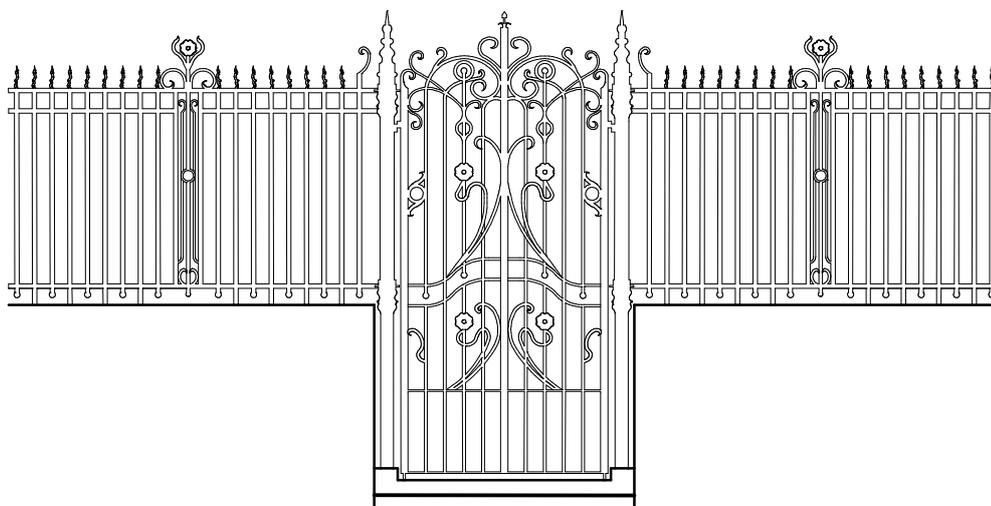
Com as peças das edificações 30, 31 e 35

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,60m (A) x 2,30m (L), com 1,20m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,80m (A) x 1,55m (L).

4.3 Gradil frontal. Tamanho (módulo de repetição): 1,60m (A) x 2,30m (L), com 1,20m de altura da mureta.

## FICHA DE LEVANTAMENTO E ANÁLISE DA EDIFICAÇÃO E SEUS ORNAMENTOS

Maísa Alana Alves de Sousa Gomes | Orientador: Prof. Dr. Ivan Cavalcanti Filho

### 1. IDENTIFICAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**LOGRADOURO:** Av. Mons. Walfredo Leal, 681

**BAIRRO:** Tambiá

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

**TIPO DE EDIFICAÇÃO:** Casa térrea solta dos limites do lote

**LINGUAGEM:** Ecletismo

**FACHADA:** Original ( x ) Modificada ( )

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( )

**APLICAÇÃO DOS ORNAMENTOS EM FERRO:**

Portão de entrada, gradil frontal e guarda-corpo

### 3. PEÇA REDESENHADA

**TIPO:** Portão de entrada e gradil frontal

**TAMANHO DA PEÇA:** Indicado no desenho

**GRAU DE CONSERVAÇÃO:** Bom ( x ) Regular ( )  
Ruim ( ) Peça inexistente ( )

**MOTIVO:** Geométrico ( ) Orgânico ( x ) Misto ( )

**SIMILARIDADE COM OUTRA PEÇA:**

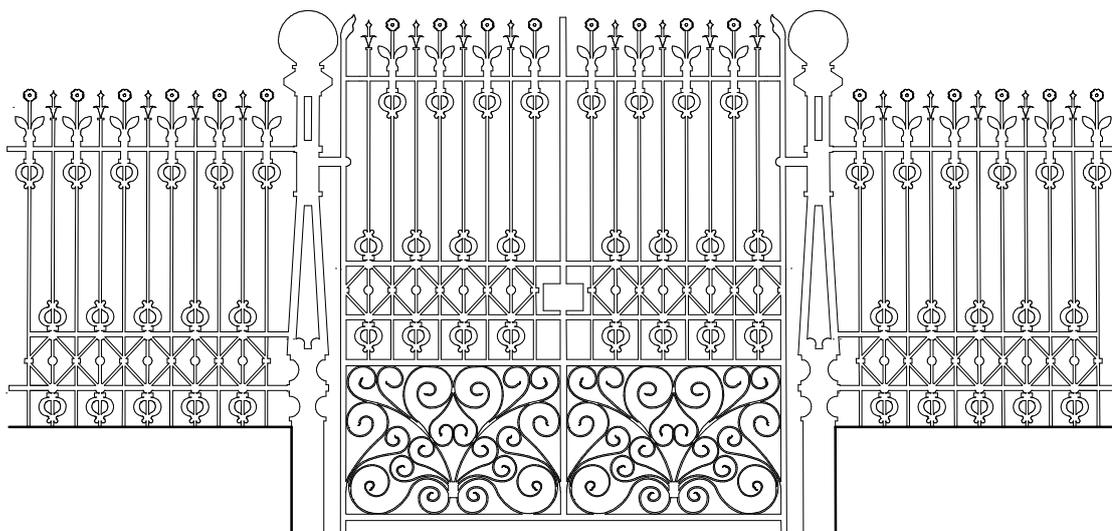
Sim ( ) Não ( x ) Qual?

### 5. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



Fonte: Acervo Maísa A. A. de Sousa Gomes, 2019.

### 4. DOCUMENTAÇÃO DA PEÇA REDESENHADA



4.1 Gradil frontal.  
Tamanho (módulo de repetição): 1,40m (A) x 2,00m (L), com 0,40m de altura da mureta.

4.2 Portão de entrada. Tamanho: 2,00m (A) x 2,20m (L).

4.3 Gradil frontal.  
Tamanho (módulo de repetição): 1,40m (A) x 2,00m (L), com 0,40m de altura da mureta.

